



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGC

AFETOS EM FORMAS DE VIOLÊNCIA

Uma análise jornalística das narrativas de violência contra mulheres na Paraíba

JANAÍNA LÚCIA DE ARAÚJO

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pereira.

JOÃO PESSOA - PB

2017

JANAÍNA LÚCIA DE ARAÚJO

AFETOS EM FORMAS DE VIOLÊNCIA

Uma análise jornalística das narrativas de violência contra mulheres na Paraíba

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como pré-requisito para a obtenção do título de Mestra, sob orientação do Prof. Dr. Wellington Pereira.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A658a Araújo, Janaína Lúcia de.

Afetos em formas de violência: uma análise jornalística
das narrativas de violência contra mulheres na Paraíba
/ Janaína Lúcia de Araújo. - João Pessoa, 2019.

96 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Jornalismo. 2. Afeto. 3. Cotidiano. 4. Ética. 5.
Violência contra Mulheres. I. Título

UFPB/BC

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGC

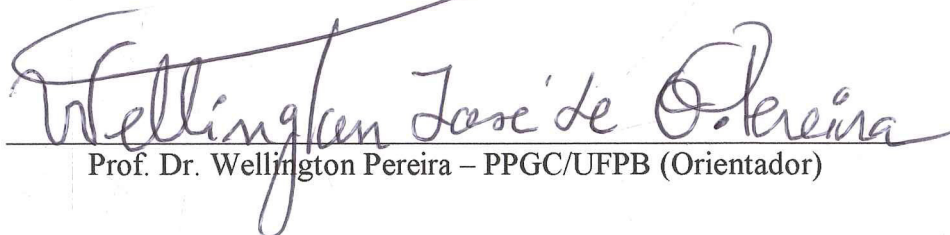
AFETOS EM FORMAS DE VIOLÊNCIA

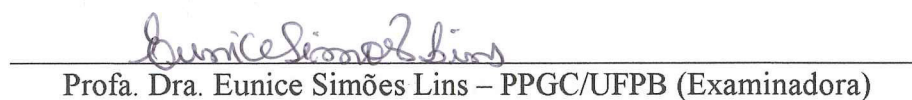
Uma análise jornalística das narrativas de violência contra mulheres na Paraíba

JANAÍNA LÚCIA DE ARAÚJO

Dissertação apresentada à banca examinadora constituídas pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Wellington Pereira – PPGC/UFPB (Orientador)


Profa. Dra. Eunice Simões Lins – PPGC/UFPB (Examinadora)

Prof. Dr. Pedro Nunes Filho – Dep. de Jornalismo/UFPB (Examinador)

Aprovada em 25 de agosto de 2017.

Às minhas e meus ancestrais.

Às minhas avós e avôs.

À minha mãe Lúcia.

Ao meu pai João Batista.

Às irmãs Jaqueline e Juliana e ao meu irmão Jonanthans.

Ao meu filho Caio.

Ao meus sobrinhos Gabriel e Alexandre.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador, Wellington Pereira, pela atenção no processo do encontro ao conhecimento de Spinoza e por me conduzir com afeto em nosso percurso acadêmico.

Aos professores Eunice Simões Lins e Pedro Nunes Filho, pelo cuidado, dedicação e participação na bancada examinadora.

Aos amigos e amigas do curso, Giovanni, Beth, Nyanne e tantas outras pessoas que estão trilhando o caminho do aprendizado.

A Clebson, pela ajuda durante o processo de identificação do material empírico, pelo apoio tecnológico e pelo incentivo afetivo aos estudos.

À minha amiga, Célia Varela, pelo apoio nas leituras, alegrias e caminhada por um coração ativo.

À Universidade Federal da Paraíba, pela coragem de acolher e levar adiante um Programa de Pós-Graduação, que discute Mídia, Cotidiano e Imaginário.

À Capes, que propiciou, com pontualidade, as condições materiais, para a realização da presente pesquisa acadêmica.

À alegria, pois é preciso atravessar todas as tristezas!

“O ódio que é inteiramente vencido
pelo amor converte-se em amor;
e o amor é, por isso, maior do que
se o ódio não o tivesse precedido.”
(Spinoza)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o afeto nas narrativas de violência contra a mulher publicadas nos jornais *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba* (extinto em 2016), de João Pessoa (PB), durante o ano de 2015. O estudo do afeto foi aplicado a partir dos postulados da obra *Ética*, do filósofo Baruch Spinoza (1632-1677). Foram identificadas inicialmente as linguagens afetivas nos discursos que permearam as publicações sobre *esperança e medo, amor e ódio, ciúme e inveja, arrependimento e perdão, e, por fim, desejo*. O corpus possui 17 matérias, num total de 48 notícias analisadas sobre o tema. A seleção foi qualitativa e o tipo da pesquisa documental. A pesquisa perpassa sobre como os afetos saem do campo da Ética de Spinoza e passam a ser empregados nas narrativas jornalísticas de violência contra mulheres como parte constituinte do enredo das notícias, usado para camuflar as relações humanas. Analisamos o material empírico a partir da Análise de Discurso e os seus procedimentos metodológicos aliado à Sociologia Compreensiva da Vida Cotidiana e aos teóricos de Comunicação, como Muniz Sodré, Cremilda Medina e Patrick Charaudeau.

Palavras-chave: Jornalismo. Afeto. Cotidiano. Ética. Violência contra Mulheres.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the affection in the reports regarding violence against woman published in the Correio da Paraíba newspapers and Paraíba Newspapers (extinct in 2016), at João Pessoa (PB), during the year of 2015. The study of affection was applied from the postulates of the ethic works of Baruch Spinoza (1632-1677). There has been identified initially affection languages at the speech's in which the publication had as principal subjects hope, fear, love, hate, jealous, envy, repentance, forgiveness and desire. The corpus possess seventeen subjects, in a total of forty-eight analyzed news. The selection was qualitative and the type of research was documented. The research occurs about the usage of affection leaving the ethical camp of Spinoza and passing to be associated in the reports of violence against woman as part constitutive of the reports plot, used to camouflage the human relations. The empiric material was analyzed from the Analysis of the Speech and his methodological procedures allied to the Comprehensive Sociology of Dayle life and to the communication theorists such as Muniz Sodre, Cremilda Medina and Patrick Charaudeau.

Keywords: Journalism. Affection. Ethic. Daily. Violence against woman.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Trajetória metodológica	14
1.2	Recorte do objeto	17
1.3	Objetos empíricos	18
1.4	Ferramenta de análise	19
2	ÉTICA E AFETO	21
2.1	Uma breve história subversiva	21
2.2	Aspectos morais	23
2.3	<i>Conatus</i> e potência	25
2.4	Ética do afeto	26
2.5	Síntese dos Afetos.....	29
2.6	Paixões	32
3	AFETO NO COTIDIANO	36
3.1	Cotidiano e estilo	36
3.2	Mídia e afeto	41
3.3	Gêneros de conhecimento	45
4	ANÁLISE: O AFETO NAS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	49
4.1	Contexto da violência contra mulheres	49
4.1.1	O assassinato de mulheres no Brasil	52
4.2	Afetos violentos nos jornais paraibanos.....	54
4.2.1	A ambivalência e encenação nas narrativas	54
4.2.2	Esperança e medo	56
4.2.3	Arrependimento e perdão	58
4.2.4	Ciúme, inveja e poder	60
4.2.5	O amor e o ódio	66
4.2.6	Desejo	74
5	CONCLUSÃO	76
	REFERÊNCIAS	78
	ANEXOS	83

1 INTRODUÇÃO

“Fui eu quem matou.”

(Jornal da Paraíba, 29.09.2015).

“Eu a amava demais. Tentei suicídio.”

“Não sou o que a mídia diz.”

(Jornal Correio da Paraíba, 29.09.2015).

Depoimentos do fotógrafo Gilberto Stuckert, condenado a 17 anos e seis meses de prisão pela morte da ex-mulher, a professora universitária Briggida Rosely de Azevedo Lourenço.

Enciumado, homem ateia fogo na casa e mata a esposa

(Capa do Jornal Correio da Paraíba, 27.07.2015)

Mulher é morta a tijoladas

“Segundo relatos, o ex-companheiro da vítima a viu com um namorado nessa festa. A suspeita é de que ele tenha ficado enciumado e por isso tenha matado a mulher”, informou o cabo Adair Cavalcante, da Central de Operações Policiais Militar.

(Jornal Correio da Paraíba, 27.07.2015)

As narrativas publicadas nos jornais impressos sobre violência contra mulheres nos levam diretamente para o campo dos enunciados nutridos pelas emoções mais violentas e agitadas vividas pelos seres humanos. Basta observarmos estes trechos publicados nos jornais acima para sermos afetados pelo ódio, medo, inveja, ambição e remorso.

A proposta central do presente trabalho é analisar como estes termos afetivos são construídos nas narrativas de violência contra mulheres, a partir das teorias sobre o afeto da *Ética*, de Spinoza (2013), *Sociologia Compreensiva da Vida Cotidiana* (CORREIA, 2005; MAFFESOLI, 1995, 1997, 2001, 2014), unida à teóricos de Comunicação, como Muniz Sodré (2006, 2012), Cremilda Medina (2003, 2006) e Patrick Charaudeau (2006).

Cabe então começar dizendo que nossa análise pretende, desde já, verificar quais os afetos mais presentes nessas narrativas e quais sentidos são atribuídos a eles pelos jornais *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba* (extinto em 2016), ambos de João Pessoa (PB), durante o ano de 2015.

Caminhando nessa direção, nossa intuição diz que a obra teórica de Spinoza nos ajudará a compreender o entrelace do afeto construído nas narrativas, cujos termos podem ser empregados dentro de modelos midiáticos para a espetacularização da violência contra mulheres, descaracterizando-os dos seus sentidos afetivos primários: alegria, tristeza e desejo e suas variáveis: amor, ódio, ciúme etc.

Para a verificação dos termos afetivos, enfrentamos um caminho árduo de observação do noticiário dos casos envolvendo as narrativas de violência contra mulheres escolhidas

durante um ano de publicação, um trabalho minucioso de verificação nas edições dos dois jornais envolvidos.

Mas antes de chegarmos nesta etapa de coleta do material empírico, buscamos compreender as definições sobre os conceitos para trabalharmos nesta pesquisa, com base nos estudos da terceira parte da *Ética* sobre *A origem e a natureza dos afetos* (SPINOZA, 2013).

Para entendermos o afeto com suas inúmeras variações e flutuações de ânimo como deflagrador de nosso aumento de potência (essência, existência de ser, ou nossa capacidade de nos recriarmos e agirmos no mundo), que pode ser modulado por uma ação ou por uma passividade, de acordo com os nossos desejos, tivemos que buscar diversas fontes e autores para entendermos a linguagem spinozista.

Não foi uma tarefa fácil, pois assim como outros pesquisadores, ainda é difícil encontrar publicações de livros em português “dedicados à teoria da afetividade em Spinoza, referindo-se particularmente a esse tema ou abordando-o no contexto mais amplo da *Ética*” (GLEIZER, 2011, p. 699).

Buscamos nesta primeira parte da pesquisa estruturar um diálogo com Spinoza, considerado por alguns (NEGRI, 2016; DELEUZE, 2002) um subversivo para sua época, um santo excomungado para outros (BENJAMIN, 2014) ou um libertador das nossas amarras mentais não sobre a vontade, mas sobre a razão da alegria reencontrada em Galileu e Einstein. Ou, ainda, como diriam outros pesquisadores, um buscador do constante reencontro entre nossa mente finita com a mente infinita (CALERI, 2014).

Assim, a partir de Spinoza, amado por uns e odiado por outros, entenderemos por afeto as “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2013, p. 98).

Essa revolução de propor uma junção entre corpo e mente já pode ser observada nesta explicação, quando ele nos aponta que a partir do conhecimento desses afetos poderemos finalmente romper com um mundo imaginário de projeções, que busca no Outro, uma resposta para sua própria completude.

Para Chauí (2017), o ato de conhecer tem que ser um ato afetivo. Essa é a única possibilidade de a *Ética* ser colocada em prática. “A *Ética* é um movimento de reflexão e interiorização, no qual a mente interpreta os afetos e de seu corpo, afastando causas externas imaginárias e descobrindo-se como causas reais dos seus apetites e dos seus desejos” (CHAUÍ, 2017, [s.p.]).

Toda a nossa reflexão nesta primeira parte nos leva para um campo onde o exercício dos afetos pode nos libertar, autorizando-nos a viver como sujeitos éticos a partir da virtude (CHAUÍ, 2002), não a virtude aristotélica baseada no finalismo, no qual já nascemos com aptidões para assumirmos no mundo cósmico, mas a virtude no seu sentido mais etimológico de *virtus* (força). A partir do conhecimento dessa força interna que Spinoza chama de *conatus* é que poderemos nos tornar sujeitos éticos.

Podemos afirmar desde já que começamos a entender que interpretar os afetos significa dar um passo em direção à autorresponsabilidade pela construção de nossa visão de mundo e da nossa vida afetiva. Transpormos a barreira de sujeitos passivos para sujeitos ativos. Deixarmos de amar passivamente para amar ativamente.

Quando paramos de responsabilizar as coisas e os outros pelos sentimentos que temos, quando descobrimos que o afeto vai de mim para os outros, que somos a fonte da nossa vida afetiva, que não podemos culpar, nem elogiar, nem responsabilizar os outros pelos nossos sentimentos, daremos um salto qualitativo da paixão para ação. (CHAUÍ, 2017, [s.p.]).

Entendendo que é a partir da interpretação desses afetos que geramos um lugar autônomo do sujeito ético, podemos afirmar que o afeto é o fio condutor de toda a nossa pesquisa. Voltando à questão sobre o enlace da Ética e o afeto no jornalismo, adiantaremos nossa discussão trazendo a seguinte questão: Como o afeto é representado na mídia? Quais as estratégias utilizadas?

Sabemos que a linguagem jornalística na imprensa é feita de palavras, imagens e gráficos que repassam objetividades concretas, por um aspecto, mas por outro, apresenta intersubjetividades que nos levam para além das aparências do sentido informativo. As narrativas no jornalismo são suscetíveis a interpretações sutis porque lidam com as emoções e a sua leitura proporciona tensões afetivas porque nos toca pelo extraordinário, dramático, colocando em destaque o lado negativo das relações, das rupturas e dos grandes finais.

A partir dos estudos do Cotidiano e do Jornalismo, podemos entender como o afeto é o elo que interliga os homens entre si a partir de suas práticas em sociedade. Sentimentos afetivos “como o amor, amizade, atração e discrição e seus contrários formam conexões de representação do social” (TEDESCO, 2003, p. 120).

Tedesco lembra ainda que Simmel, uma das fontes filosóficas que influenciaram Michel Maffesoli, tentou mostrar a força das emoções, isto é, dos atributos afetivos para a manutenção ou desintegração das relações sociais. A relação sujeito-objeto vê-se

presentificada a partir do sensível e de suas materializações possíveis nos processos jornalísticos (MEDINA, 2003, 2006).

O afeto no jornalismo, de acordo com o artigo *A construção do afeto no jornalismo impresso* (PEREIRA, 2013), seria o resultado no qual não só o sujeito e o objeto se veem tensionados, mas onde se atentaria para as potencialidades e necessidades da relação sujeito-sujeito nas práticas cotidianas que dão a conhecer o mundo. O jornalismo como forma de conhecimento na sociedade é ator principal, na contemporaneidade, da “arte de tecer o presente” (PEREIRA, 2013).

Como resposta a essas questões, pudemos identificar que o “presente” é refletido numa liga chamada afetos que servem como atração emotiva de atingir e afetar por meio de discursos midiáticos, com excentricidade e objetivos de “arrebatar os indivíduos ao mesmo tempo que eles são arrebatados” (SIMMEL, 2006, p. 53).

Essa simultaneidade de apelar para os afetos nos discursos midiáticos raramente é colocada dentro de uma articulação de debates e análises, servindo apenas com a pretensão de relatar o fatos e ditos nas notícias, espetacularizando-as, uma das características que pudemos constatar.

Avançaremos com essa questão, na terceira parte, buscando acompanhar os processos que engendram os afetos nessa teia de modificações de ditos e não ditos dentro das narrativas, onde os relatos são transformados em representações da realidade, repletos de construções, no gênero notícia.

A partir da leitura sobre as variáveis dos afetos em Spinoza fizemos o nosso percurso para identificar quais afetos surgiram durante a coleta do material empírico. Para enfrentar esse primeiro desafio foi necessário produzir cortes no que concebemos ser da ordem do emocional.

Neste processo de redução, encontramos 48 notícias. Destas, trabalhamos com o recorte do *corpus* de 15 notícias relacionadas às linguagens afetivas nas narrativas de violência contra mulheres. Na nossa pesquisa conseguimos identificar nove afetos que se sequenciam: *esperança e medo, amor e ódio, ciúme e inveja, arrependimento e perdão, e, por fim, desejo*.

Desta forma, construímos a dissertação em três fases. A primeira elencando os conceitos de afeto em Spinoza, definindo suas categorias e compreendendo a atualidade da Ética do Afeto. Num segundo momento, entendemos o afeto no contexto do cotidiano e do jornalismo e seu retorno em espiral representado através das narrativas jornalísticas, e, por último, encerramos com as análises do *corpus* definido com o intuito de trabalhar como o

discurso jornalístico que enuncia a violência contra mulheres a partir desses afetos estabelecidos pela *Ética*, de Spinoza, que servem de modelos de espetacularização da violência contra mulheres, descaracterizando-a dentro de um processo de banalização e/ou legitimação naturalizando-a.

1.1 Trajetória metodológica

A ferramenta metodológica desta pesquisa é dividida em três etapas: a primeira é observar sob a ótica de preceitos fenomenológicos como o discurso jornalístico enuncia os afetos nas narrativas de violência contra a mulher, a partir dos conceitos propostos na parte III da *Ética*, de Spinoza.

A segunda parte é discutida a partir dos recortes de jornais, de acordo com a observação no gênero notícia escolhidos no período de janeiro a dezembro de 2015. Na última parte, demonstraremos com auxílio da ferramenta da Análise de Discurso, como os afetos são descaracterizados para legitimar a violência contra mulheres nos jornais paraibanos.

Como o nome sugere, a abordagem fenomenológica já indica que não estamos buscando uma verdade definitiva ou explicativa em relação ao objeto pesquisado, mas nos ocupando de compreender os significados atribuídos ao fenômeno, repousando no próprio objeto, que apresenta suas características naturalmente.

Neste processo de abordagem, buscamos trabalhar com as teorias de Alfred Schutz¹ discutidas por Correia (2005) e Tedesco (2003). Os dois autores nos ajudam a relacionar o cotidiano com os estudos do jornalismo. A metodologia schutziana defende a proposta compreensiva de Husserl² e estimula o trabalho intuitivo na pesquisa, abandonando as evidências diretas para alcançar evidências reflexivas.

¹ Em *A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz*, João Carlos Correia explica, a partir de Traquina (2002, 1998), conceitos de relevância e tipificação: Schutz construiu a teoria de que a relevância constitui um dispositivo pelo qual se elege o que é importante para um ator ou para um grupo ou sistema social. A estrutura de relevâncias é muito mais que um simples processo de escolha. O saber de reconhecimento não é pura determinação *ex-nihilo* de uma especial capacidade para escolher notícias. Se assim fosse estaríamos perante uma versão sofisticada da velha teoria da notícia como espelho da realidade (cf. TRAQUINA, 2002, p. 94-95). Os media não se limitam ao que é importante, mas ajudam a determinar ou reforçar o que é importante. O segundo conceito de tipificação de Schutz diz que é o modo pelo qual o ator, na sua vida cotidiana, se apercebe dos objetos do mundo social. Através de tipos qualificamos determinadas porções do mundo da vida. É o lidar com o novo já conhecido, sob forma de acontecimento. Há que relacionar o acontecimento-notícia com a realidade social a partir da construção da realidade como produção de sentido através da prática produtiva e das rotinas organizadas da profissão jornalística.

² Husserl (1859-1938) estabeleceu a escola da Fenomenologia e rompeu com as orientações positivistas da Ciência. Este faz uma crítica ao psicologismo e à concepção da lógica. Sua primeira questão é o que significa significar? Consagra a intencionalidade e intuição como as diferentes maneiras dentre as quais uma significação vazia vem a ser preenchida por uma presença intuitiva, é isto que é descrever

De certa forma, concede ao pesquisador uma abertura para formulação do problema, coleta dos dados e redação da pesquisa. No nosso caso, evitou olharmos para as matérias dos jornais com uma visão preconcebida e construída na relação com o objeto, mas numa abertura a partir da redução fenomenológica.

É pela redução fenomenológica, suspendendo a crença do investigador na existência factual do mundo externo, que é possível revelar os atos intencionais pelos quais os fenômenos são constituídos na consciência. [...] Para cada ato de consciência há um referente específico. Não existe nada como o pensamento, o medo, a fantasia, a memória como tais: cada pensamento é pensamento sobre, cada medo é medo de, cada lembrança é lembrança de um objeto que é pensado e rememorado. (CORREIA, 2005, p. 34 e 35).

Deste modo, a Fenomenologia, como coloca Correia (2005), propõe-se a olhar para os significados intersubjetivos das relações. Surge assim um lugar de investigação além das aparências, o conceito de “Mundo da Vida” ou o mundo das evidências e da experiência cotidiana, que corroborou com a influência do pensamento contemporâneo de Michel Mafessoli, em direção às pesquisas que incluem o acesso ao universo das atitudes emocionais e aos insignificantes isolados que dão base à cotidianidade.

Trabalhar com a abordagem fenomenológica aplicada às análises de comunicação através do jornalismo é buscar refletir sobre as notícias como construção social da realidade (CORREIA, 2005). Assim, entender que os discursos da imprensa não se limitam apenas à escolha dos acontecimentos e não se restringem apenas a uma ação aleatória na descrição de fatos, mas ajudam a reforçar ou determinar o que é importante. No jornalismo são criadas visões de mundo, com representações de realidades, classificações e modelos referenciais com repertório próprio.

Quem nos ajuda nesse percurso de compreender a notícia como representação social é Charaudeau (2006, p. 19), que trabalha com a informação como linguagem que apresenta opacidade através da qual se constrói uma visão deformada da realidade.

A ideologia do mostrar a qualquer preço, do tornar visível o invisível e do selecionar o que é mais surpreendente (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos da mídia, mas bem afastadas do reflexo fiel. (CHARAUDEAU, 2006, p. 20).

Esse direcionamento nos leva à reflexão da construção de um mundo regido por uma lógica simbólica, que constrói valores e produz sentidos através de narrativas reconstituídas e

fenomenologicamente a significação. Para ele, a intencionalidade é a propriedade notável da consciência. (RICOEUR, 2009).

aponta a importância de analisarmos essa prática cotidiana nos jornais por meio da abordagem fenomenológica.

Buscamos desta forma compreender nas notícias que enunciam os afetos nas narrativas de violência contra a mulher, verificadas nesta pesquisa, quais foram as representações atribuídas e a produção de sentidos concedida fazendo um paralelo bem específico com os seus significados na *Ética*, de Spinoza.

Sob o ponto de vista da análise de comunicação, a abordagem fenomenológica nos autoriza a inserir estudos filosóficos dentro da problemática para depois interrogarmos a respeito do valor simbólico dessas representações a partir do método indutivo, que permite observar os efeitos de significância que o objeto produz na troca social.

Para Charaudeau (2006, p. 22), cada abordagem é interdisciplinar, mas uma não exclui a outra, considerando que “uma das características das ciências humanas é a possível e necessária articulação entre diferentes abordagens”. Desta maneira, Tedesco (2003, p. 40) reforça que a “linguagem cotidiana esconde uma riqueza de visões tipificadas e previamente construídas, já elaboradas nas ações mais ordinárias e que guardam conteúdos inexplorados; há uma reciprocidade de perspectivas que estrutura o mundo da vida do indivíduo”.

Essa visão da fenomenologia, a partir de Schutz, valoriza o sujeito se conhecendo e encontrando na sua vida cotidiana um *stock* disponível de linguagens que servem para interpretar experiências passadas, presentes e antecipações futuras. Este método de abordagem ajuda a entender como informações intersubjetivamente partilhadas se fundem, através da comunicação, em objetividades, e como as experiências ganham significados específicos num ambiente estratificado.

Encontramos na fenomenologia a possibilidade de observar que as notícias se reconfiguram a partir da interpretação de visões de mundo e que podemos olhar sob o viés da comunicação unindo à filosofia.

Assim, a teoria da comunicação de Schutz trabalha com a percepção da existência de realidades múltiplas que apontam para uma pluralidade de situações comunicativas, que perpassam pela estranheza, pelo assombro, pelo intersubjetividade, pois as informações e experiências da vida cotidiana não são idênticas às apresentadas pelo espaço midiático.

Essa lacuna submersa entre o que é dito e o que fica camuflado, nós podemos compreender a partir da noção fenomenológica aplicada às análises de comunicação. Consideramo-la primordial para o jornalismo, pois nos abre um campo de possibilidades para entendermos as narrativas como elas aparecem, suas intencionalidades, representações e sentidos.

1.2 Recorte do objeto

A partir dessa escolha de abordagem, realizamos o recorte do objeto mediante a clipagem de matérias publicadas entre janeiro e dezembro de 2015. A opção por este feixe temporal de um ano se justifica pela importância de identificar nos jornais a primeira seleção de notícias que enunciassem narrativas de casos de violência contra mulheres. Foram clipadas 677 edições, destas 313 edições do *Jornal da Paraíba* e 364 edições do *Correio da Paraíba*.

Como estamos lidando com um fenômeno complexo, a violência contra mulheres, que se reflete na enorme variedade de termos utilizados para conceituá-la: violência doméstica, violência intrafamiliar, violência conjugal, violência de gênero, optamos em trabalhar com a definição da Lei 11.340 de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha. No texto legal, a violência contra a mulher é definida: “Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe causa morte, lesão, sofrimento físico, sexual e dano moral ou patrimonial”.

A partir desse recorte do conceito sobre violência contra mulheres fizemos a primeira seleção, quando identificamos 122 notícias relacionadas à violência contra mulheres, destas 48 tiveram enunciados utilizando termos afetivos selecionados de acordo com conceito de Spinoza. Os termos localizados estão relacionados à *esperança e medo, amor e ódio, ciúme e inveja, arrependimento e perdão, e, por fim, desejo*.

Para a análise dessas 48 notícias, restringimos a coleta de discursos para análise em 15 notícias veiculadas nos cadernos de Cidades e páginas de Geral e Últimas. Selecionamos 4 do *Jornal da Paraíba* e 9 do *Correio*.

A quantidade de matérias e a diferença entre um jornal e outro seguem os critérios estabelecidos pela pesquisa: matérias que contivessem a maior presença de termos afetivos em títulos e/ou subtítulos e no discurso direto de famílias, agressores e fontes oficiais, como delegadas e delegados.

Após toda a etapa de identificação e seleção das notícias, investigamos com base na noção de Ética de Spinoza, como os termos afetivos do contexto filosófico servem de modelos midiáticos para a espetacularização da violência contra mulheres, descaracterizando-os de acordo com seus significados.

Recorremos à compreensão dos enunciados com base nas características da narrativa midiática proposta por Patrick Charaudeau (2006), que buscou identificar como o relato dos acontecimentos tem como consequência sua construção midiática. As notícias compreendem

fatos com o comportamento de indivíduos e ditos que adquirem valor de testemunho, ora de decisão e ora de reação.

O motivo de cliparmos o período de um ano se justifica por rastreamos a identificação da temática nos jornais para depois chegarmos ao nosso objeto final que demonstrasse a presença dos afetos a partir da Ética spinozista, que discute, particularmente, como podemos dar um salto qualitativo da paixão para a ação.

Nesse caminho, ficou evidente que nossa percepção se debruçou em analisar como o conceito de afeto nas narrativas de violência contra mulheres é construído pelos meios de comunicação paraibanos.

1.3 Objetos empíricos

Nesta análise, foram escolhidos os dois únicos jornais paraibanos que apresentavam as mesmas características por serem oriundos da iniciativa privada e semelhantes na disposição do formato gráfico e conteúdo: o *Correio da Paraíba* e o *Jornal da Paraíba*. Ambos são periódicos locais e diários, apenas o *Correio* ainda em circulação, com venda por assinatura.

Automaticamente, excluem-se os jornais *A União* (produto do governo estadual) e o *Já* (tabloide popular, vendido avulso), o que garante atualidade à pesquisa, bem como parâmetros analíticos semelhantes.

O *Correio da Paraíba* integra o leque de produtos do Sistema Correio de Comunicação, que possui duas emissoras de televisão – a TV Correio (canal aberto afiliado à Rede Record) e a RCTV (canal por assinatura) –, várias rádios, um portal de notícias *on-line* (Portal Correio) e o referido *Já*, tabloide impresso vendido a R\$ 0,50 que visa a alcançar as camadas mais populares, prezando por linguagem e temas coloquiais.

O jornal *Correio da Paraíba* foi fundado em 05 de agosto de 1953 pelo empresário Teotônio Neto e, aos 60 anos, ainda é um dos veículos mais lidos da Paraíba. Sua comercialização se dá através de assinaturas – que podem ser tanto em papel, quanto *on-line*, ou ambas –, ou através da compra avulsa, em bancas ou através de gazeteiros, sob os valores de R\$ 1,50 (de segunda a sábado) e R\$ 2,50 (aos domingos).

O *Jornal da Paraíba*, por sua vez, fazia parte do Sistema Paraíba de Comunicação, composto por um canal de televisão aberto – TV Cabo Branco, afiliada à Rede Globo de Televisão –, um portal de notícias *on-line* (G1 Paraíba) e várias rádios. Sua extinção foi em abril de 2016. Tinha 45 anos de existência. O presidente do Sistema Paraíba de Comunicação, Eduardo Carlos, emitiu nota sobre a extinção da plataforma impressa:

Caros colaboradores, a partir da próxima terça-feira (12/04), o Jornal da Paraíba deixa de circular em sua edição impressa. O seu conteúdo migrará para o formato digital. A decisão de interromper a circulação impressa segue uma tendência mundial, resultado do crescimento das plataformas digitais. Mas, também, está relacionada ao agravamento da atual crise brasileira, que atinge o setor produtivo em seus mais diversos segmentos. Suspender a circulação impressa de um jornal com quase 45 anos não foi uma decisão fácil. Sabemos do papel desempenhado pelo Jornal da Paraíba, da sua história, do seu compromisso com o desenvolvimento do nosso Estado. Como sabemos de que modo uma decisão como esta atinge o capital humano que empresta sua força de trabalho ao crescimento das nossas empresas. Mas foi necessário fazê-lo. Não vou mencionar nomes para não cometer injustiças. Expresso aqui o nosso agradecimento a todos, mas todos mesmo, os que, ao longo dessas quatro décadas e meia, fizeram o Jornal da Paraíba ser o que ele é. E torço, muito sinceramente, para que os que nos deixam reencontrem o seu lugar no mercado de trabalho. Atenciosamente, Eduardo Carlos Presidente da Rede Paraíba de Comunicação³.

Os dois periódicos *on-line*, ambos reproduzem integralmente as edições impressas através dos sites www.jornaldaparaiba.com.br e www.correiodaparaiba.com.br

1.4 Ferramenta de análise

A ferramenta que utilizamos neste trabalho buscou um viés qualitativo de interpretação a partir da Análise de Discurso (AD), de Patrick Charaudeau (2006), que nos serviu de método para a pesquisa do texto jornalístico. Considera o discurso como uma teia interligada por visões de sociedade e o texto como um enunciado, que se apresenta como sujeito, que entra na comunicação e se mostra na enunciação (FIGARO, 2012).

Sobre o texto como estilo, Figaro (2012) trata-o como um “tecido confeccionado por uma inteligência; desse ponto de vista, tem um responsável, um autor: uma industriosa máquina humana de produção e quando enunciado torna-se discurso” (FIGARO, 2012, p. 13).

Para Charaudeau e Mainguenu (2006, p. 193) a enunciação “constitui o pivô da relação entre língua e mundo: por um lado permite representar fatos no enunciado, mas, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e espaço”.

É nessa tentativa de compreender o fato como discurso relatado que vamos trabalhar com o método proposto para identificar características da narrativa construída pela instância midiática a partir de escolhas seguindo uma série de roteiros, como diegese, casualidade e dramatização. A instância midiática institui-se num meganarrador, incluindo a fonte de informação, o jornalista e a redação.

³ Disponível em: < <http://www.paraiba.com.br/2016/04/08/32818-jornal-da-paraiba-deixa-de-circular-no-proximo-domingo-e-presidente-lamenta>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

Para construir sua narrativa, uma de formas é a narrativa de reconstituição, que vamos analisar nesta pesquisa. A narrativa de reconstituição se encontra numa posição ambígua e apresenta as variantes de abertura (ataque) apresentando uma dramatização, reconstituição dos fatos, um comentário explicativo e, por fim, o meganarrador, fechando a narrativa.

Desse modo, é possível entender que o discurso fundado no jornalismo é perpassado por uma série de filtragens implícitas que se apresentam dentro de um formato que remonta outros discursos e reaparece com uma vestimenta nova e atualizada simbolicamente. Essa é uma concepção própria da AD, a qual defende que nenhum enunciado é neutro, ou seja, não existe um discurso jornalístico neutro.

Segundo José Luiz Fiorin (1988), os efeitos de sentidos de objetividade são meras criações de linguagem. Para ele, o “texto é manifestação de um discurso por meio de um plano de expressão” (FIORIN, 1988, p. 13). Ao afirmar “plano de expressão” o que se pretende é desvelar que existe um sujeito, que se mostra e se revela na enunciação.

Os jornalistas apregoam que seu discurso é objetivo e neutro. Não há objetividade e neutralidade no discurso porque, mesmo quando se cria um efeito de objetividade, o ponto de vista do sujeito vai estar marcado por substantivos, adjetivos etc. (FIORIN, 2012, p. 58). E o método de análise discursiva ajuda o pesquisador na identificação desses vestígios dos efeitos.

Por isso, para Charaudeau (2006, p. 131), “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como fragmento do real”. O texto objetivo é então um lugar enunciativo sempre assinalado pela percepção do jornalista, restando-lhe elaborar uma estrutura de discurso que direcione as pessoas leitoras em direção a um campo específico de olhar o mundo. É nesta opção de método de procedimento que vamos trilhar.

2 ÉTICA E AFETO

2.1 Uma breve história subversiva

Considerado por Gilles Deleuze (2002) o Príncipe dos Filósofos, Spinoza nasceu em uma família de judeus marranos, no ano de 1632, em Amsterdã, recebendo o prenome de Bento (em português), Baruch (em hebraico) ou Benedictus (em latim). Os marranos eram judeus convertidos à força ao catolicismo, os chamados cristãos-novos. Todos os antepassados de Spinoza viveram na Espanha, mas a partir de 1492, portugueses e espanhóis começaram a retomada dos territórios a partir da religião e novamente a expulsão ou conversão de judeus foi imposta.

Nessa época, muitos migraram para a Holanda em busca da liberdade de culto, garantida pela primeira Constituição dos Países Baixos, promulgada em 1579, e por melhores oportunidades de trabalho. Assim fez a família de Spinoza ao buscar Amsterdã. Pouco se sabe sobre a sua infância. Seu pai era comerciante e investiu na sua educação religiosa. Spinoza, ao longo de sua participação na comunidade judaica, foi considerado uma esperança para a sinagoga, por dominar com grande erudição a cultura de sua religião.

No entanto, ao longo da sua vida, Spinoza adota um caminho com estilo próprio. Influenciado pela convivência de grupos e amigos, ele questionava sobre a imposição dos valores religiosos ortodoxos e da forma de governo exercida pela Monarquia. Pensadores que influenciaram Spinoza nesse corte com a hegemonia de pensamento da época, o pensador holandês Juan de Prado e o contemporâneo Leon Hebreu, afetaram diretamente a forma de concepção de mundo do jovem Spinoza: os dois negavam a verdade das Escrituras e do próprio Deus, substituindo-o por um Deus-Natureza. Ambos defendiam a razão como forma de conhecimento. Prado era contrário à existência do poder da fé e, hebreu, concebia o mundo baseado no amor como força cósmica.

Influenciado por esses pensadores, Spinoza começava então a construir uma história própria e totalmente subversiva. Aos 24 anos de idade, por conta das suas ideias e da participação em movimentos dissidentes do judaísmo, ele foi excomungado e acusado de ateu e herege. Sua famosa expulsão foi o máximo do isolamento na época: sem amigos, sem apoio, sem ninguém que lhe preste ajuda ou dê atenção ao seus escritos, assim foi publicada sua expulsão:

Pela decisão dos anjos e julgamento dos santos, excomungamos, expulsamos, execramos e maldizemos Baruch de Spinoza [...] Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja quando se deita e maldito seja quando se levanta; maldito seja quando sai, maldito seja quando regressa [...] Ordenamos que ninguém mantenha com ele comunicação oral ou escrita, que ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto a menos de quatro jardas, que ninguém leia nada escrito ou transcrito por ele. (FISCHER, 2014, p. 34).

Depois de sua expulsão, Spinoza larga os estudos judaicos e considera a cabala uma superstição e o Estado monárquico como soberano e opressor. Solitário, depois da morte do pai, ele deixa o trabalho na empresa da família e busca o ofício de polidor de lentes, sua única forma de sustento financeiro.

No âmbito religioso, Spinoza, embriagado pelas ideias sobre Deus, supera a concepção do Deus transcendente do judaísmo e cristianismo, onde o mundo está separado dele e os valores são do além. Na Idade Moderna, isso é modificado quando se passa a buscar a divindade dentro do mundo. Ajudado pela Física e a Astronomia, que deram grandes passos nessa direção, além do Renascimento e a Reforma, assim, Spinoza nas suas exposições propõe uma reviravolta: a imanência de Deus, ou, que Deus era “o próprio universo, e suas leis eram as leis da natureza. O conhecimento da natureza era, por isso, conhecimento de Deus” (BENJAMIN, 2014, p. 9).

No âmbito filosófico, Spinoza se dedica principalmente aos estudos de Descartes. Com relação ao filósofo francês, ele estudará sua obra e produzirá um texto criticando alguns dos seus conceitos. Os principais pontos de discórdia são: a separação entre corpo e alma, a existência de mais de uma substância, a concepção de razão como sendo própria do humano. Spinoza definitivamente não concorda com essas concepções.

Para Spinoza, Deus é razão e a única substância que se autoproduz e produz todas as coisas. Como não existe criador separado da criatura, o que existe para ele é apenas uma potência que produz tudo e como as produz se expressa nelas. Essa potência é autossurgida, num processo de criação constante.

Spinoza também discutia a liberdade da consciência e expressão. Em sua abordagem sobre questões políticas, ele fazia questionamentos sobre a relação do povo com a escravidão, os desafios da conquista e manutenção da liberdade, além de discutir a religião como produtora de guerra, intolerância, violência.

Por ser considerado *persona non grata* por causa dos seus pensamentos, ele passou por muitas pressões e desgastes chegando à experiência insólita de ser esfaqueado na rua por descontentes com a sua maneira de agir e defender princípios libertários. Mesmo enfrentando muitas dificuldades e vivendo em isolamento, Spinoza nunca desistiu de trabalhar em busca

da liberdade e da potência de agir. Por conta disso, rejeitou trabalhar como convidado numa universidade.

Muitos que o admiravam o invocavam como um vento, um sopro. Como afirma Deleuze (2002), trata-se do grande sopro calmo de que fala Delbos como filósofo. “O seu caráter único faz dele um encontro, um amor” (DELEUZE, 2002, p. 135). Sua obra revela a intenção da compreensão da união da potência finita com a potência infinita, que é para ele a suprema liberdade.

Em 21 de fevereiro de 1677, vivendo com simplicidade e discretamente, Spinoza morre com problemas pulmonares no sótão de sua casa ao lado de um amigo. Sua obra, desde então, é reconhecida e sua importância em pesquisas ressurgiu até hoje no nosso mundo contemporâneo.

2.2 Aspectos morais

Spinoza (2013) fez perguntas clássicas para se aprofundar nos seus estudos filosóficos. O problema que ele se propôs a resolver foi: Se homens tem diferentes vidas e escolhas, como se deveria viver? Para isso, começou a olhar o seu próprio mundo e observou que riqueza, honrarias e prazeres são os valores que mais se destacam no cotidiano.

O filósofo questionava se realmente somos capazes de andar no mundo reunindo as duas condições, unindo os prazeres e a liberdade da alma. Segundo Benjamin (2014), foi assim que Spinoza enfrentou seu primeiro desafio de caráter moral: entregar-se aos prazeres vulgares arriscando-se a perder a felicidade suprema que pode ser alcançada ou incerta ou renunciar a esta condição para conseguir satisfazer sua essência ou sua condição de ser.

Spinoza enfrenta desta maneira uma longa crise, que será decisiva. Suas tentativas de assegurar um bem supremo sem mudar seu estilo de vida fracassaram, pois para ele não se teria como andar em dois caminhos ao mesmo tempo.

De tanto refletir sobre esta contradição, na qual o amor a objetos perecíveis é fonte de aniquilamento e mesmo, após esta constatação, não poderia se expulsar do corpo a avareza, volúpia e glória, o filósofo busca um remédio e consegue atingi-lo, conforme, cita Brunschicg (2014):

A felicidade e infelicidade dependem da qualidade do objeto que nós associamos por amor. A alma que se desprende do domínio dos bens sensíveis desprende-se da infelicidade; livre para amar o que é isento de contradição, de paixão e de dor, pois não está no tempo, ela se libera para a felicidade. (BRUNSCHICG, 2014, p. 134).

No início do seu *Tratado da Correção do Intelecto*⁴, Spinoza trata dessa experiência pela qual passou:

A experiência me ensinou que são vãs e fúteis todas as coisas que encontramos na vida corrente. Vi que todas as causas e objetos de nossos temores não têm em si nada de bom ou de mau, a não ser na medida em que a alma é tocada por eles. Resolvi investigar se havia algo que fosse o verdadeiro bem, capaz de se comunicar e de se tornar, com exclusão de qualquer outra coisa, a única afecção da alma. Se, em suma, existia algo cuja descoberta e cuja conquista me fariam gozar eternamente uma alegria contínua e soberana. (FISCHER, 2014, p. 53).

No seu isolamento, ele estrutura uma enquete metódica para trilhar o chamado caminho correto, onde os bens materiais não deveriam ser procurados como uma finalidade de vida, riqueza, prazer e glória. Desta maneira, objetos e prazeres deixam de ser obstáculos. Spinoza ajusta sua própria conduta pessoal a esta conduta ética onde a vida exterior deve ser coerente com a vida interior e defende que ela só será boa enquanto for condição para a liberdade da alma. O método “spinozista” une então lógica, metafísica e moral para criar uma filosofia.

Para os amigos de Spinoza essa filosofia tinha um caráter selvagem e irredutível, mas para seus inimigos era considerada uma anomalia (NEGRI, 2016). Por isso foi possível dizer que a filosofia de Spinoza não comporta uma moral entendida como isolada e autônoma.

Deleuze (2002) explica que a Ética substitui a Moral em Spinoza, isto é, a Moral é sempre relacionada à existência, a valores transcendentos. “A Moral é o julgamento de Deus, o sistema de Julgamento. Mas, a Ética desarticula o sistema de julgamento. A oposição de valores (Bem/Mal) é substituída pela existência qualitativa dos modos de existência (Bom/Mau)” (DELEUZE, 2002, p. 29).

Deleuze (2002, p. 31) explica que a “Lei é sempre a instância transcendente que determina a oposição dos valores Bem/Mal, mas o conhecimento é sempre a potência imanente que determina a diferença qualitativa dos modos de existência bom/mau”.

Será dito bom (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros unindo-se ao que convém a sua natureza e compondo-se com relações combináveis para aumentar sua potência – a bondade tem a ver com o dinamismo, a potência e a composição de potências. Dir-se-á mau (ou escravo, ou fraco ou insensato) aquele que vive ao acaso dos encontros contentando-se em sofrer as consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência. [...] O mau mede-se pela diminuição da potência de agir (tristeza-ódio); o bom, pelo aumento

⁴ O primeiro livro de Spinoza, o *Tractatus de intellectus emendatione* (*Tratado sobre o aprimoramento do intelecto*), de cujo início foram extraídas as citações, infelizmente se manteve fragmentado. (FISCHER, 2014, p. 53).

dessa mesma potência (alegria-amor); o que envolve a tristeza serve à tirania e à opressão. (DELEUZE, 2002, p. 29).

Desta forma, Spinoza se propõe a viver o sistema filosófico que ele mesmo defendia e reduz ao máximo sua busca por prazeres externos, buscando uma vida simples e direcionada para causas verdadeiras que afetassem sua potência de agir.

Desta forma Spinoza destrinchou o conceito de bem/mal. Para ele, o bom ou mau existe, mas esse conceito só serve para reconhecermos o que nos convém. Esse reconhecimento perpassa pela Ética e não pela Moral, ou seja, pelo discernimento do que é bom, o que aumenta a nossa força interna e alegria, e o mau, tudo que causa tristeza e diminui nossa força de viver. “O espinozismo é geralmente considerado uma teoria da potência. Toda a ética é uma teoria da potência, por oposição à moral, como teoria dos deveres” (RAMOND, 2010, p. 63).

2.3 *Conatus* e potência

Os termos afeto e afecções são utilizados pelo filósofo Spinoza para designar realidades diferentes, porém interligadas. Marilena Chauí, no curso *on-line* ministrado sobre *Desejo em Spinoza*, em 2017, fala-nos que as afecções são modificações na nossa vida corpórea – quando somos constantemente submetidos à ação de outros objetos, como frio, calor ou por objetos físicos e pessoais. Como nosso corpo é relacional, as relações internas e externas são produzidas pelas afecções.

Desta maneira, as afecções no corpo são acontecimentos corporais. Na mente são ideias. Ou seja, as afecções são modificações na vida do corpo e significações psíquicas da vida corporal. A afecção “é a capacidade de afetar outros corpos e de ser afetado por eles sem se destruir. Regenerando-se, transformando-se e conservando-se graças às relações com outros corpos” (CHAUÍ, 2017, [s.p.]).

Assim, Spinoza entende o nosso corpo e mente como potências de existir e de autoconservação, como *conatus*. Na obra *Desejo, Paixão e Ação na Ética de Spinoza*, Marilena Chauí (2011) explica que o *conatus* é uma palavra importante para entender essa potencialidade de nossas ações afetivas no cotidiano. Mas, para isso, devemos entender a linguagem entrelaçada entre *conatus* e potência, adotada no século XVII.

Para Spinoza (2013), o *conatus* é o nosso esforço de preservação na existência. É a potência de ser e de agir ou a potência de existir. É uma força interna positiva ou afirmativa indestrutível, nossa essência. Desta maneira, podemos entender que o *conatus* é a própria

essência da natureza, é funcional e orienta o corpo naquilo que lhe é necessário e expulsa o que lhe prejudica. “O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual. Conatus, quo unaquaque res in suo esse perseverare conatur, nihil est praeter ipsius rei actualem essentiam” (SPINOZA, 2013, p. 58).

A expressão do *conatus* no corpo é chamado apetite, que se expressa pelos nossos sentidos físicos; na mente, ele se expressa pelo desejo, isto é, a consciência dos nossos apetites do corpo. O desejo, para Spinoza, é a essência, a busca de mais perfeição, potência de vida, de produzir os encontros que potencializem o ser, que aumentem a sua capacidade de agir (CALERI, 2014).

Dessa forma, Chauí, neste curso *on-line*, explica que “na vida corporal uma afecção pode aumentar ou diminuir a potência do corpo ou pode favorecer e/ou prejudicar a potência do corpo. Essa afecção que diminui ou favorece, chama-se afeto” (CHAUÍ, 2017, [s.p.]).

Na vida corporal, o afeto pode aumentar ou diminuir, favorecer ou prejudicar nossa essência de vida, produzindo variações ativas ou passivas, como a alegria ou ódio. Ao contrário do que se imagina, não é rejeitando os afetos que nos fará enriquecer como seres humanos. O que tornará potente é exatamente quando entramos em relação com os outros e temos consciência das causas que aumentam ou diminuem nosso *conatus*.

Segundo Ramond (2010), essa bivalência entre noções de afecção e afeto revela um sistema com uma dupla determinação de afetos ativos (ações) ou passivos (paixões). Essa dupla determinação são condições de possibilidades da liberação ética.

2.4 Ética do afeto

Para entendermos a doutrina dos afetos, Spinoza buscou compreender no seu livro mais conhecido, *Ética*, explícito na parte III, mas também nas IV e V partes, por que amamos e odiamos, por que sentimos ciúme, inveja e inúmeros outros afetos. Uma das suas preocupações foi hierarquizar os afetos, de acordo com suas potências e expor a produção desses afetos sobre as pessoas, mostrando a relação entre corpo e mente e a nossa vida afetiva.

Para explicar a doutrina, Spinoza trouxe à tona um método que uniu corpo e mente e rompeu com toda a tradição filosófica do século XVII de percepção sobre os afetos, o que foi determinante para que abrissemos um novo diálogo e passássemos a compreender que o “que se passa no corpo se passa simultaneamente na mente” (CHAUÍ, 2017, [s.p.]).

Essa união abriu um longo parêntese para entendermos que como somos seres afetivos e relacionados por afeto, a nossa potência de existir pode aumentar ou diminuir, a partir da

qualidade do nosso *conatus*. Spinoza entende por afeto: “Por afeto compreendo as afeções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afeções” (SPINOZA, 2013, p. 98).

Para Ramond (2010) Spinoza desta maneira nos explica que “toda afeção de nosso corpo produz aumento ou redução da nossa potência e o afeto correspondente aumentará ou diminuirá a nossa potência de pensar. Os afetos são, pois, os nomes das constantes flutuações, para mais ou para menos de nossa potência” (RAMOND, 2010, p. 19). Essa força maior ou menor para pensar e sentir no corpo, variável e ambígua, depende da qualidade dos nossos desejos. Eis por que Spinoza (2013) afirma que a essência do homem é o desejo (*cupiditas*).

Portanto pelo nome desejo, entendo todos os esforços, impulsos, apetites e volições do ser humano, os quais variam segundo a disposição variável de um mesmo ser humano. Não é raro, vê-los de tal maneira opostos entre si, como alguém arrastado em sentidos contrários que não sabe para onde se voltar. O movimento do desejo aumenta ou diminui nossa potência, conforme a natureza do que é desejado, seja ou não conseguido, havendo ou não satisfação. (CHAUÍ, 2017, [s.p.]).

O afeto é a força que impulsiona a vontade de viver, a nossa potência de vida. Ou seja, corpo e mente são definidos pelo *conatus*, onde a morte não encontra uma morada (CHAUÍ, 2011).

Desta maneira, são estabelecidos três afetos primários, os quais vão transitar pelas narrativas pesquisadas: *alegria, tristeza e desejo*. Chauí (2011, p. 11) explica pedagogicamente: “quando a alegria é acompanhada de uma causa externa, chama-se amor; quando a tristeza é acompanhada de uma causa externa, chama-se ódio; quando o desejo é alegre, chama-se contentamento; quando triste, frustração”.

Nessa exposição rigorosa na *Ética*, Spinoza cria um sistema comparativo das potências dos afetos primários, que gera variáveis de mais de 17 afetos. Em sua potência ativa (ações), os afetos nos levam para a liberdade, enquanto que na sua potência passiva (paixões), nos levam à servidão.

Sobre passividade e atividade Chauí (2011) explica que os afetos que aumentam ou diminuem o desejo podem gerar homens autônomos (aqueles que escolhem seus próprios destinos) através dos afetos ativos fundados na razão, que Spinoza chama ação, ou carentes e/ou que vivem na falta ou na busca de preenchimentos, quando se utilizam de afetos menores ou passivos, que o autor chama de paixão. O doutor em Filosofia, Marcos André Gleizer, corrobora com a ideia de que passividade e atividade não têm nenhuma relação com positividade ou negatividade. No livro *Spinoza e Afetividade Humana*, ele explica:

Dessa forma, toda a afetividade ativa será caracterizada pela positividade e alegria. Já os afetos passionais, por dependerem do concurso de coisas exteriores a nós, poderão ser alegres ou tristes em função da compatibilidade ou não entre essas coisas e nós. Vemos, assim, que o par ativo/ passivo não recobre o par positivo/ negativo, pois embora as ações sejam necessariamente alegres, as paixões não estão fadadas a serem tristes. (GLEIZER, 2011, p. 390).

As relações afetivas podem variar de um estado de amor para o ódio, podem tornar-se uma flutuante de ânimos, de acordo com a pulsão da expressão desse *conatus*, ajudando-nos a sair de uma potência positiva para uma modulação de negatividade, segundo Spinoza (2013). Rizk (2010) afirma que é possível analisar os casos de agressões físicas, crimes sexuais ou assassinatos a partir da potência “spinozista”.

Em Spinoza (2013), é possível entender, por exemplo, como um mesmo objeto externo, sujeito de amor, pode se tornar um mesmo objeto externo sujeito de ódio.

Se imaginarmos que uma coisa que habitualmente nos afeta de um afeto de tristeza tem algo de semelhante com outra que habitualmente nos afeta de um afeto de alegria igualmente grande, nós a odiaremos e, ao mesmo tempo, a amaremos [...]. Por isso tudo, podemos facilmente conceber que um só e mesmo objeto pode ser causa de muitos e conflitantes afetos. (SPINOZA, 2013, p. 110).

Na compreensão do autor, a ligação entre os corpos determina as paixões como relações físicas de troca de potência. O jogo das paixões apresenta assim uma amplitude infinita que comporta relações interindividuais de harmonia e de unidade como relações de divisões e de oposições. Essas flutuações de potência são explicadas nos estudos de Brunschicg sobre Spinoza:

[...] existem homens cruéis para quem a dor daqueles que os ama é motivo de alegria, ou ainda, alguém vai conseguir junto ao ser que amamos um lugar melhor que o nosso, vai manter com ele uma amizade mais estreita e mais terna; a alegria que tínhamos ao amar ficará comprimida e abafada, sentimos ciúmes, nosso amor se tornará ódio, pois o amor nos terá feito sofrer e o sofrimento nos terá feito odiar (BRUNSCHICG, 2014, p. 208).

Para Spinoza (2013), existe o sujeito ético que surge e ressurge, a partir da moderação de sua potência, ou seja, a partir de nós mesmos, podemos equilibrar os afetos e o império da vontade de dominá-los; impulsionados pela força da razão poderemos produzir afetos ativos na direção da liberdade, que poderíamos ler como felicidade. No prefácio da Terceira Parte da Ética, Spinoza já enuncia sobre a força dos afetos na vida cotidiana: “Ninguém que eu saiba, determinou a natureza e a força dos afetos e, por outro lado, que poder tem a mente para regulá-los” e, continua, com uma crítica a Descartes:

Os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora delas. Ou melhor, parecem conceber o homem na natureza como um império num império. Pois acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio. Além disso, atribuem a causa da impotência e da inconstância não à potência comum da natureza, a qual, assim deploram, ridicularizam, desprezam ou, mais frequentemente, abominam. [...] A esses parecerá, sem dúvida surpreendente que eu me disponha a tratar dos defeitos e das tolices dos homens segundo o método geométrico, e que queira demonstrar, por um procedimento exato, aquilo que eles não param de proclamar algo que, além de vão, absurdo e horrendo, opõe-se à razão. [...] não devemos deplorar as coisas nem rir dê-las, mas compreendê-las. Isto, é, devemos compreender os afetos e não desdenhar deles. (SPINOZA, 2013, p. 97).

A importância de Spinoza, nesta passagem de transformações de tempos e mudanças de olhares, se dá exatamente por ter demonstrado que os afetos ocorrem ao mesmo tempo na mente e no corpo – aumentando nossa potência de vida ou diminuindo-a, fugindo do dualismo entre corpo e alma proposto por Descartes.

Para Damásio citado em Jaquet (2011, p. 17 e 18), “Spinoza tinha razão”. Damásio viu em Spinoza o precursor da neurobiologia moderna que tratou de assuntos de natureza das emoções e dos sentimentos. “A meu juízo, porém ele parece ter prefigurado as soluções que os pesquisadores propõem doravante para estas questões”.

Assim, Spinoza (2013) nos ajuda a pensar sobre as relações afetivas do cotidiano e nos autoriza a seguir até o conhecimento produzido pelo jornalismo, pois os afetos nos jornais são a própria potência modulada por discursos. O desafio que propomos aqui é analisar os sentidos dos afetos, a partir de Spinoza, apresentados na constituição das narrativas jornalísticas da violência contra mulheres.

2.5. Síntese dos afetos em Spinoza

Destacamos aqui um conjunto de variações de afetos que trabalhamos nos discursos das narrativas de violência contra mulheres, identificando a construção de vários termos com base no legado filosófico de Spinoza. A intenção é fornecer um resumo conceitual desses afetos encontrados em 39,4% das edições identificadas atestando, com isso, a utilização desses termos na legitimização de imaginários discursivos sobre a violência contra mulheres diferentes dos propostos em Spinoza:

Quadro 1 – Síntese dos afetos em Spinoza

(continua)

Afetos	Classificação
Amor	A alegria causada por um outro chama-se amor. Explicação (p.142, III, Ética): “Esta definição explica claramente a essência do amor. Já a definição dada pelos autores que definem o amor como a vontade de unir-se à coisa amada não exprime a sua essência, mas uma de suas propriedades. E como a essência do amor não foi suficientemente examinada por esses autores, tampouco puderam ter qualquer conceito claro dessa propriedade, o que fez com que todos julgassem a sua definição extremamente obscura. É preciso observar que quando se trata de uma propriedade no amante, de unir-se, por vontade, à coisa amada, não compreendo por vontade um consentimento, nem uma deliberação de ânimo, nem uma livre decisão, nem tampouco o desejo de unir-se à coisa amada quando ela não está ali, nem de continuar com sua presença quando ela está ali, pois o amor pode ser concebido sem qualquer um desses desejos. Em vez disso, por vontade compreendo a satisfação que a presença da coisa amada produz no amante satisfação que fortalece a alegria do amante ou, ao menos, intensifica-a”.
Ódio	A tristeza causada por um outro chama-se ódio, portanto o ódio nunca pode ser bom. O ódio é aumentado pelo ódio recíproco, podendo inversamente, ser destruído pelo amor. Na demonstração, prop. 43, III, Ética, explica-se: “Naquele que imagina que outro, a quem odeia, está por sua vez afetado de ódio para consigo, surge por isso mesmo um novo ódio, enquanto ainda dura o primeiro. Mas se, inversamente, ele imagina que esse outro está afetado de amor para consigo, à medida que imagina isso, considera a si mesmo com alegria e, dessa maneira, se esforçará por não odiá-lo e por não afetá-lo de qualquer tristeza. E esse esforço será diretamente proporcional ao afeto do qual provém. Consequentemente, se for maior do que aquele que provém do ódio pelo qual ele se esforça por afetar de tristeza a coisa que odeia, esse esforço prevalecerá e apagará o ódio do ânimo”.
Quadro 1 – Síntese dos afetos em Spinoza (conclusão)	
Afetos	Classificação
Tristeza	A tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor. É o ato pelo qual a potência de agir do homem é diminuída ou refreada.
Arrependimento	É uma tristeza acompanhada da ideia de uma ação que acreditamos ter praticado por uma livre decisão da mente. Explicação (p. 146, III Ética): “É preciso observar que não é nada surpreendente que a tristeza, resulte em geral, de todos os atos que, habitualmente, são chamados de perversos e a alegria, daqueles que são ditos retos. Mas, o que para uns é sagrado, para outros é profano, e o que para uns é respeitoso, para outros é desrespeitoso. Assim, dependendo de como foi educado, arrepende-se de uma ação ou se gloria por tê-la praticado”.
Ciúme	Spinoza passa em silêncio a definição sobre ciúme, por considerar como flutuação de ânimo. Do amor que os homens sentem pelo mesmo objeto nasce o ciúme, e ciúme é ódio. Adotamos a flutuação de ânimo, pela definição de Roland Barthes (1984): “Sentimento que nasce do amor e que é produzido pelo medo de que a pessoa amada prefira um outro. Como ciumento sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovoo de sê-lo, porque temo que meu ciúme machuque o outro, porque me deixo dominar por uma banalidade. Sofro por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser comum”.
Perdão	Spinoza não define sobre o perdão, também considerado flutuação de ânimo. A linguagem mais próxima é comiseração, que é uma tristeza acompanhada da

	ideia de um mal que atingiu um outro que imaginamos ser nosso semelhante. Entre a comiseração e a misericórdia parece não haver qualquer diferença, a não ser, talvez, a de que a comiseração diz respeito a um afeto singular e a misericórdia a esse afeto tornado habitual. (p. 147, III, Ética):
Esperança	A esperança é uma alegria instável surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida. Quando a esperança de vida for para o <i>conatus</i> , um desejo mais forte que o medo da morte; e a esperança será ultrapassada se a ela se acrescentarem duas paixões alegres complementares: a segurança e o contentamento, isto é, o afeto ligado a um bem passado ou futuro sobre o qual não pesam dúvidas.
Medo	O medo é uma tristeza instável surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida. Segue-se a Explicação (p. 144, III Ética): “Segue-se dessas definições, que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. Com efeito, supõe-se que quem está apegado à esperança, e tem dúvida sobre a realização de uma coisa, imagina algo que exclui a existência da coisa futura e, portanto, dessa maneira entristece-se. Como consequência, enquanto está apegado à esperança, tem medo que a coisa não se realize. Quem, contrariamente tem medo, isto é, quem tem dúvida sobre a realização de uma coisa que odeia, também imagina algo que excluía existência dessa coisa e, portanto, alegra-se. E, como consequência, dessa maneira, tem esperança de que essa coisa não se realize”.
Desejo	Para Spinoza, o desejo não é <i>desiderium</i> , ou o desejo ou apetite de possuir alguma coisa. Está relacionado à tristeza, à ausência do que amamos. O filósofo trata-o como <i>cupiditas</i> , como uma virtude. O desejo para Spinoza é a vontade consciente nascida da deliberação. Podemos ser seres desejantes (ação) e não desejosos (carência).

Fonte: Pesquisa da autora (2017).

Spinoza nomeia como afetos e desejos tristes: ódio, aversão, medo, ciúme, desespero, remorso, arrependimento, comiseração, autocomiseração, autoabjeção, humildade, modéstia, inveja, pudor, frustração, cólera, vingança, crueldade, temor, pusilanimidade, consternação. E nomeia também alguns afetos e desejos alegres: amor, generosidade, glória, esperança, gratidão, segurança, devoção, estima, misericórdia, benevolência, coragem, força de ânimo.

No entanto, Chauí (2011) afirma que as paixões e desejos tristes tendem a combinar-se com paixões e desejos alegres, formando a trama cerrada do mundo afetivo imaginário, faltando-nos nomes e palavras para nomear todos os afetos assim produzidos.

Essa combinação incessante de alegrias, tristezas, desejos alegres e tristes indica que nosso ser é constituído por um sistema de forças de intensidades distintas, ou seja, nossa potência é perpassada pelo jogo interno de intensidades fortes (alegria e desejos alegres) e fracas (tristeza e desejos tristes), e é exatamente essa multiplicidade de intensidades que nos permite vencer afetos tristes por alegres, mas também oscilar incessantemente entre alegrias e tristezas. (CHAUI, 2011).

A trama cerrada do mundo afetivo imaginário é narrada nas notícias desta pesquisa a partir de palavras que se repetem no meio jornalístico. Spinoza (2013) utiliza metáforas numa construção retórica para definir os afetos, que são utilizados diariamente nas narrativas. Ele

nos ajuda, portanto, a encontrar definições e a partir dessas variáveis compreender como elas são representadas e aplicadas nas narrativas de violência contra mulheres nos jornais *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba*.

2.6 Paixões

Desde os pré-socráticos e estoicos, o Ocidente divide a razão cognitiva das emoções e sentimentos. Aristóteles chama a paixão de *phatos*, que traduzida seria *passio* (*patior*, sofrer). Na *Retórica*, Aristóteles (2005) observa que “as paixões são todos aqueles sentimentos que alteram os homens, a ponto de afetar seus juízos e vêm acompanhados de dor e prazer, como a ira, a compaixão, o medo e seus opostos”.

Na retórica, Quintiliano demonstra o poder do *pathos* como poder de persuasão do horrendo. Para “obter a atenção do ouvinte, o orador deve primeira e principalmente excitar nele paixões violentas e turbulentas, impeli-lo e agitá-lo de maneira a impedir-lhe o julgamento e a deliberação, pois é nisto que consiste toda força e habilidade da oratória” (CÍCERO, [s.d.]).

Para Aristóteles, mover as paixões (*pathos*) requer um caráter (*ethos*) do orador, que pode usar fontes persuasivas (ARISTÓTELES *apud* CHAUI, 2011). O discurso dirigido ao caráter do ouvinte pela paixão pode realizar três ações discursivas: comover, ensinar ou deleitar, seja pelo bom ou pelo horrendo (CHAUI, 2011). Para ser executado, existem as funções de invenção, disposição e elocução.

A invenção diz respeito à representação do verossímil, a disposição ao arranjo de argumentos para mover à paixão e a elocução à hedonística, isto é, o uso de figuras de linguagem que ornamentem o discurso. Por que a paixão é tema central na retórica? Porque ela é instável, pulsão e transitória e nos leva de um ânimo a outro.

Em Spinoza, na paixão somos apenas parcialmente causa do que sentimos, fazemos e desejamos, pois a causa mais forte e poderosa é a imagem das coisas, dos outros e de nós mesmos; portanto, a exterioridade causal é mais forte e mais poderosa do que a interioridade causal corporal e psíquica (CHAUI, 2011).

Em Spinoza, os afetos não são simples emoções. E a paixão em Spinoza é um tipo de afeto, que depende dessa vida imaginativa, que nos dirige cegamente em busca de satisfação no consumo de imagens, coisas e pessoas, ou seja, passional e dependente de causas exteriores. Sobre a vida imaginativa, Spinoza explica:

O homem é afetado pela imagem de uma coisa passada ou de uma coisa futura do mesmo afeto de alegria ou de tristeza de que é afetado pela imagem de uma coisa presente. Durante todo o tempo em que o homem é afetado pela imagem de uma coisa, ele a considerará como presente, mesmo que ela não exista, e não a imagina como passada ou como futura a não ser à medida que sua imagem está ligada à imagem de um tempo passado ou de um tempo futuro. Por isso, considerada em si só, a imagem de uma coisa é a mesma, quer esteja referida ao futuro ou ao passado, quer esteja referida ao presente, isto é, o estado de corpo, ou seja, seu afeto é o mesmo, quer a imagem seja a de uma coisa passada ou de uma coisa futura, quer seja de uma coisa presente. (SPINOZA, 2013, p. 111).

Mesmo diante de toda a vida imaginativa, as paixões para Spinoza são naturais, porque somos seres finitos e afetados por tudo que nos rodeia; e, desta maneira, as paixões são dotadas de seu próprio *conatus*. O desejo está ligado ao aumento ou diminuição da potência de ser ou agir. Podemos ter afetos paixões ou afetos ações. Com as paixões, é comum ouvirmos dizer na linguagem coloquial que alguém foi atingido por uma força e estava “fora de si” e que “não se reconhece no que fez” ou estava “alucinado e delirante”.

Como elas são causadas em nós por coisas exteriores a nós, suas essências não se explicam apenas pela nossa, mas resultam da conjunção de elementos derivados das essências de suas causas exteriores. Como o *conatus* de algo nada mais é que sua essência atual, a mesma dependência em relação à causa exterior ocorrerá na explicação da potência da paixão. O que explica sua força, crescimento e perseverança na existência é, portanto, a potência de sua causa exterior em relação com a nossa. Ora, a potência das causas externas pode superar a nossa. Por isso, a força das paixões pode superar as nossas ações. É isso o que explica que nossas paixões possam ser mais fortes do que nós, e que “embora vejamos o melhor, muitas vezes façamos o pior”. (GLEIZER, 2011, p. 390).

Desta maneira, nesse mundo imaginativo, as imagens são voláteis e mutáveis. Seja na paixão ou na ação, a operação do *conatus* é buscar alegria e superar o sofrimento. Os afetos paixões aumentam nosso imaginário e diminuem a força do nosso *conatus*. Como é uma operação natural, segundo Chauí (2017), não é em todas as circunstâncias que sabemos o que fortalece e o que nos enfraquece. O engano produz comportamentos e a intensificação equivocada do *conatus*.

Essa vivência natural inicialmente imaginativa e imaginária é porque a ideia que temos do nosso corpo não nos vem dele e sim das imagens que outros corpos possuem dele e nos enviam como um espelho. Ao mesmo tempo, a vivência que nós temos de outros corpos também não nos vem diretamente deles, mas de suas imagens formadas pelo nosso corpo. Dependendo das condições do nosso corpo, ele buscou outros corpos cuja imagem pareça aumentar sua força vital sem poder se dar conta que talvez eles diminuirão nossa força vital ao invés de aumentá-la. Nosso corpo poderá se afastar de outros que efetivamente os regeneram, os fortalece, mas nós os imaginamos, enfraquecedores e adversários. Por dois motivos: o equilíbrio dinâmico do nosso corpo precisa ser incessantemente perfeito e conservado em decorrência das forças externas sobre nossa mente; alegria e tristeza são apenas um estado puro, mas sempre combinados sobre a forma de afetos, o que pode ocasionar

o amor e ódio se confundirem na paixão do ciúme, alegria com expectativa resulta em esperança e a tristeza com expectativa em medo. (CHAUÍ, 2017, [s.p.]).

Esta explicação de Chauí sobre as ambiguidades dos afetos demonstra que facilmente podemos combinar paixões alegres com paixões tristes e incorporá-las, forçando a aumentar ou diminuir nossa força vital (*conatus*) de maneira equivocada, constituindo-se assim a ambiguidade do mundo afetivo. No discurso das mídias, observamos que essa ambiguidade é uma das bases da construção de sentidos simbólicos sobre as narrativas de violência contra mulheres.

A partir dessa construção ambígua, a pergunta que se segue é: Como passar da paixão para a ação, sem deixar de sermos seres afetivos? Como passar de uma leitura passiva para uma leitura ativa dos afetos nos discursos do jornal?

Segundo Spinoza (2013), o desejo que teria como causa verdadeira o nosso *conatus*, nosso esforço de preservação, unido à razão nos levaria ao campo da liberdade. Eis por que Spinoza não investiga o bem ou o mal. Para ele, o que importa é o que há de bom ou de mau nos afetos.

O aumento imaginário da força para existir e sua diminuição real é a servidão humana. A servidão não resulta dos afetos, mas das paixões ou afetos passivos. Spinoza a define literalmente como alienação (o indivíduo passivo passional é servo de causas exteriores, está sob o poder de outro ou, em linguagem Spinozana, é *alterius juris*, está *alienus juris*). Não só não reconhecemos o poderio externo que nos domina, mas o desejamos e nos identificamos com ele. A marca da servidão é levar o desejo à forma limite: a carência insaciável que busca interminavelmente a satisfação fora de si, num outro (coisas ou pessoas) imaginário. (CHAUÍ, 2011, p. 232).

Para ilustrar a transição de afetos paixões para afetos ações, podemos nos remeter à aproximação do sistema filosófico de Spinoza com o pensamento budista sobre como a natureza possessiva do veneno da paixão é transformada pelo conhecimento investigador, embora não seja nosso objeto de estudo. A doutora Francesca Fremantle (2005), tradutora do mais importante livro do Budismo, o *Livro Tibetano dos Mortos*, escreve em *Vazio Luminoso*, sobre esse tipo de investigação:

Paixão em sua forma mais grosseira simplesmente quer possuir. Ela vê todos os tipos de diferentes objetos de prazer, sem fazer distinção entre eles, e logo se agarra cegamente a eles todos. Mas a mente desperta, em vez de se tornar possuída pelo desejo quando vê esses objetos, examina-os com atenção, respeitando suas naturezas individuais e apreciando-os sem apego. Quando alguém permite que as pessoas e as coisas sejam apenas como elas são, sem nenhum pensamento de possuí-las ou controlá-las, elas imediatamente aparecem sob uma luz diferente – mais bonitas, mais interessantes e mais desfrutáveis. Desejo e apego estão enraizados na

dualidade, mesmo assim são movidos por um impulso em direção à unidade e um anseio de superar a solidão da separação. O **conhecimento investigador (grifo nosso)** surge da não-dualidade, portanto pode se permitir relaxar e se regozijar na aparência da separatividade, e tomar parte na dança da multiplicidade com todas as suas formas e atributos. Purificada pela percepção interior, a impulsividade da paixão se transforma em cuidado e interesse genuíno; em vez de apego, ela vê com sensibilidade e empatia. Desejo é transmutado em amor, e paixão em compaixão. (FREMANTLE, 2005, p. 173).

Spinoza no seu trabalho filosófico não trata da questão do apego, mas trabalha com a razão e o desejo (*cupiditas*) como conhecimento investigador para romper radicalmente com o modelo de vida passional arrastado pelo jogo das imagens das paixões.

Para ele, não somos apenas seres passionais, mas seres de simultaneidade. Pela primeira vez, como explica Chauí (2011) “em toda a história da filosofia, corpo e mente são ativos ou passivos juntos e por inteiro, em igualdade de condições e sem relação hierárquica entre eles”. Nem o corpo comanda a mente (na paixão) nem a mente comanda o corpo (na ação).

Se unirmos essa ligação profunda entre corpo e mente à crítica Spinozana da teoria da vontade livre como faculdade da alma dirigida pela razão para obter o domínio total sobre as paixões, compreenderemos a outra originalidade de Spinoza: na Parte IV da Ética, o filósofo demonstra que uma ideia verdadeira jamais vence uma paixão simplesmente por ser uma ideia verdadeira. Apenas uma paixão vence outra paixão, se for mais forte e contrária a ela. Um afeto não pode ser refreado nem suprimido senão por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a refrear. Está desfeita a pretensão filosófica que, durante séculos, buscou outorgar à vontade e à razão um poder que não possuem e que, para encobrir a impotência de ambas, inventou a moral ascética e a moral dos fins e valores como paradigmas externos a serem obedecidos pelo agente. O moralismo, impondo finalidades externas ao apetite e ao desejo, impondo modelos de virtudes e vícios, é a forma imaginária de suprir o fracasso de outro imaginário, o da vontade onipotente e da razão onisciente. (CHAUÍ, 2011, p. 15).

Sendo assim, compreendemos os vários efeitos que os afetos paixão produzem e as suas consequências. Por um lado, o indivíduo perde a referência de si mesmo, do *conatus* e, por isso, provoca sua própria destruição, como no caso do ciúme, da autoabjeção e do suicídio. Do lado da vida intersubjetiva, segundo Chauí (2011), o indivíduo se torna criador de uma rede contrária a todos os seres, em luta contra todos, temendo e odiando os outros.

Essas reflexões nos levam para uma possível resposta: para passarmos de uma leitura passiva para uma leitura ativa dos afetos nos discursos do jornal se faz necessário trabalharmos com a razão e o desejo (*cupiditas*) como conhecimento investigador para rompermos com a interpretação de modelos midiáticos de narrativas de violência contra mulheres construídas a partir da inversão dos afetos, estes disseminados cotidianamente como modelos de paixões destrutivas pautadas no ódio revestido de amor.

3 AFETO NO COTIDIANO

3.1 Cotidiano e estilo

O *Dicionário de Comunicação* (CITELLI, 2014) aponta que a vida cotidiana envolve as paixões, os sonhos, o lúdico e as ações não especializadas dos indivíduos, como comer, conversar, estar em casa, fofocar, dormir. “O cotidiano é constituído dos movimentos humanos que não são sistematizados em normas, leis, instituições e outras articulações de poder sustentadas pelo cálculo ou qualquer estratégia que pretenda garantir a coesão social” (JOSGRILBERG, 2014, p. 93).

Pensar o cotidiano é refletir sobre como as pessoas vivem, consomem, usam e reinventam as informações recebidas, como, por exemplo, as geradas pela produção simbólica da mídia. E as Teorias do Cotidiano buscam compreender o mundo vivido de modo intersubjetivo, ou seja,

Os sentidos atribuídos e os significados produzidos ao longo da vida nascem de diferentes relações entre sujeitos que percebem o mundo em meio às relações sociais contingentes; situações de vida em sociedade que podem ser mais ou menos propensas à promoção das potencialidades humanas. (JOSGRILBERG, 2014, p. 94).

Para o sociólogo Michel Maffesoli, o cotidiano pode ser encarado como estilo no sentido de imanência de diversas pulsões vitais que movem as relações humanas, sendo o estilo “uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura” (PEREIRA, 2007, p. 1).

O cotidiano como estilo de vida enfatiza os jogos das aparências e os aspectos imateriais da existência (PEREIRA, 2007). A trama social, através dessa noção, pode ser vivenciada em inúmeras camadas onde se amalgamam dimensões e realidades divergentes, contraditórias e plurais convivendo afetivamente no mesmo corpo social.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a vida cotidiana é, em sua essência, fruto e ao mesmo tempo semente de afetos, pois está impregnada do sentimento do mundo e absorva na relação dos homens com o mundo e com os outros. A partir dessa ideia, pensadores como Maffesoli trabalham dentro da Sociologia Compreensiva e Fenomenológica, considerando o cotidiano não reduzido ao paradigma da produção, sujeito a um tecnicismo ideológico e determinista.

Maffesoli prefere falar de um mundo que se desenrola em formato de espiral, em vez de pensar em avanço ou, ao contrário, em retrocesso.

[...] Ao longo de todo o século XIX e de boa parte do século XX a técnica se empregava, essencialmente, para racionalizar a vida social e eliminar tudo o que pudesse ser da ordem do emocional, do afetivo e das paixões. Hoje, ao contrário, essa mesma técnica promove o retorno dos afetos. (MAFFESOLI, 2014, p. 14).

Por isso, autores como Maffesoli (2012, p. 102) afirmam que o pós-moderno é a sinergia “do arcaico e do desenvolvimento tecnológico”. O termo arcaico, para o autor, é da ordem do afetivo, das emoções, do sentimento. Já o tecnológico é um dos resultados do desenvolvimento da tecnologia de ponta. Para ele, a técnica que antes desencantava agora passa a reencantar o mundo. A busca de sentidos, a ligação comunitária promove uma integração dos meios de comunicação.

A sensibilidade que sustenta todas essas manifestações, tanto paroxísticas como quotidianas, já foi analisada. Falei mesmo, a esse respeito, de cultura do sentimento. Resta agora ver qual é a sua causa, quais são os seus efeitos. [...] a esse respeito, ao contrário daqueles que continuam analisando o mundo contemporâneo com categorias próprias da modernidade, pode-se falar de reencantamento do mundo. É exatamente isso que está em questão e que pode permitir apreender a visão misteriosa das coisas em ação no comunitarismo em apreço. O mistério é aquilo que se partilha com alguns e que consequentemente serve de cimento, reforça o sentimento de pertença e favorece uma nova relação com o ambiente social e com o ambiente natural. (MAFFESOLI, 1995, p. 17).

O cotidiano é visto a partir dessa aparente insignificância, rico na sua simplicidade, o que nos remete ao acesso às atitudes emocionais dessas tribos sociais em seu “microlocalismo” valorizando um “estar-junto-sensível” e as relações de afetividade entre os homens como fonte de sociabilidade.

[...] a existência, para além das diversas racionalizações e legitimações que conhecemos, está impregnada de afetos, sentimentos mal definidos, numa só palavra, impregnada de todos esses ‘instantes obscuros’ que não se pode fazer sua economia, e que se calcula, cada vez mais, o impacto da vida social. (MAFFESOLI, 1995, p. 17).

Desta maneira, o afeto e o cotidiano caminham juntos enquanto forças propulsoras de relações e constituições das formas na vida cotidiana, adquirindo a função de “ligar os fatos sociais através da sinergia ou das sinestésias produzidas por cada cidadão” (PEREIRA, 2007, p. 2). Assim, ainda conforme nos traz Pereira (2007), os indivíduos são capazes de produzir fatos sociais, de acordo com a *anomia* estabelecida em cada momento sociocultural.

É nesse contexto que, ao mesmo tempo, se reconhecem as alteridades de outras formas culturais. Nesta perspectiva, o afeto pode ser encarado como delineador de uma ambiência comunitária modelando as relações no cotidiano.

Como reforçaria Maffesoli, saímos do *homo sapiens* para o *homo eroticus*, no qual “o espírito do tempo pôs fim à ordem racionalista e privilegia o emocional”. “Daí a ênfase no papel dos afetos, no erótico social. O que o sociólogo Max Scheler chama de *ordo amoris*” (MAFFESOLI, 2014, p. 2). Para entender o *ordo amoris* precisamos andar no sentido contrário de um pensamento único, que apenas diz o que é.

O que quer dizer que não há por um lado, o afeto, e por outro, o político, isto é, o poder, o saber, o prover. Mas que, ao contrário, o erótico é, estritamente, parte integrante da vida: pública e privada. Mesmo se isso pode parecer surpreendente, nada nem ninguém está indene da petulância de um “amor” assim compreendido. O papel que exerce o emocional na ação administrativa, no jogo sindical, nas reivindicações profissionais, nas reações aos fatos corriqueiros, sem esquecer os desvios de conduta das *people* (políticos, stars diversas e midiáticas), tudo isso deveria incitar a mais lucidez quanto aos ingredientes que entram na elaboração e na permanência do elo social. (MAFFESOLI, 2014, p. 236-237).

O cotidiano, nesta forma de espiral afetiva, interliga-nos à noção de vida afetiva abordada na *Ética*, de Spinoza (2013), que é baseada nas relações. Depois de 400 anos, retornamos aos seus afetos para compreendê-los nas representações no jornalismo.

Ou seja, estamos diariamente sujeitos às variantes afetivas “espinozistas”, às modulações e aos processos multilaterais de construções de relações. Essa noção encontra consonância na representação dos afetos dentro do discurso jornalístico.

No campo da comunicação, teóricos já discutem a urgência dessa outra posição de interpretação considerando o afeto como poderoso dispositivo de análise do cotidiano. Neste sentido, Sodré (2006) trata do afeto como conexões simbólicas que precisam ser consideradas nas investigações do cotidiano.

É particularmente visível a urgência de uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação, capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que o limitam ao nível da interação entre forças puramente mecânicas e de abarcar a diversidade da natureza das trocas, em que se fazem presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto. Nos fen menos da simpatia, da antipatia, do amor, das emoções, mas igualmente nas relações em que os índices predominam sobre os signos com valor semântico, algo passa, transmite-se, comunica-se, sem que nem sempre se saiba muito bem do que se trata. (SODRÉ, 2006, p. 12-13).

Não apenas nos temas que recorrem, mas no texto da notícia em si, elementos jornalísticos tidos como objetivos, descritivos e imparciais, irão manifestar o imaginário afetivo tanto de quem escreve quanto de quem lê.

Dentro do aspecto de análise de discurso jornalística permite-se a interpretação dos sentidos do texto revelando o discurso implícito pelo meganarrador. Motta (2002, p. 67) avança e amplia o olhar, ao afirmar que “as notícias são obras abertas, sentidos inacabados que convidam o leitor a completar cooperativamente a sua significação, como na literatura”. Para o autor, as tragédias históricas e dramas pessoais reportados seguidamente pelas notícias diárias possuem tanta carga simbólica potencialmente liberadora de energias psíquicas e de horizontes imaginários quanto uma obra de arte ou texto de ficção.

Para situar qualquer fato relatado, especialmente aqueles fatos trágicos, precisamos referenciá-los às nossas difusas memórias mais remotas, aos nossos arquétipos mais profundos, à nossas vagas convicções e crenças. Precisamos “renomeá-los”, confrontá-los com nossas recordações para dimensioná-los e posicioná-los. As tragédias do cotidiano narradas pela imprensa ou pela televisão nos provocam diariamente a comoção, compaixão, o prazer, desejos e ódio. Plagiando a antropologia literária e sugerindo uma pragmática antropológica da notícia, somos levados a pensar que são os relatos das notícias que trazem rotineiramente à nossa consciência as ansiedades e angústias do ser humano; elas são hoje as ficções de nossa história humana. (MOTTA, 2003, p. 19).

As imagens que são acionadas pela notícia trazem tanto uma carga de informação, quanto uma carga simbólica; tanto uma carga de *logos*, ou seja, de razão, objetividade e fatos históricos; quanto uma carga de *mythos*, a saber, de subjetividades, de arquetípicos, de fantasias e de utopias.

As notícias são pré-configuradas por categorias mitológicas e estão presas, como a literatura, por matrizes mitológicas que as conformam. É como se os jornalistas estivessem sempre à espera de acontecimentos que apenas vêm preencher os seus moldes ontológicos, formas que revelam os dramas e tragédias da humanidade. (MOTTA, 2002, p. 14).

Quanto a uma análise de discurso da linguagem jornalística, a comunicação, os afetos constituem um dos seus aspectos inerentes. Na análise de discurso, as informações referenciais devem ser consideradas, mas sem eliminar a linguagem afetiva implícita nos relatos. Desta maneira, são analisados os indícios e marcas do texto que provocam raiva, medo ou, por exemplo, amor, alegria, efeitos subentendidos pelos relatos das notícias.

Outros autores como Fernández (1991) e Marina & López (2001), trabalham o tema afeto no cotidiano. Fernández (1991), em sua tese doutoral, define como emoções as

vivências da personalidade acompanhadas de reações fisiológicas que resultam em um determinado comportamento expressivo e comunicativo.

As alterações significativas, ainda que transitórias, da vida afetiva causada por um determinado estímulo, em virtude do qual a sensibilidade parece projetar-se para fora de si mesma costuma ser acompanhada de um alto grau de atenção, que concentra toda a atividade do indivíduo, assim como uma série de signos e manifestações externas do organismo. Podem ser positivas, quando favorecem a autoafirmação (amor, compreensão etc.), ou negativas, quando desfavorecem essa autoafirmação (ira, medo, inveja etc.).

De acordo com este autor, o *pathos* é o modo em que nos encontramos: bem ou mal, tristes ou alegres, seguros ou temerosos, mas não depende de nós, nos é dado, somos nós que nos encontramos com ele e nele.

Segundo Fernández (1991), em todos esses estados de emoção aparece alguma referência ao “estado de ânimo”. Ou seja, toda emoção pressupõe uma atividade, energia ou força, a ação de um ser vivo que reage a um estímulo procedente do exterior ou de um processo interno de pensamento reflexivo.

Marina & López (2001) abordam o afeto e cotidiano afirmando que existe um pacto entre emissor e leitor que se realiza no cotidiano. Eles sustentam o sentir como um modo básico de ser consciente, não claramente qualificado como cognitivo nem como afetivo, “é a capacidade de perceber as sensações ou as alterações do próprio organismo; mas é também a capacidade de emocionar-se, ou de desejar, e o ato de ser afetado por estímulos espirituais”.

Afirmam Marina & López (2001) que, num primeiro nível, “a aparição de um estímulo ativa o reflexo de orientação e focaliza a atenção. Experimenta-se então emoções pouco diferenciadas, como a surpresa”. Para os autores, que estudaram a comunicação das emoções, existe, portanto, um estímulo externo que resulta na modificação transitória da vida afetiva, algo que inicialmente atrai a atenção e que, por sua vez, produz algum comportamento expressivo no indivíduo.

As análises da comunicação jornalística podem partir da informação referencial, como já dissemos, mas precisam também identificar a presença de estímulos que causam estados de ânimo emocionais no leitor. O ato de comunicação jornalística é um ato que informa um conteúdo, mas igualmente ativa reações emocionais e efeitos de sentido: pode provocar o medo, o espanto ou o riso, por exemplo. Neste sentido, trata-se de um ato realizativo mais amplo do que aquele estritamente informativo que originalmente se pretendia. O relato da notícia ativa processos cognitivos quando, por exemplo, nomeia, designa, aponta. Além de repassar informações, os enunciados das notícias podem ironizar, debochar, enaltecer, referendar, legitimar coisas e pessoas. Além de informar, os relatos das notícias confirmam a confiança de quem ouve em quem fala, legitimam papéis, realizam outros atos simultâneos

desencadeados por efeitos de sentido não necessariamente linguísticos (MARINA & LÓPEZ, 2001, p. 18).

Entendemos, que os estudos a partir do cotidiano favoreçam em direção da análise das narrativas do afeto nos jornais porque, na percepção do seu uso, podemos compreender como a realidade é construída a partir do estímulo aos sentimentos, da busca que o discurso faz para acessar um plantel intersubjetivo e emocional do leitor forjando, a partir daí, um imaginário afetivo sobre determinado fato social.

Desta forma, entenderemos a aplicação da linguagem afetiva de Spinoza construída em relatos eficazes e econômicos do jornalismo a partir de suas dimensões intersubjetivas que espelham o espetáculo.

3.2 Mídia e Afeto

A discussão sobre afeto e as paixões visam uma discussão ética, desde a Grécia antiga até hoje. Na análise fenomenológica, desde o século XX, o sociólogo alemão Georg Simmel trata como teoria central a atenção dada à alma e aos sentidos. Deleuze (2002) procura mostrar a sociedade do controle, onde o desejo é o meio e a forma de ocupação do psiquismo e dos corpos dos indivíduos. O pensador Negri (2016) discute e propõe a noção de valor-afeto, que significa o valor da força de trabalho – o afeto aqui também usado como Spinoza define “potência de agir”.

Passamos das velhas cisões desde o Desencantamento do Mundo que demarcaram os campos científicos do século XVII, onde acreditávamos nos imperativos da racionalização de todas as esferas de realidade, para um tempo onde as visões de mundo mudam rapidamente. São fluídas e interdependentes (BAUMAN, 2001), em que o saber, a inteligência e o conhecimento não dependem apenas da “consciência clara de um ‘eu’ puramente racional, já que são muitas as formas de compreensão que caminham na obscuridade” (SODRÉ, 2006, p. 31).

A informação, a comunicação, a imagem com todas as suas tecnologias – uma forma de conhecimento sem os requisitos hierárquicos imprescindíveis à formação e à circulação dos saberes clássicos – têm-se progressivamente imposto aos sujeitos da teoria e da prática como o pretexto para se cogitar de um outro modo de inteligibilidade do social. Por quê? Porque a afetação radical da experiência pela tecnologia faz-nos viver plenamente além da era em que prevalecia o pensamento conceitual, dedutivo e sequencial, sem que ainda tenhamos conseguido elaborar uma práxis (conceito e prática) coerente com esse espírito do tempo marcado pela imagem e pelo sensível, em que emergem novas configurações humanas da força

produtiva e novas possibilidades de organização dos meios de produção (SODRÉ, 2006, p. 12).

A passagem do pensamento conceitual e dedutivo para um olhar mais amplo e atento sobre esse espírito do tempo marcado pelo “sensível”, que ultrapassa a lógica de uma racionalidade argumentativa dos fatos ou de uma razão esclarecedora (*logos*), é vivido no campo jornalístico na contemporaneidade com aquilo que Sodré (2006) denomina de “registro afetivo do mundo” ou o “sensível de uma situação”.

Persuadir, emocionar, tocar o outro por meio do apelo à banalidade são recursos centrais da retórica utilizados pelas empresas de publicidade e *marketing* e também nas empresas de comunicação.

Segundo Sodré (2006, p. 79), a m dia “não se define como mero instrumento de registro de uma realidade, e sim, como dispositivo de um certo tipo de realidade, espetacularizada, isto é, primordialmente produzida para excitação e gozo dos sentidos”.

Dentro dessa percepção, configura-se o espetáculo (DEBORD, 1997, p. 15) como uma contemplação, uma relação social entre pessoas, medida por imagens. “O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma a si em ordem espetacular a qual adere de forma positiva”. Para Debord (1997), o espetáculo é uma visão de mundo que se tornou objetiva. Localiza-se no supérfluo, mantendo intocado o que é essencial.

Este artifício da média de espetacularização, com todas as suas ambiguidades, tem demonstrado estratégias – elaboradas nas relações estabelecidas entre interlocutores –, que trabalham na instrumentalização desse “sensível” por meio do contingente dos afetos, que se trata no campo midiático de matéria est tica considerada toda dimensão sensível da experiência vivida, a *aisth sis*, a nossa faculdade de sentir.

“O alvo estratégico das mídias não é o cognitivo, nem o prático, mas o fazer sentir, o da *aisth sis*” (SODRÉ, 2006, p. 17). O desejo aqui   a mola mestra para impulsionar esse gozo est tico (SODRÉ, 2006). Sobre a expressão do desejo na contemporaneidade, explica Chauí:

É muito possível que o desejo, cuja mística parece tomar conta da ideologia contemporânea, seja uma noção privilegiada para captarmos o advento do mundo desencantado, particularmente quando acompanhamos sua mutação ao passar de conceito metafísico a conceito psicológico: de interpretante das estruturas e acontecimentos cósmico-teológicos, o desejo passou a significante das operações e significações inconscientes da psique humana. O desejo — eros plat nico, m mesis aristotélica, simpatia-antipatia universais renascentista, Lust-Begierde dos mistérios teos ficos b hmianos — deixou de ser o motor e o móvel do universo para recolher-

se no interior da alma, simples paixão humana. É verdade que, para os primeiros filósofos modernos — Bacon, Descartes, Hobbes, Spinoza, Leibniz — as paixões da alma ainda eram parte das operações comuns à Natureza inteira, mas com eles já está a caminho a separação metafísica do em-si e do para-si, preparando a passagem do desejo de condição e suporte do cosmo a objeto de uma ciência particular (a psicologia) e das clínicas (psiquiatria e psicanálise). O desencantamento do mundo tem como pressuposto essa decisiva mutação do desejo que, de misteriosa potência cósmico-teológica, transmuta-se em simples potência da alma cujo enigma cabe à razão decifrar inteiramente. (CHAUÍ, 2011, p. 14).

A transformação do desejo conforme apontou Chauí para um campo de uma ciência particular abre assim um questionamento sobre se a aplicação desse contingente de afetos a partir do movimento do desejo em favor do fortalecimento de sujeitos éticos ativos e não apenas passivos é possível.

Segundo Lipovetsky (2004), estamos entrando numa terceira fase da moral. Saímos de uma moral teológica, que era inseparável dos mandamentos divinos, para uma moral natural, pensada em termos racionais, como universais, e eterna, que estaria presente em todos os homens; agora, entramos numa terceira, a pós-moralista que exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, que o ideal de devoção e abnegação.

Uma cultura de contradições representada pelos desejos que, ao mesmo tempo, segundo o autor, convive com um sopro ético que busca as ações humanitárias, a luta pelos direitos humanos nas sociedades liberais, além dos movimentos de equidade de gênero.

Aplicado ao jornalismo, o desejo é trabalhado por meio dos afetos paixões, ambos verificados em vários tipos de linguagens jornalísticas e publicitárias no cotidiano. Para isso, são utilizados filtros, como de dramatização nas análises das narrativas das categorias de amor, ódio, raiva, arrependimento, por exemplo, que reaparecem sob formas de contratos de comunicação.

Charaudeau (2006) sinaliza nesta direção sobre como os afetos no jornalismo nos levam a estados de pulsão de uma visada de captação dramática – entre a mobilização pela afetividade e a racionalidade.

A instância midiática deve proceder a uma encenação sutil do discurso da informação, baseando-se em apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento de crenças que aí circulam. [...] Assim como a afetividade, elas são estruturadas pelo que designamos como imaginários sociodiscursivos. [...] Na tensão entre polos de credibilidade e captação (...) as mídias não ignoram isso, e seu jogo consiste em navegar entre esses dois polos ao sabor de sua ideologia e da natureza dos acontecimentos. Quando tiram partido de casos intermináveis, como casos de corrupção, notícias locais ou policiais com desdobramentos, seguem um roteiro dramático que se encerra nas questões sobre o destino humano: Como é possível? Por que as coisas são assim? Para onde vamos? Estamos lidando com o paradoxo do dado psicossocial que faz com que o processo cognitivo de compreensão de uma informação só possa desenvolver-se através do

mecanismo psíquico que integra o saber a representações captadoras. Aqui levado ao extremo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 92, 93).

Desta maneira, Charaudeau nos apresenta um caminho que podemos seguir sobre a produção de sentidos de um imaginário sociodiscursivo nessa encenação sutil construída por um roteiro dramático afetivo nos enunciados investigados e Spinoza (2013) nos ajuda neste sentido ao nos dizer que a produção de imagens ocorre nos encontros dos corpos, ou seja, nas impressões que um corpo sofre nos encontros com outros corpos. Este encontro na mídia é trabalhado como mimetismo afetivo, considerado um fenômeno de contágio emocional, conforme explica Gleizer (2011), um dos princípios da derivação afetiva em Spinoza:

É um mecanismo automático, pré-reflexivo, que não supõe nenhuma comparação entre nós e as coisas que imaginamos semelhantes a nós. Com esse princípio, nossos afetos e condutas passam a ser modificados pela consideração dos afetos que atribuímos imaginariamente aos outros, afetos estes que reagem sobre os nossos, intervindo em sua constituição. É esse princípio, portanto, que fornece a base afetiva das ligações sociais e que funda os ciclos imaginários da reciprocidade afetiva. (GLEIZER, 2011, p. 481).

Com base nestas reflexões sobre a mídia funcionando como contágio emocional, Damásio (2004) e Medina (2006) também nos colocam em evidência outro aspecto de um fator importante na ruptura pensada para o jornalismo dos afetos, que passa para um testemunho pela sensibilidade, em lugar do dizer absoluto do narrar positivista e dos certos enquadramentos jornalísticos. Isso condiz com uma ruptura dentro da própria ciência: a quebra dos dualismos.

Em Damásio (2004), questionam-se os dogmas cartesianos, questiona-se a separação abissal entre o corpo e a mente e como o primeiro, influenciado por questões físicas e sociais, interfere na segunda, sendo preciso, pois, pensar no todo formado pela junção de ambos. Um dualismo – também em fase de transformação – que aparece em contraposições que predominaram e que ainda hoje ecoam: falso e verdadeiro, crença e método, razão e emoção.

Assim, podemos dizer que a partir de Spinoza os afetos geram imagens mentais também no jornalismo. E, por conseguinte, a mente imagina e produz um imaginário (um real) de afetos e emoções – desejos, alegrias e tristezas. Ao tocarmos as páginas dos jornais e lermos suas narrativas, somos afetados por um jornalismo que busca testemunhos sensíveis, mas contagiados instantaneamente para uma produção de sentidos.

Desta maneira, acessamos, por meio de textos impressos, nossa carga de imagens que trazemos nos nossos registros mais ancestrais - sejam eles culturais, sensoriais, antropológicos – para construirmos uma realidade e interpretá-la numa contínua produção de sentidos.

Para construirmos as realidades, Charaudeau (2006) explica umas das formas utilizadas nos discursos: a transposição de imagens em linguagem (também icônica), cheia de armadilhas, onde as formas podem ter vários sentidos (polissemias) e sentidos próximos (sinonímia). Ou um mesmo enunciado pode ter vários valores (polidiscurso): referencial (descrevendo um estado de mundo), enunciativo (revelando identidades e as intenções dos interlocutores) e de crença.

Há também o fato que a significação é posta em discurso através de um jogo de dito e não-dito, de explícito e implícito, que não é perceptível por todos: tem-se consciência dessa multiplicidade de efeitos discursivos? Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro. (CHARAUDEAU, 2005, p. 38-39).

Assim, as narrativas jornalísticas sobre o afeto oferecem ao receptor uma experiência peculiar de “fazer sentir”, entendendo que as narrativas estão ancoradas em afetos, principalmente em notícias relacionadas à violência contra mulheres, que atingem o campo da afetividade, das sensações e emoções das relações humanas, mesmo com a referida busca dos jornalistas por uma objetividade nas informações.

A partir da utilização dessa linguagem com narrativas que buscam o efeito do real na objetividade e efeitos emocionais (subjetividades), é que se torna possível diferenciar um jornalismo afetivo, que busca construir um discurso tomando de cenas, elementos da literatura, vozes de personagens, com o objetivo de afetar a dimensão do sensível da recepção.

3.3 Gêneros de conhecimento

A noção de gênero, originária da retórica antiga e clássica, está presente na análise das mídias acompanhada de seus qualificativos que as especificam de acordo com o suporte midiático: gêneros jornalísticos, gêneros televisivos, gêneros radiofônicos. O gênero de informação midiática (CHARAUDEAU, 2006), trata-se de cruzamentos entre a instância enunciativa (sujeito falante), o modo discursivo (que transforma o acontecimento em notícia), o conteúdo temático (que constitui a rubrica abordada na notícia) e o tipo de dispositivo (que diferencia os gêneros de acordo com seu suporte).

As formas textuais são apresentadas na imprensa escrita em discursos, tipologias e gêneros. O gênero notícia tem modos discursivos inseridos nos acontecimentos relatados,

acontecimentos provocados e o acontecimento comentado, este último podendo abarcar os outros dois.

Em Sodré (2012), a notícia pode ser considerada estratégia discursiva complexa do universo jornalístico. Na *A narração do fato*, o autor mostra uma investigação teórica sobre o problema da determinação do “noticiável”, em consonância com os discursos da informação e da ficção. Sodré demonstra que o texto jornalístico pode ser retoricamente ficcional, mas não pode ser considerado como gênero literário e nem mesmo como ficção, somente por utilizar tais elementos literários.

O texto jornalístico pode ser retoricamente ficcional, mas não fictício, enquanto o literário comporta o ficcional e o fictício. O ficcional e fictício pode até mesmo comportar a argumentação, principalmente neste instante histórico em que a hipertrofia dos simulacros midiáticos confunde a distinção entre o imaginário e o real-histórico. No literário, porém, os argumentos não se dão como logicamente prévios ao texto, ou seja, ao invés de veicularem ideias previamente argumentadas, as palavras ganham uma outra “vida” e se atraem ou se catalisam mutuamente, gerando uma fala polissêmica, plurissignificativa assentada num real próprio, virtualmente afinado com uma dimensão originária, constitutiva, possivelmente inatual. (SODRÉ, 2012, p. 167 e 168).

Para esse autor, a notícia pode ser considerada como um gênero sociodiscursivo, porque “implica dizer que o seu sentido depende diretamente de uma situação comunicativa inserida na experiência cotidiana, comum a um grupo de sujeitos linguísticos” (SODRÉ, 2012, p. 138). Embora não tenha a mesma estabilidade formal como a de um gênero literário, por conta de suas constantes mutações, a notícia como gênero compreende “a construção textual paradigmática” pela qual se dá a informação jornalística.

Mas mesmo nos textos jornalísticos, por se tratar de uma linguagem que precisa se adaptar às exigências de mercado, tendo como prioridades a produção de notícias em larga escala, num estilo “objetivo” e “imparcial”, ainda é possível identificar que o jornalista utiliza recursos, não só linguísticos, que tornem sua narrativa um encontro com o outro. Os estudos de Motta (2008) confirmam que os discursos narrativos midiáticos se constroem através de ações organizadoras do discurso por meio de modos linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos.

A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. (MOTTA, 2008, p. 2).

Nesse entendimento nos damos conta de que notícias não são apenas representações da realidade, mas são construções baseadas nos sentidos e formas de organização de nossas ações em função de estratégias culturais em contexto.

A realidade recriada adquire então nova estrutura, clímax e desfechos de histórias que se encaixam em uma narrativa inédita e completa. As notícias unitárias passam a ser parte de um acontecimento integral. É assim que percebemos e construímos, através da memória, a nossa realidade no mundo da vida: a vida se transforma em arte (em narrativas dramáticas) e a arte se converte em um veículo através do qual a realidade se torna manifesta. Construímos então as nossas identidades, a nossa biografia, a nossa história, o nosso passado, presente e futuro. (MOTTA, 2008, p. 3).

Com essa explanação, estabelecemos uma possível conexão do gênero notícia baseada em narrar fatos (objetificar) e emocionar (afetos) com a ênfase dada por Spinoza aos gêneros do conhecimento, observando aqui como Spinoza designava essas formas.

Para ele, o conhecimento varia em graus de potência e como os indivíduos experimentam o mundo. Só a partir dos encontros e na relação com o Outro é que podemos acessar uma potência de agir livre. Ele definia o ato de conhecer em três etapas: imaginação, razão e intuição.

A imaginação, que é o conhecimento confuso, adquirido pela percepção sensorial elementar, funcionando por associação, por ouvir dizer e processos afins, a razão, o conhecimento das leis universais da natureza e da razão, e acima de todos, a *sciencia intuitiva* o conhecimento intuitivo, uma apreensão sinóptica das essências e de uma cadeia imanente de causas. A razão é apenas o grau inferior, incapaz de transformar a personalidade do indivíduo, de revolucionar sua vida e de produzir o amor intelectual a Deus. A *sciencia intuitiva*, o grau mais lato, deveria conduzir à beatitude, à liberdade, ao amor. Nela, os saberes de fundem. A razão deixa de ser meramente analítica e discursiva e, passa a guiar não só o conhecimento, mas também os supremos objetivos éticos e espirituais, associado às religiões (BENJAMIN, 2014, p. 10).

Surge então outro questionamento a partir desses três gêneros de conhecimento: Como podemos sair do conhecimento da imaginação para o conhecimento de uma intuição?

O corpo faz um percurso ético de aumento ou diminuição de sua potência (*conatus*) por meio do conhecimento gerado a partir desses encontros. É a perspectiva desse encontro de corpos e de relações que Spinoza utiliza para falar do conhecimento, como intensidade do potencial nos encontros, de movimento e repouso que resultam nos processos de conhecer. “Quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna” (SPINOZA, 2013, p. 235).

De tudo o que foi anteriormente dito conclui-se claramente que percebemos muitas coisas e formamos noções universais: 1- A partir de coisas singulares, que os sentidos representam mutilada, confusamente, e sem ordem própria do intelecto (veja-se corol. da prop. 29). Por isso, passei a chamar essas percepções de experiência errática. 2- A partir de signos; por exemplo, por ter ouvido ou lido certas palavras, nós nos recordamos das coisas e delas formamos ideias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos as coisas (veja-se o esc. da prop. 18). Vou me referir, posteriormente, a esses dois modos de considerar as coisas, como o conhecimento de primeiro gênero, opinião ou imaginação. (SPINOZA, 2013, p. 81).

Percebemos então que poderíamos relacionar o gênero informação midiática com o primeiro gênero de conhecimento de Spinoza, inserindo a notícia mais no quadro da imaginação passiva, no qual o conhecimento produzido nas notícias afetaria mais os indivíduos dentro de um processo de construção a partir dos sentidos, que nos deixa mais na servidão do que na liberdade.

As notícias funcionando a partir dos afetos, nos casos de narrativas de violência contra mulheres, aumentariam a potência do indivíduo, mas de maneira limitada, fixada em textos com impressões, que engendram uma experiência errática de conhecer. Como diz Spinoza (2013), a partir de signos; por exemplo, “por ter ouvido ou lido certas palavras, nós nos recordamos das coisas e delas formamos ideias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos as coisas”. A imaginação cria uma realidade baseada em traços, informações aleatórias sem conhecimento das causas que produzem aquela situação.

O gênero informativo também teria uma interface com o segundo gênero da razão de Spinoza, mas restrito sem uma modulação da potência para seu aumento. No segundo gênero de conhecimento entrariam as análises sobre os acontecimentos relatados (as reportagens), trabalhando mais a racionalidade, investigando os fatos, oferecendo uma maior intensidade da potência de agir do sujeito ético.

No terceiro gênero, o conhecimento pela intuição, estaria mais modulado para o aumento da potência relacionado à comunicação autêntica proposta por Wolton (1997), integrado à liberdade e interação. Nesse terceiro gênero de conhecimento, a modulação de potência, a unidade corpo e mente está de posse da potência de agir, está experimentando a unidade com a potência da vida.

Nesse grau, poderíamos pensar a comunicação de uma maneira de integração, composição, fortalecimento da potência. A comunicação dada neste instante criaria um sentido de responsabilidade, ajudaria a colocar em movimento “a democratização da responsabilidade”, conforme aponta Thompson (1998, p. 227), no sentido de que a preocupação por outros distantes se torna entranhada na vida cotidiana de mais e mais indivíduos.

Neste modo existente humano, baseado no terceiro gênero de conhecimento de Spinoza, admitira-se uma comunicação com sentido de responsabilidade na esfera de nossas interações cotidianas, como movimento de criação de uma Ética.

Necessariamente, poderíamos pensar como o discurso midiático poderia assumir essa face responsável e ética. Contudo, a conexão aberta nesta pesquisa precisaria de mais aprofundamento para ser investigada relacionando os gênero de conhecimento de Spinoza (2013) com o gêneros de informação midiática (CHARAUDEAU, 2006). Deste modo, nossa motivação aqui foi gerar uma conexão entre um e outro, necessitando de aplicação dos estudos para seus efeitos de comprovação.

4 ANÁLISE: O AFETO NAS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

4.1 Contexto da violência contra mulher

Esclarecemos que já existe um vasto campo de respostas relativas às questões relacionadas ao tema violência contra mulheres, rastreado e pesquisado na área ideológica bem conhecida: questões de gênero, formação social, contexto histórico, econômicos, práxis grupais, que integram a constituição dos discursos jornalísticos. No entanto, nossa motivação foi trabalhar diretamente com o nosso objeto de análise - o afeto de Spinoza aplicado no jornalismo -, o nosso fio condutor dentro nas narrativas de violência contra mulheres.

Para trabalharmos com as narrativas de violência contra mulheres, repetimos aqui a definição do conceito que utilizamos baseada com a definição da Lei nº 11.340, de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha. No texto legal, a violência contra mulher é definida: “Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe causa morte, lesão, sofrimento físico, sexual e dano moral ou patrimonial”.

Esta demarcação conceitual reflete o paradigma de gênero e o paradigma internacional dos direitos humanos que influencia mudanças no cenário jurídico-político brasileiro. Isso inclui a promulgação de novas leis que ampliam formalmente os direitos das mulheres, como foi o caso da Lei 11.340 de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha.

A criminalização da violência contra mulher por meio da Lei Maria da Penha ganhou mais força durante o ano de 2015, quando os crimes ditos passionais, conceituados assim apenas no campo doutrinário, ganharam tipificação no inciso VII § 2º Art. 121 do Código Penal Brasileiro, como feminicídio, quando o Brasil promulgou a lei (Lei nº 13.104/15),

classificando como homicídio qualificado aquele que é cometido contra mulheres no âmbito doméstico ou por razões de gênero.

A lei determina que, se uma mulher for morta por razões de gênero, como no caso de violência doméstica ou em casos de menosprezo ou discriminação à condição de mulher passa a ser agravante do crime de homicídio. A legislação sobre crimes hediondos (Lei nº 8072/90) também foi alterada deixando claro que, portanto, o feminicídio, entrou no rol de crimes hediondos no Brasil.

O aumento da pena de 1/3 até a metade foi ampliado caso o crime seja praticado durante a gravidez ou nos primeiros três meses posteriores ao parto, contra pessoa menor de 14 anos, maior de 60 anos ou com deficiência ou na presença de ascendente ou descendente da vítima. A pena para o homicídio simples vai de 6 a 20 anos de reclusão. Já o homicídio qualificado, tipo penal do feminicídio, tem pena de 12 a 30 anos.

O cenário de mudança no âmbito da legislação criminal, após 75 anos da publicação do Código Penal Brasileiro, passou invisível pelos jornais paraibanos. O *Jornal da Paraíba* foi o único que trouxe, na edição de 10 de março de 2015, um registro da agência de notícias FolhaPress no noticiário na página Geral, sobre a sanção da lei pela então presidente Dilma Rousseff, com o título *Penas Ampliadas: Dilma sanciona Lei que inclui feminicídio no CP* e discurso direto da presidente sobre o cenário nacional:

[...] Segundo Dilma, morrem, em média, 15 mulheres por dia no país vítimas de violência por questão de gênero. "Os números nos chocam e mostram que as brasileiras são submetidas a uma violência inaceitável", disse. "Combatemos a violência contra a mulher porque acreditamos que toda mulher tem direito à integridade. Quando tratamos a mulher como protagonista, o que queremos é dar poder a ela", afirmou. Dilma foi aplaudida diversas vezes durante o seu discurso.

Dois dias antes da Lei do Feminicídio ser sancionada, no 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o *Jornal da Paraíba* trouxe a reprodução de um artigo na página de Opinião na coluna assinada por Alice Bianchini, doutora em direito penal pela PUC/SP e Luiz Flávio Gomes, jurista e diretor-presidente do Instituto Avante Brasil sobre os assassinatos de mulheres, sob o título: "Uma mulher é morta a cada hora no Brasil", fazendo uma relação direta com o campo da afetividade humana, onde o amor e o cuidado deveriam ser o centro da educação e das comunicações, a partir de citações da psicóloga Myrthes Gonzales (UNISINOS).

Os dois autores afirmam que apesar dos avanços nas lutas travadas por melhores políticas públicas e legislativas em favor delas, em termos de resultados práticos (preventivos)

as comemorações são pífias (porque continuam aumentando os homicídios contra as pessoas do sexo feminino):

[...] Na violência em geral, mas particularmente na violência contra as mulheres (misoginia = ódio contra as mulheres), ocorre o fenômeno da desumanização, que se desenvolve em várias etapas: primeiro o distanciamento ou a indiferença frente a tais vítimas; depois despontam as diferenças, que as caracterizam como distintas ou estranhas; em seguida elas são percebidas como indesejáveis ou inimigas e, por fim, como não humanos (como não pessoas). Chegados a esse ponto, os “outros” (no caso, as “outras”) não mais são consideradas como humanos dotados de direitos (daí a mutilação, a tortura ou mesmo o extermínio, sem nenhum sentimento de culpa). A cultura da misoginia (do ódio contra as mulheres) é diametralmente oposta à cultura da afetividade e do cuidado. A essência humana é o cuidado (diz Heidegger). Mas esse cuidado exige uma excelente educação (que é o antídoto mais poderoso à programação neurobiológica do humano para a violência - todos os países educacionalmente evoluídos diminuíram a violência, a começar pela Europa). Educar é cultivar (afirma Myrthes Gonzales). Podemos cultivar o que há de nobre e belo nas pessoas ou não cuidar delas, deixando-as viver sob o império dos seus impulsos naturais. Nas escolas e nas mídias, incluindo as sociais, podemos cultivar atitudes violentas ou reformar o medo e a sensação de impotência. O amor e o cuidado deveriam ser o centro da educação e das comunicações. Isso requer a presença interessada e respeitosa da ética fundada na consideração dos outros seres humanos. Em lugar de ver o “outro” (ou “outra”) como um ser igual, em lugar de ver seus talentos e acreditar no potencial das pessoas e incentivá-las, estamos, em regra, no caminho oposto, esquecendo que o alimento essencial do humano é a presença afetiva e cuidadosa do outro ser humano. Esse alimento é importante para todas as pessoas (adultos, crianças, mulheres etc.). Somente assim podemos começar a criar um mundo novo, a partir de nossas atitudes e gestos cotidianos (Myrthes Gonzales, em *Bem Estar - Qualidade de Vida*, ano 3, n. 11, fevereiro/15: 14)⁵.

Desta maneira, do ponto de vista jurídico, os crimes passionais, tratam-se agora de crimes de ódio, de feminicídio. Neste contexto, valeria um estudo mais aprofundado sobre a ausência da aplicação do uso do termo feminicídio ao invés de crimes passionais durante o ano de 2015 e sobre a falta de ampla divulgação da legislação nas notícias publicadas, dentro de uma perspectiva de análise de discurso das mídias sobre a temática feminicídio.

Ou por que os homens ainda matam mulheres nos jornais paraibanos fazendo uma conexão com outros universos culturais e dados internacionais de países europeus, como a Espanha, por exemplo, em que 45% dos casos os homens que assassinaram seu par não tinham nenhum antecedente violento conhecido; entrariam num amplo grupo que pode ser classificado como de agressores “eventuais”, e, portanto, imprevisíveis⁶, segundo publicação da Secretaria de Estado da Segurança do Ministério do Interior da Espanha, publicada no site *El País*, em julho deste ano, desconstruindo uma ideia generalizada de que a violência de

⁵ Texto reproduzido na coluna Alice Bianchini, intitulada Uma mulher é morta a cada hora no Brasil, *Jornal da PARAÍBA*, ano 44, n. 12.5968, mar. 2015.

⁶ https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/08/internacional/1499533272_517542.html

gênero implica uma escalada de tensões, agressões verbais, físicas, falsa lua de mel e manipulação emocional.

4.1.1 Assassinatos de mulheres no Brasil

Os casos brutais de violência contra mulheres sensibilizaram os paraibanos com a divulgação do aumento de estatísticas em ambos os jornais em 2015. O Mapa da Violência – 2015 (WAISELFISZ, 2015), uma referência sobre o tema, confirmou o aumento de mortes em 10 anos, entre 1980 e 2013, com 106.093 brasileiras vítimas de assassinatos, inserindo o cenário brasileiro como diametralmente oposto à cultura do cuidado com o “outro”.

Uma mulher é morta a cada hora. Em 2012 ocorreram 4.719 mortes de mulheres por meios violentos no Brasil, ou seja, 4,7 mortes para cada grupo de 100 mil mulheres. Entre 1996 e 2012 houve um crescimento de 28% nesses óbitos. Na década 2002-2012 o crescimento foi de 22.5%; em 2002 constatarem-se 3.860 mortes, contra 4.719 em 2012. Portanto, para esta década, a média de crescimento anual de homicídios foi de 1,93%. Em 2013, foram 4.762 registros no Brasil – aproximadamente 13 homicídios femininos por dia.

O estudo mostrou que a Paraíba está em 6º lugar dentre os estados brasileiros, com índice de 6,4%. Outro fenômeno evidenciado pelo Mapa da Violência é a interiorização da violência contra mulher. João Pessoa está no *ranking* das capitais com taxas mais elevadas no ano de 2013, na terceira posição, com 10,5 homicídios por 100 mil mulheres, acima do índice estadual.

A pesquisa indicou ainda que, em 2003, a taxa de homicídios de mulheres paraibanas era de 1,9 para cada 100 mil habitantes. Neste ano, a Paraíba registrava o menor índice desse tipo de crime no país. Já em 2011, essa taxa chegou a 7,2/100 mil habitantes, o mais elevado da série histórica registrada no estado. Nos anos de 2003 a 2013, o índice de homicídios contra mulheres negras cresceu cerca de 300% na Paraíba.

Do ponto de vista dos dados, o número de denúncias locais, em João Pessoa, aumentou e os inquéritos tombados na Delegacia da Mulher de João Pessoa subiu 66,56%, de 2011 até 2015. A maioria dos casos é de agressão física motivada por ciúmes e ameaças de mortes. Tramitam no Ministério Público da Paraíba mais de seis mil processos de violência contra mulher.

A coordenadora das Delegacias Especializadas de Violência contra Mulher, Maísa Félix, faz uma conexão do aumento das denúncias com as novas leis promulgadas, como a Lei Maria da Penha. No entanto, a motivação dos crimes, segundo ela, continua em 60% dos

casos, entremeada por conflitos nas relações afetivas. Nos inquéritos policiais, os relatos de amor passam para um ódio extremo resultante em agressões, ameaças de morte e, por consequência, as mortes.

“A lei Maria da Penha que criminaliza violência doméstica no Brasil completou dez anos. A sua divulgação foi fundamental para garantir a aplicação e colaborar com ruptura da cultura de subordinação dos corpos e vidas femininas. Mas no fundo existe ainda uma moral implícita de séculos passados de que a honra manchada lava-se com sangue”, afirma a delegada em entrevista de campo para esta pesquisa.

Mesmo com as mudanças na legislação, a moral implícita colocada pela delegada é reproduzida nos crimes noticiados. De acordo com Del Priore (2006), em sua pesquisa sobre intimidades do amor nos faz refletir que o imaginário construído sobre os crimes passionais é registrado desde o Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XIX, considerado uma modalidade de violência bastante presente nas camadas desfavorecidas.

Segundo a autora, os crimes passionais tinham no aparato da Justiça duas escolas: os criminalistas clássicos, que entendiam que a mais violenta paixão não provocaria a suspensão das faculdades mentais, e, a Escola Positivista Italiana, que retirava as responsabilidades dos criminosos passionais.

Um dos autores que justificava a ênfase da paixão e amor com a loucura era Gabrielle D’Annunzio, cuja obra considerava, que “o amor e o ciúme estão na raiz dos gestos mais impulsivos” (PRIORE, 2006, p. 263). Caso revidassem as agressões ou ataques de companheiros, as mulheres ainda tinham de enfrentar os juízes. Assim, precisavam apresentar as marcas mais profundas para provar a inocência. “Já eles, as matavam a pauladas, facadas, murros, muitas vezes rasgando-lhes o sexo (PRIORE, 2006, p. 264).

Na série jornalística “No Jardim do Crime”, publicada na *Gazeta de Notícias*, João do Rio relata sua visita à casa de detenção da capital, onde entrevista “assassinos por amor”. Citamos aqui como exemplo:

Ouve Salvador Firmino, negro sexagenário, que lhe conta como matou Silvéria, por quem deixara sua mulher e a qual o deixara por certo Herculano. Ouve Abílio Serano que lhe declara de chofre, “matei minha mulher”. Era o personagem do Crime do Catete; “... dias depois do nosso casamento minha esposa confessou-me que tinha sido gozada por um negociante amante de sua mãe”. Ouve Alfredo Paulino, que se casaria aos 16 anos e matara o rival em sua própria casa. Entrevista Herculana que, depois de insultada – “ele me disse uma porção de nomes” – cortara a garganta do amante enquanto esse dormia, acendera todas as velas que encontrara e começara a cantar. E conclui o jornalista: “Com corações em sangue, vi uma coleção de assassinos, desde um velho lamentável até uma criança honesta, postos fora da sociedade pelo desvario, pela loucura que a paixão sopra no mundo”. (PRIORE, 2006, p. 264).

Podemos entender que os crimes passionais, com a demorada mudança na legislação do Código Penal de 1940 (refiro-me à inclusão da tipificação do feminicídio), ainda prevalecem nesse imaginário sociodiscursivo com cenas cravadas pelos afetos de amor e ódio descritos nas páginas dos jornais.

Esse relato da “honra manchada lava-se com sangue” pode ser observado nos crimes de feminicídio, por exemplo, que acontecem frequentemente e são noticiados regularmente nas páginas dos jornais reproduzindo nas narrativas linguagem afetiva que, em sua grande maioria, é culpabilizante, condescendente com o agressor e repleta de especulações sobre possíveis comportamentos da mulher, principalmente, como reação aos adultérios. Priori (2006) reproduz bem essa visão a partir de relatos do século passado de processos jurídicos daquele tempo, mas que são bem atuais:

Na tradição machista e patriarcal, honra manchada lava-se com sangue. Já o adultério masculino normalmente provocava acomodação por parte das mulheres, em especial nas camadas burguesas, temerosas de uma ruptura que obrigasse a mudar de vida. Entre nós, de acordo com o Código Penal de 1890, só a mulher era penalizada e punida por adultério, com prisão de um a três anos. O homem só era considerado adúltero no caso de possuir concubina teúda e manteúda, e isso era considerado um assunto privado. (PRIORE, 2006, p. 265).

Essa serialidade ou recorrência aciona a imaginação dos leitores dos jornais, requerendo deles a complementação de sentidos, abordados numa linguagem afetiva que se utiliza dos testemunhos para reproduzir nas narrativas uma sequência passional. Isso nos leva a reflexões sobre o que está atrás das aparências dos afetos.

4.2 Afetos violentos nos jornais paraibanos

4.2.1 A ambivalência e encenação nas narrativas

Optamos em percorrer a colheita do material empírico durante um ano, de janeiro a dezembro de 2015, por nosso foco ser a busca da apresentação dos termos afetivos nas narrativas de violência contra mulheres. Em sequência, escolhemos as narrativas, de acordo com a ideia de que os discursos midiáticos constroem enunciados que podem emocionar e atingir os leitores. Assim, focamos nas de maior incidência emotiva no noticiário.

Nesse período, os jornais *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba* deram destaques, principalmente aos assassinatos, nos casos de ex-companheiros ou companheiros que

mataram as mulheres com requintes de crueldade. O noticiário se repete com fatos relatados por analogias e descrições das reações, onde o “o indivíduo é desumanizado, tratado como um fato e não como um ator responsável” (CHARAUDEAU, 2006, p. 156).

São enunciados que tratam causas e consequências, mas sem análise. As narrativas são de reconstituição com ataques de dramatização, tendo os afetos servido como eixo para títulos e justificativas. As maneiras de relatar foram identificadas como duas: usando citações, com efeito de objetivação, e narrativizando, com efeito de dramatização.

Os fatos apresentam uma diegese narrativa (buscando atores e consequências de suas ações) colada com a diegese evenemencial (com descrições sobre o que ocorreu, ajudando o leitor a ver ou imaginar o acontecimento). Posiciona-se na categoria do trágico, entre as pulsões de vida e morte, com ênfase em títulos que enfatizam corpos queimados, esfaqueados, apedrejados, enterrados nas margens de rios ou como “prova de amor”.

As características dos enunciados jornalísticos sobre o afeto nos casos de violência contra mulheres demonstram a ambivalência na construção do discurso relatado como uma prova, tendo como efeitos amálgama de “duplo desejo de simplificação e dramatização estabelecendo analogias” e de psicologização, isto é, “a vontade mais ou menos confessada de criar vítimas” (CHARAUDEAU, 2006, p.186).

Esta característica ambivalente com efeitos narrativos de amálgama e psicologização dos afetos está permeada na linguagem da *esperança e do medo*, do *amor e ódio*, *ciúme e inveja*, *arrependimento e perdão*, e, *por fim, desejo*, encontrados camuflados ou com sentidos contrários à sua gênese de origem, dos afetos primários propostos na *Ética*, de Spinoza.

O tipo de modo discursivo de o dispositivo jornal na categoria relatar acontecimento⁷ está explicitado numa perspectiva spinozista sob a forma do primeiro gênero de conhecimento, ou particular, formado a partir de uma experiência vaga, de signos, de crenças, de opiniões ou do ouvir-dizer.

A finalidade das narrativas apresenta a visada do *pathos*, o fazer sentir, ou seja, “provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável” (CHARAUDEAU, 2006, p. 69). No ato de discurso, os afetos correm pelo caminho da deformação. No jornalismo, considerado “a deformação como vulgarização, ou seja, procedimento de simplificação, tentando tornar claro o que é complexo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 185).

⁷ A definição de gênero informação midiática pode ser definida entre o tipo de instância enunciativa, modo discursivo, conteúdo e dispositivo. No modo discursivo, transforma o acontecimento midiático em notícia - fatos e ditos - atribuindo-lhe propriedades particulares que dependem do tratamento geral da informação. (CHARAUDEAU, 2006, p. 207).

4.2.2 Esperança e medo

Observamos a linguagem da *esperança* e do *medo* que trata sobre regeneração no enunciado da notícia “Tragédia em Queimadas” sobre o assassinato de Sandra Serafim de Oliveira, 33, morta a golpes de faca dentro de casa diante dos nove filhos, entre crianças e adolescentes, publicado no *Correio da Paraíba*, no caderno Cidades, na edição de 05 de novembro de 2015:

O delegado Ramirez São Pedro, da 11ª Delegacia Seccional de Queimadas, disse que a série de brigas acabou em morte: Josimar da Silva já respondia a processos de injúria, violência doméstica e ameaças a Sandra de Oliveira. Ele já requereu à Justiça a prisão preventiva do acusado, que já responde a processo por injúria, violência doméstica e ameaça contra a mulher que ele terminou assassinando. A vítima, de acordo com o delegado “mais de uma vez foi questionada acerca de eventuais violências de que estaria sofrendo, mas ela negou e disse que ele (Josimar) teria se **regenerado**”, disse. O delegado disse, ainda, que, o acusado é uma pessoa que vive embriagada costumeiramente. (JOSÉ, 2015, p. 3).

No discurso direto da fonte policial, neste caso de análise, a **regeneração** remete-se à analogia dos afetos da esperança e medo embutida em declarações dadas pelo delegado concedidas pela mulher antes de sua morte, quando a fonte policial declara que Sandra (vítima) negou as violências anteriores e acreditou numa regeneração do agressor.

Na citação baseada em autoridades policiais, o jornalista busca gerar autenticidade com a fala direta do delegado que serve de testemunho. No discurso das mídias, a *esperança e medo* coloca em cena responsáveis e eventuais culpados, assegurando uma credibilidade na captação da informação e na sua repercussão.

Nesse discurso camuflado, localizamos a legitimação da esperança e medo encontrada no efeito da psicologização da explicação, o efeito da culpa explicitado na notícia. “O discurso da informação deveria tentar estabelecer correlações sem necessariamente supor as intenções, mas isso não é atraente” (CHARAUDEAU, 2006, p. 187).

O jornalista utiliza a citação direta do delegado para objetificar e banalizar o ato de assassinar e simplificar suas causas, tornando a negação de Sandra (vítima) uma forma de anular as violências, responsabilizando-a pelo crime. Neste contexto, a declaração feita pelo delegado mostra uma ambivalência de sentidos que implicitamente ganha nuances de um julgamento da própria vítima, como se a esperança na regeneração autorizasse sua morte.

Spinoza nos ajuda a refletir sobre o medo (*metus*) e esperança (*sper*) (SAFATLE, 2015) que se complementam na complexidade do circuito dos afetos nessa narrativa. Na parte III da *Ética*, Spinoza elabora um quadro com a definição das variações dos afetos, onde

podemos identificar um conjunto de paixões que, articuladas, chegaríamos ao sistema da esperança e do medo, que tem conexões com paixões e imagens corporais, que envolvem ideias imaginativas da mente.

A isso se acrescenta que esses afetos indicam uma carência de conhecimento e uma impotência da mente. E por essa causa, também a segurança, o desespero, o gáudio e a decepção são sinais de um ânimo de impotência. Com efeito, embora, a segurança e o contentamento sejam afetos de alegria, pressupõem, entretanto, que a tristeza os precedeu, quer dizer, a esperança e o medo. Assim quanto mais nos esforçamos por depender menos da esperança e por nos livrar do medo; por dominar, o quanto pudermos, o acaso; e por dirigir nossas ações de acordo com o conselho seguro da razão. (SPINOZA, 2013, p. 188).

Segundo Chauí (1987, p. 57), este sistema do medo é “um tecido de relações e causas abstratas, que serve para explicar acontecimentos, interpretar afetos e como conhecimento do real”. Exemplificamos desta forma: a maneira como nosso corpo se percebe e percebe os outros corpos acontece quando nosso corpo é afetado ou afeta outros corpos. Quando entramos em relação, por desconhecermos na mente essas afecções corporais, essa percepção produz imagens corporais, que fabricam novas imagens, num tipo de desarticulação de corpo e mente.

Esse campo imaginário, de formações mentais, atribui ao mundo externo os efeitos de causas interiores. A esperança e o medo estão interligados dentro desse sistema de referencial externo e têm como campo de fundo a tristeza, e como já sabemos, a “tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para menor” (SPINOZA, 2013), ou seja, toda “nossa percepção da diminuição de nossa força de agir e existir” (CHAUÍ, 1987).

Assim, porque a diminuição da força do conatus corpóreo e anímico, a tristeza só pode ter causas exteriores sendo por isso intrínseca e necessariamente paixão, jamais ação. Dela nascem, ódio, medo, desespero, humildade, remorso, inveja, abjeção, despeito, comiseração, vergonha, arrependimento. (CHAUÍ, 1987, p. 55)

Assim, discriminamos o mundo a partir dessas ideias imaginativas, a partir de um referencial externo. Como se existisse uma mente dentro de nós e um mundo que estudamos e observamos fora de nós, o que Spinoza definiu como conhecimento de primeiro gênero ou imaginação passiva, ignorância. Como não compreendemos a verdadeira natureza das coisas essa imaginação confunde: “necessário e contingente, possível e arbitrário, duração e tempo, posse e liberdade, inédito e milagre, apetite humano e atividade substancial, força e transgressão, felicidade e obediência” (CHAUÍ, 187, p. 57).

A discriminação não é a realidade, mas um referencial de experiência. Podemos olhar para o mesmo objeto de uma forma ou de outra. Para Spinoza, a experiência em si não traz nenhum perigo, mas sim, como a interpretamos e lidamos com ela. A experiência em si não perpassa por uma questão moral, de certo ou errado, porém por uso da razão compreendemos o que realmente nos convém.

Na esperança, temos dúvidas que um bem futuro aconteça e temos medo que não se realize; no medo desejamos que um mal não aconteça e esperamos que ele não aconteça. Ou seja, ambos são baseados na tristeza.

Segue-se dessas definições que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. Com efeito, supõe-se que quem está apegado à esperança, e tem dúvida sobre a realização de uma coisa, imagina algo que exclui a existência da coisa futura, e portanto, dessa maneira, entristece-se. Como consequência, enquanto está apegado à esperança, tem medo que a coisa não se realize. Quem, contrariamente, tem medo, isto é, quem tem dúvida sobre a realização de uma coisa que odeia, também imagina algo que exclui a existência dessa coisa, e portanto alegra-se. E, como consequência, dessa maneira, tem esperança que essa coisa não se realize. (SPINOZA, 2013, p. 144).

Desta maneira, a notícia enfatizada na esperança e medo, no caso a esperança da regeneração que resultou em morte, implicitamente nos aponta para uma falta de conhecimento e impotência, enquadrada dentro do primeiro gênero de conhecimento spinozista. Como justificativa para o assassinato, o trecho da citação nos afeta de maneira entristecedora, não dialogando com nenhuma possibilidade de busca de uma saída. O meganarrador – o contrato midiático, ou seja, o jornal – nos afeta na imobilidade entre o implícito e o explícito.

Como potência, o discurso engessado nos afeta diretamente com tristeza, inserindo mais medo no medo, ou seja, as mulheres não têm amparo e morrem acreditando na regeneração. Esse discurso jornalístico em análise poderia ser narrado utilizando os afetos de Spinoza desta maneira: “A vítima, de acordo com o delegado ““mais de uma vez foi questionada acerca de eventuais violências de que estaria sofrendo, mas acredita-se que por tristeza e sentindo medo, ela impotente, disse que tinha a esperança de que ele (Josimar) teria mudado”, disse.

4.2.3 Arrependimento e perdão

Nesta segunda notícia analisada, na edição do *Jornal da Paraíba* do dia seis de agosto, no caderno Cidades, sob o título “CG tem 2,2 mil casos de violência doméstica”, narra-se o

trabalho do Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher da cidade, criado no final de 2011, para atender e dar celeridade aos processos da região de Campina Grande, com 2.233 mil processos ativos, a maior parte deles envolvendo casos de lesão corporal e ameaça. No entanto, a narrativa é encerrada com discurso direto de uma mulher (com nome ficcional), vítima de agressão a pedradas, que vale ser abordado pela forma como os afetos foram atribuídos.

O discurso da voz da vítima relata o afeto da esperança e do medo agregado ao arrependimento como base para o perdão do acusado. O discurso tem a instância midiática no papel de desvendamento do caso, cujo agressor foi inocentado:

No juizado de Campina Grande, que também é responsável pelos casos dos municípios de Queimadas e Massaranduba, estão sendo realizadas diariamente cerca de 30 audiências, que em sua maioria já são encerradas com o anúncio da sentença. Foi o que aconteceu com o caso do companheiro de Maria (nome fictício), que em 2012 o denunciou após ser agredida a pedradas. Ela conta que na época procurou a Justiça por receio de sofrer uma nova agressão, mas que meses depois houve um **arrependimento** de ambos, que antes trocavam agressões cotidianamente. “Nós passamos a frequentar uma igreja evangélica, nos **arrependemos** e hoje levamos uma nova vida. A audiência de hoje, que o inocentou, foi o fim desse ciclo”, relatou. (SOUZA, 2015, p. 4).

A linguagem afetiva de arrependimento associada ao perdão após o ingresso na igreja evangélica propõe uma compreensão fraccionada sobre os afetos no fenômeno da violência contra mulheres, dessa maneira, confirmando que o modo de citação direta em todas as narrativas analisadas até a nossa conclusão faz uma objetivação da informação, tentando torná-la sólida, difundindo argumentos em função de seu valor de crença, amplamente compartilhada pelo grande público (CHARAUDEAU, 2006, p. 182).

O discurso da esperança e medo revertido em arrependimento se transforma num protótipo afetivo de olhar a realidade, um modelo adotado continuamente pelos jornais. Vamos então observar como Spinoza analisa o arrependimento, como “uma tristeza acompanhada da ideia de uma ação que acreditamos ter praticado por uma livre ação da mente” (SPINOZA, 2013, p. 146).

É preciso observar que não é nada surpreendente que a tristeza resulte, em geral, de todos os atos que, habitualmente, são chamados de perversos e a alegria daqueles que são ditos retos... assim dependendo de como cada um foi educado, arrepende-se de uma ação ou gloria-se por tê-la praticado (SPINOZA, 2013, p. 188).

Na encenação midiática, reforça-se a crença do lugar-comum, onde as mulheres culturalmente e gloriosamente perdoam os maridos arrependidos sob acusação de violência

física e sexual; neste caso, a repórter se utiliza dessa captação a partir da voz da entrevistada, com nome fictício de Maria, que sobreviveu ao ataque a pedradas.

A repórter encerra a matéria exemplificando o arquivamento da sentença reforçando esta crença comum da impunidade. Observamos que na encenação midiática do dito relatado, a violência contra mulher é contextualizada no campo dos afetos, com diferentes procedimentos de produção de efeito de dramatização, no qual o leitor é afetado e não pode ficar insensível.

Percebemos que o termo afetivo arrependimento foi considerado pela Justiça dentro do trecho do discurso jornalístico como um álibi: “nos arrependemos e hoje levamos uma nova vida. A audiência de hoje, que o inocentou, foi o fim desse ciclo”. Novamente, o discurso afetivo é permeado por afetos de esperança e medo, considerados “irredutíveis do ponto de vista metafísico” (CHAUÍ, 1987, p. 72). Spinoza aponta uma saída do ininterrupto fluxo da ambiguidade do sistema da esperança e medo. Seguimos nesse fio de análise sobre o ciúme.

4.2.4 Ciúme, inveja e poder

O ciúme é um afeto de paixão, ambíguo, utilizado nos noticiários de ambos os jornais pesquisados. Para Spinoza, a vida passional é o conjunto de paixões entrelaçadas, de alegria, tristeza e desejo, que se contradizem. O ciúme é dividido em três etapas (amor, inveja e ódio) na proposição de Spinoza, na *Ética*:

Se alguém imagina que a coisa amada se liga a um outro com o mesmo vínculo de amizade ou com o vínculo mais estreito do que aquele com o qual só ele desfrutava, será afetado de ódio para com a coisa amada e terá inveja do outro. Esse ódio para com a coisa amada, reunido à inveja, chama-se ciúme, portanto nada mais é que uma flutuação de ânimo surgida, ao mesmo tempo do amor e ódio, acompanhados da ideia de um outro de que se tem inveja. Além disso, esse ódio para com a coisa amada será diretamente proporcional à alegria com que o ciumento costumava ser afetado pelo amor recíproco da coisa amada para com ele, bem como ao afeto de que estava afetado para com aquele que imagina estar ligado à coisa amada. (SPINOZA, 2011, p. 122).

Podemos analisar como o ciúme se apresenta na notícia: “Achava que era mais uma briga”, publicada na edição do jornal *Correio da Paraíba*, na página 3, no dia 16 de abril, sobre a morte da camareira Maria da Penha Alves dos Santos Viegas, 41, assassinada pelo marido, na madrugada, no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa.

O mecânico Marinaldo Viegas, 42, matou a esposa, com quem viveu por mais de 20 anos, e em seguida se matou. A narrativa é relatada pela filha do casal; o jornal enuncia como

uma tragédia familiar anunciada pelo histórico de violência à qual a vítima era submetida. A reação do discurso é reforçada pelo delegado de Crimes Contra a Pessoa, Paulo Josafá, que confirmou que os familiares relataram a violência vivida por Maria da Penha com as seguintes nuances:

Familiares relatam anos de violência vividos por Maria da Penha, que tem o mesmo nome da lei de proteção à mulher. Ela chegou a denunciar, mas não queria que o agressor fosse preso. Uma madrugada tumultuada. Às 4h30 de quarta-feira, filhos acordaram com o grito da mãe. O pai de Maria da Penha, o aposentado José Severino dos Santos, 72, alertava a filha para que tivesse cuidado com o marido. “Eu dizia a ela que ele era um homem mau. Era frio. Ele fazia as coisas com ela e depois vinha pra frente de nossa casa **chorando** e dizendo que não ia fazer mais. E depois voltava a fazer tudo de novo. “Ela não podia sair de casa, não podia pintar a unha e nem o cabelo. Tinha **ciúmes** do vento e até dos filhos”, revelou Maria Luciene Alves, irmã da vítima. Maria da Penha havia denunciado o caso duas vezes na Delegacia da Mulher, mas na terceira, quando a delegada informou que ele seria preso, ela desistiu da denúncia. “Acho que ela pensava nos filhos e não queria o pai preso. Quando chegamos, ela estava no quarto já morta e ele na sala morto. Uma verdadeira tragédia. A família contou que ela já tinha denunciado três vezes o marido. Ela foi atingida com uma facada no pescoço e um tiro nas costas. Ele deu um tiro na cabeça”, informou o delegado, acrescentando que os filhos desconheciam que o pai tinha o revólver”. (MARTINS, 2015, p. 3).

Nesta narrativa jornalística existe uma conexão que se dá precisamente porque pressupõe um *a priori* linguístico entre passividade e violência contra mulher interligada pelo ciúme, suscitando a ideia binária da existência de um opressor e uma oprimida. O ciúme aparece nesse processo dos afetos passivos, que nos ajuda a pensar sobre a relação de poder.

Para compreender Spinoza, nessa perspectiva, usamos aqui o conceito de poder de Rizk (2010), filósofo e estudioso spinozista, que nos ajuda a observar como nasce uma relação de poder fincada na “experiência das paixões e da prova de limites da potência” (RIZK, 2010, p. 116).

De acordo com Spinoza (2013), nós somos passivos porque colocamos nossos desejos em objetos – pessoas e coisas - que nos fazem gostar ou ter aversão, de acordo com a diversidade desses objetos e as modalidades das relações que mantemos com eles.

Como ignoramos as causas reais dos nossos desejos, vivemos num mundo onde imaginamos que somos soberanos de nossas escolhas e ações. Para Spinoza, não existe livre-arbítrio, mas uma lógica passional. É o que observamos nesta matéria publicada no jornal Correio da Paraíba, assinada pela repórter Fernanda Figueiredo, no dia 12 de maio, com o o título “Mulher é morta a tijoladas”:

Uma jovem de 27 anos, mãe de três filhos, foi morta a tijoladas na madrugada de ontem no meio da rua na cidade de Nazarezinho, Alto Sertão da Paraíba. De acordo com testemunhas, ela estava saindo com uma amiga de uma festa em comemoração

ao Dia das Mães, e foi seguida pelo ex-companheiro Jefferson Félix de Sousa, mais conhecido como Nego Jefferson. Segundo a Polícia Militar, o crime foi **passional**. Segundo a polícia, Maria Lidiane de Sousa, mais conhecida na cidade como Lili, foi agredida por Jefferson que usou um tijolo para desferir vários golpes no seu rosto. O 14º Batalhão da Polícia Militar de Sousa, que atendeu a ocorrência, informou que Jefferson é ex-presidiário e que **matou por ciúmes**. (FIGUEIREDO, 2015, p.12)

Nesta notícia, percebemos como o ciúme é força motor no enunciado aparecendo na forma passional e justificada na voz do entrevistado justificando o ciúme e a inveja. Spinoza leria esta notícia como a representação de um sistema de transferência de afecções seguindo o ciclo afetivo de poder proposto por Rizk (2010).

Esse sistema de transferência é quando o sujeito se reconhece no outro na medida em que sofre a mesma modificação afetiva do seu ser. “Vivemos como nossos os sentimentos dos outros, por uma transferência que condensa imaginariamente numa relação de ligação de alteridade com esse outro diferente de nós” (RIZK, 2010, p. 119). Ou seja, transferimos a ela nossa potência, pelo fato que somos afetados por ela.

O ciclo afetivo de poder e dominação nessa perspectiva teria o seguinte caminho: comiseração ou piedade (dependência do outro), seguido de ambição – desejo de obrigar o outro a submeter-se ao nosso poder, levando a fazê-lo acreditar que somos a causa de sua alegria -, e a inveja e ciúme que poria fim e recomeço ao ciclo.

O ciclo, todavia, pode recomeçar: após ter provocado a aflição do outro, por consequência de nossa inveja e da violência decorrente, somos tentados a vir em seu socorro – comiseração, benevolência, etc. É importante acentuar que o antagonismo subjacente à ligação passional provoca uma transformação incessante das relações positivas em negativas, depois as relações negativas em positivas (RIZK, 2010, p. 124).

Esse contínuo movimento se complementa, ao que o autor Rizk (2010) chama de sociabilidade insociável, ou seja, a solidariedade se transforma continuamente em antagonismo e o antagonismo em solidariedade.

A dinâmica passional constitui o poder político ao produzir a obediência. Mas as relações de poder induzem uma multiplicação das relações de dependência e passividade, bem como uma variação negativa da potência de agir, portanto, uma falta e força de poder. Podemos deduzir essa lei geral do poder: o desejo de dominação manifesta a passividade máxima que possa ser vislumbrada da aptidão a ser afetado e a potência de agir mais fraca (de onde o ódio e o ressentimento de si e da vida que o acompanham). (RIZK, 2010, p. 126 e 127).

Os discursos diretos das narrativas analisadas podem ser investigados dentro desse movimento de gangorra da dinâmica passional, que flutua entre argumentações que não apontam para o desenvolvimento do conhecimento afetivo e da saída dessa perspectiva

binária entre comiseração e benevolência. Os atos de discurso jornalístico imitam os afetos e remetem apenas ao recorte do ciúme nesse espaço de poder e submissão, onde é simplificado dizer que por “ciúme pode-se matar”.

Nesta outra notícia “Matou a mulher e enterrou às margens do rio”, publicada no jornal *Correio da Paraíba*, na página 12, no dia 24 de fevereiro, sobre o suspeito de estuprar, matar e enterrar a própria esposa preso na cidade de Itabaiana, no Agreste paraibano, distante 72 km de João Pessoa, podemos encontrar os efeitos de discurso da psicologização da história passionnal de poder descrita pelo ciúme entre os dois, homem e mulher.

O título da notícia nos leva ao imaginário do filme *Matou a família e foi ao Cinema*, de Júlio Bressane, filmado em 1969, que narra crônicas de assassinatos dentro das famílias. Após 46 anos do lançamento do filme, o título adaptado se repete no título da notícia produzindo um efeito de paranoia polêmica, ou seja, “reações que desencadeiam uma polêmica social que terá um efeito de retorno amplificador sobre as próprias mídias” (CHARAUDEAU, 2006, p. 186).

Segundo o delegado, Hugo Hélder Porto Barreto, da 9ª Seccional de Polícia Civil de Itabaiana, ele é réu primário e ao ser interrogado acabou se entregando pelo nervosismo. “Ele confessou ter matado ela por causa de **ciúme**, a diferença de idade era grande, ela com 24 e ele com 35. Ele premeditou o crime, confessou ter estuprado, matado e enterrado a vítima”, explicou. Para o delegado, “crimes motivados por **ciúmes são muito frequentes**, agora com a gravidade e a forma premeditada chocou a população de Itabaiana”, frisou. (NUNES, 2015, p. 12).

O enunciado no discurso direto do degelado bloqueia uma análise crítica, produzindo efeitos perversos de dramatização abusiva, de amálgama, de reação paranoica.

Assim, a instância midiática procura, para compensar tais efeitos, multiplicar os pontos de vista e colocar num plano de igualdade os argumentos contrários. Pela sua própria fragmentação, sua própria multiplicidade de pontos de vista, fornece elementos para que se construa uma verdade mediana. É uma atitude discursiva que aposta na responsabilidade do sujeito interpretante. (CHARAUDEAU, 2006, p. 186).

O uso da citação na voz do delegado, como uma intervenção, marca uma distância do jornal quando utiliza o uso de componentes introdutórios (para, de acordo, segundo etc.), deixando a moral do jornal a salvo: “Para o delegado, crimes motivados por **ciúmes** são muito frequentes”. Nesse caso, o discurso de origem não é modificado, mas reforçado por uma explicitação do locutor-relator que reafirma um discurso de naturalização das mortes causadas pelos afetos tristes e perda da potência total, ou seja, a naturalização das mortes frequentes de mulheres.

Em nenhuma das notícias analisadas, há uma argumentação contrária em relação à crença estabelecida no imaginário cultural afetivo sobre o ciúme, como observamos na manchete de capa do jornal *Correio*, no dia 27 de julho: “**Enciumado**, homem ateia fogo na casa e mata a esposa”, com o seguinte texto de capa: “Maria Lucicleide Félix da Silva, 25, chegou a ser socorrida por vizinhos, ainda na calçada, e depois pelo Samu, mas não resistiu. José Ivanildo Cordeiro da Silva, 32, teve 75% do corpo queimado e estava sobre o telhado quando a polícia chegou”.

Repete-se na edição do dia 11 de agosto, no jornal *Correio da Paraíba*, com o título “Detento mata esposa”, trazendo a narrativa da Delegada da Mulher de João Pessoa sobre o presidiário beneficiado com a saída temporária do Dia dos Pais, que acabou sendo preso durante o gozo do benefício, depois de tentar matar a mulher, no conjunto Ernani Sátiro, em João Pessoa.

Segundo a delegada Vanderleia Gadi, a vítima contou que, após conseguir o regime semiaberto e voltar ao convívio da família, Juracy passou a ter um **ciúme** doentio, suspeitando que estivesse sendo traído. “Ele sempre foi agressivo com a mulher, que nunca o denunciou e agora a situação tinha piorado”, disse a delegada. Na noite do sábado, ele chegou em casa embriagado e, com uma faca, tentou matar a mulher. (GEMINIANO, 2015, p. 3).

Percebemos que as notícias se enquadram em reconstituição de narrativas, num processo de montagem semelhante à de narradores ficcionais, mas que pelo dever de repassar “credibilidade” encontra-se em situação ambígua de trazer o acontecimento bruto: o drama começa com a experiência da reconstituição do crime, em seguida é encadeado pela cena onde tudo acontece seguido de acumulação de fatos com aspectos dramatizantes e a conclusão com o meganarrador, o jornal, voltando-se para uma perpétua repetição dos fatos, que segue inserida nas próximas notícias que serão publicadas sobre violência contra mulheres, nos casos de mortes, estupros e agressões físicas narrados como crimes passionais provocados por ciúme.

É o caso desta notícia publicada no *Correio da Paraíba*, no dia 9 de abril, com o título “Mais um caso: Mulher é ferida a facadas na Capital”:

Uma mulher de 30 anos foi ferida a facadas e o suspeito é o ex-companheiro que **não estaria aceitando o fim do relacionamento** há três dias. O caso foi registrado anteontem no bairro Paratibe, na Capital. A vítima foi encaminhada ao Hospital de Emergência e Trauma, na Capital, pelo Corpo de Bombeiros. (MARTINS, 2015, p.2)

A naturalização dos assassinatos de mulheres pautados pelo ciúme tem o reforço no desamparo e novamente no medo reforçado na narrativa jornalística pela imitação e repetição do ciclo afetivo de poder, baseado no jogo do desejo e da imaginação. Nesta notícia observamos a naturalização com o título “Mata, passa mal e é preso”, publicada no dia 6 de outubro, no jornal *Correio da Paraíba*:

Juvanildo Marculino dos Santos, 49, foi preso na noite do domingo após passar mal e ser atendido por uma equipe médica. Ele foi reconhecido por uma pessoa que denunciou à Polícia Militar. Ontem ele foi interrogado na Delegacia de Crimes contra a Pessoa, onde já tinha um mandado de prisão preventiva em aberto. Uma perícia vai investigar se a enteada dele foi violentada antes do crime. O motivo do duplo homicídio teria sido a separação que a esposa havia pedido. (MARTINS, 2015, p.3)

Essa naturalização pode e deve ser contestada em Spinoza quando ele diz que na Ética é preciso que se exija seres autônomos sem para isso precisemos perder a afetividade. Spinoza é a favor da compreensão dos desejos e não contra eles. Podemos fazer uma conexão com a psicologia freudiana exatamente neste ponto.

Para um, a mente fabrica cadeias imaginárias de causas e efeitos, que nos arrastam a direções opostas, amando e odiando, enfraquecendo nossa potência e nos deixando desamparados, confusos. Para o outro, o desamparo não é algo ao qual se luta, mas algo que se afirma. “Pois ao menos para Freud podemos fazer com o desamparo coisas bastante diferentes, como produzir um gesto de forte potencial liberador” (SAFATLE, 2015, p. 21).

Ambos apontam para construção do dispositivo da liberdade e não da passividade. A partir de Spinoza, propõe-se a prática do conhecimento verdadeiro, isto é, quando saímos do processo do conhecimento do primeiro gênero, pois pensar é um modo de agir da mente quando é causa adequada dos seus afetos. “O conhecimento do bem e do mal nada mais é do que o afeto de alegria e tristeza, à medida que dele estamos conscientes” (SPINOZA, 2013, p. 163).

Ser conscientes significa observar como conceitos e projeções desempenham papéis importantes sobre como interpretamos e experimentamos o mundo. Se temos conhecimento de que os conceitos e projeções são formulados porque somos afetados pelo mundo e construímos o mundo porque o afetamos a partir desses conceitos e projeções, podemos reconstruir a visão a partir da conexão e não da alienação.

Não se pode imaginar nenhum outro remédio que dependa de nosso poder que seja melhor para os afetos do que aquele que consiste no verdadeiro conhecimento deles, pois não existe nenhuma outra potência da mente que não seja de pensar e de formar ideias adequadas. (SPINOZA, 2013, p. 218).

É possível então passarmos de uma interdependência sofrida para uma interdependência construída e buscarmos essa liberdade dos afetos a partir da saída dos jogos do desejo e da imaginação, como propõe Rizk (2010). Desta maneira a Ética nos oferece uma saída como propõe Chauí (1987):

Passagem da heteronomia à autonomia, a perfeição ou realidade é fortalecimento da força do corpo (imaginar sem tristeza) e da alma (pensar sem tristeza), à medida que nosso corpo torna-se capaz de múltiplas afecções simultâneas e nossa alma capaz de múltiplas ideias simultâneas, conhecendo a necessidade interna que as articula. Capacidade para o múltiplo simultâneo, a liberdade é força para coexistirmos com os demais seres humanos e com a Natureza, sem sermos por eles subjugados e sem precisarmos subjugá-los para viver. (CHAUÍ, 1987, p. 57).

Ou seja, precisamos sair da paixão para a ação, sair dos discursos polarizados entre bem e mal, oprimido e opressor para discursos que potencializem a vida humana entre homens e mulheres. Para isso, uma pedagogia das mídias sobre os afetos precisaria ser construída a partir de uma Ética dos Afetos, o que poderíamos fazê-lo num estudo posterior.

4.2.5 O amor e o ódio

O amor em Spinoza é um caminho de volta para casa, bem diferente do que aprendemos na literatura romântica difundida no século XVIII, onde o amor está na falta e é encontrada no Outro. É um amor autônomo, que não depende de causas externas, ou, de algo externo desejado. O Outro para ele é um desconhecido. Como demonstra na *Ética*, os mesmos afetos construídos podem ser ativos ou passivos. O amor tem uma causa, a alegria, que nasce da razão por entendermos quais as causas que aumentam a nossa capacidade de agir.

Nos seus postulados, ele segue a tradição dos gregos antigos e clássicos, rompendo com o estoicismo romano e o cristianismo, em relação ao *ethos* e *pathos*. Para Spinoza, *Ethos* “é aquilo que se é por natureza e o *Pathos*, uma inclinação ou tendência desse *ethos*, sua visibilidade” (CHAUÍ, 1987).

O amor de Spinoza se encontra explicitamente na natureza e segue a tradição aristotélica da alegria. Porém, com a diferença não compartilhada da relação com o cosmos de Aristóteles, onde teríamos uma função no mundo, uma finalidade. Para Spinoza, a alegria está relacionada aos encontros, nas relações, ou seja, onde um influencia o outro, sem intencionalidade. Não temos uma finalidade no mundo, somos uma experiência resultante desses encontros de relação.

Neste caso, Spinoza defende que sejamos conhecedores das causas da alegria, que passemos a compreender pela razão e não apenas pela imaginação as causas dos nossos afetos. Assim, a alegria causada por um outro chama-se amor:

O amor é uma alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior. Esta definição explica claramente a essência do amor. Já a definição dada pelos autores que definem o amor como a vontade de unir-se à coisa amada não exprime a sua essência, mas uma de suas propriedades. E como a essência do amor não foi suficientemente examinada por esses autores, tampouco puderam ter qualquer conceito claro dessa propriedade, o que fez com que todos julgassem a sua definição extremamente obscura. É preciso observar que quando se trata de uma propriedade no amante, de unir-se, por vontade, à coisa amada, não compreendo por vontade um consentimento, nem uma deliberação de ânimo, nem uma livre decisão, nem tampouco o desejo de unir-se à coisa amada quando ela não está ali, nem de continuar com sua presença quando ela está ali, pois o amor pode ser concebido sem qualquer um desses desejos. Em vez disso, por vontade compreendo a satisfação que a presença da coisa amada produz no amante, satisfação que fortalece a alegria do amante ou, ao menos, intensifica-a. (SPINOZA, 2013, p. 142).

Nesta visão, sem intencionalidades, o amor está no desejante e não no desejado, explicitado aqui: “Por vontade compreendo a satisfação que a presença da coisa amada produz no amante, satisfação que fortalece a alegria do amante ou, ao menos, intensifica-a” (SPINOZA, 2013, p. 58). Desta forma, não existe a vontade do amante de unir-se à coisa amada. Interligamos o amor em Spinoza à ordem da natureza: amamos tudo que aumenta nossa potência de existir, de diferentes maneiras, em diferentes relações. Saímos da ilusão do amor ordinário para um amor intelectual.

Mas o que é o amor intelectual? É sair da visão de sermos escravos de ilusões, transformando a ignorância em saber e a servidão em liberdade. É amarmos o mundo assim como se apresenta, como é, sem transcendência. Estaríamos seguindo mais para o pensamento do amor *fati*, de Nietzsche⁸, em direção ao imanente.

No discurso do jornal, a apresentação dos afetos é direcionada às paixões tristes com reforço na conexão de estruturas cognitivas de dependências e crenças relacionadas ao amor.

⁸ “Para o Ano-Novo – Eu ainda vivo, eu ainda penso: ainda tenho de viver, pois ainda tenho de pensar. *Sum, ergo cogito: cogito, ergo sum* [Eu sou, portanto penso: eu penso, portanto sou]. Hoje, cada um se permite expressar o seu mais caro desejo e pensamento: também eu, então, quero dizer o que desejo para mim mesmo e que pensamento, este ano, me veio primeiramente ao coração – que pensamento deverá ser para mim razão, garantia e doçura de toda a vida que me resta! Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar*! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!” (NIETZSCHE, 2003, p. 276).

O *Ethos* (natureza) do amor no jornalismo está na falta, construída numa das fontes do mito amoroso de *Eros*, em *O Banquete*, de Platão⁹.

Vejamos o amor assim apresentado no título desta narrativa de violência sexual ocorrida na cidade de Sousa, interior da Paraíba, publicada na capa do jornal *Correio da Paraíba*, na edição do dia 1º de outubro de 2015: “**Como prova de Amor**: Mulher estaria tramando estupro das filhas por PM. O Comando do 14º BPM informou que o policial confessou na Corregedoria Militar ter feito a proposta à mulher. As filhas da namorada têm 14 e quatro anos”. A notícia ganhou destaque no caderno de Cidades e teve imagens das conversas publicadas na rede social, Facebook:

Um policial militar - que não terá seu nome divulgado a fim de resguardar a identidade das vítimas - confessou ter pedido à namorada para ter relações sexuais com meninas de 14 e 4 anos de idade, filhas dela. O pedido foi feito em conversa privada no Facebook. Imagens do diálogo começaram a circular nas redes sociais desde a última terça-feira, quando o Conselho Tutelar de Sousa também recebeu denúncias do caso. Desde domingo a mãe das crianças está foragida. Na conversa, o PM diz que levaria a droga para dopar as meninas e que a permissão da mãe seria **uma prova de amor**. (FIGUEIREDO; BRITO, 2015, p. 2).

“Como prova de **Amor**” é um título usualmente utilizado em noticiários jornalísticos. Neste caso, de violência sexual, o jornal inverte os sujeitos e coloca a mulher como idealizadora da trama, a autora do crime, enquanto insere o policial na chamada de capa como sujeito de recepção da prova desse amor.

O fato descrito segue a modalidade discursiva de relatar resumindo-se ao nome ou verbo no infinitivo - o amor - para atrair o leitor, onde o dito relatado sofre uma dupla transformação, neste caso de valores invertidos, o amor utilizado para descrever o ódio.

O amor se apresenta não pelo gênero do conhecimento verdadeiro, como propõe Spinoza, de amar a natureza, da alegria que aumenta nossa potência de agir, mas pelo gênero

⁹ “Os discursos de Aristófanes, Agatão e Fedro, se impuseram na tradição e foram reapropriados pela mentalidade moderna romântica, visando legitimar a ideia de que o ‘verdadeiro amor’ seria um sentimento único, inconfundível, universal e intrínseco a natureza humana. Em suma, nos discursos de *O Banquete*, o amor é apresentado como um impulso que se dirige a um outro, homem ou mulher, do mesmo sexo ou do sexo oposto. Um composto afetivo feito de desejo; de falta do objeto do desejo, de nostalgia ontológica do objeto ideal perdido; de sofrimento decorrente da perda ou da ausência deste objeto; de alegria intensa, quando o objeto é possuído, de fato mostra semelhanças com a ideia do amor romântico atual. No discurso de Diotima, Sócrates mostra outra face de Eros. Amor aparece como uma resposta humana ao reconhecimento prévio do verdadeiro Bem e da verdadeira Beleza, este sim, valores permanentes aos quais o homem sábio devia aspirar. O Eros sensível, é por isso mesmo, posto no patamar mais baixo da ‘escada do amor’, como se costuma chamar a concepção do ideal amoroso. O verdadeiro amor está referido à posse do que é permanente, tanto no objeto quanto no sujeito e, na metafísica platônica, em absoluto se trata de fazer coincidir o que é durável com a futilidade da atração sensual sentimental, nem mesmo com o investimento político na *polis*. O esquema platônico será retomado quase *ipsis literis* pelos “primeiros padres da Igreja.” (COSTA, 1998, p. 37).

do desconhecimento e da ignorância. O amor no jornalismo das narrativas de violência contra mulheres é atribuído a uma causa exterior, que não provoca alegria, mas tristeza, então é passivo, portanto, o termo utilizado deveria ser o ódio.

O fato da violência sexual, a possibilidade de estupro não é colocada como dito relatado em destaque, nem relacionada a elementos de poder, dominação sexual, formas de intimidação e perseguição, mas inserida dentro de elementos culturais, como a cultura do estupro¹⁰. Pelo discurso spinozista, poderíamos ler nos jornais de outra maneira o fato relatado: “Como prova de ódio e crueldade: PM força mulher a tramar estupro das próprias filhas”.

O jornal exclui o ódio das narrativas em que são substituídas por afetos de arrependimento, perdão, choro. O julgamento de assassinos se torna julgamento de amor e por amor. Vejamos no caso de mais destaque, em 2015, publicado nos dois jornais analisados: o julgamento do caso da professora universitária Briggida Rosely, de 28 anos, encontrada morta dentro do próprio apartamento, no bairro dos Bancários, em João Pessoa, no dia 19 de junho de 2012.

A polícia apontou o ex-companheiro da vítima, Gilberto Lyra Stuckert Neto, como o principal suspeito do crime. O julgamento do caso aconteceu no dia 28 de setembro de 2015 e o acusado assumiu a autoria do crime. Ele a asfixiou por ação mecânica. Ela não teve chance de defesa. A motivação do crime foi a insatisfação pelo fim do relacionamento de oito anos. Neste julgamento, Stuckert foi condenado a 17,5 anos de prisão. Não foi empregada a pena máxima de 30 anos, como pedia a família da vítima, por homicídio triplamente qualificado.

O *Jornal da Paraíba* trouxe na capa do dia 29 de setembro a foto de destaque da página com Gilberto Stuckert, com olhar direcionado para baixo e a seguinte legenda: “No banco do réus: O fotógrafo Gilberto Stuckert, ex-marido da professora Briggida Lourenço, **chorou** durante o julgamento. A mãe da vítima foi uma das testemunhas de acusação”. A notícia narrando o fato da condenação abriu o caderno Cidades, na página 1, com o título e

¹⁰ Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, uma mulher é estuprada a cada 11 minutos. E esse dado se repete no mundo todo. Esse conceito se refere a uma sociedade que permite e tolera as agressões sexuais, se culpa a vítima, se banaliza o estupro ou se considera que não se trata de estupro quando o autor é o companheiro da vítima. Uma sociedade na qual o desejo masculino parece estar acima de todos os demais e na qual, internacionalmente, apenas 5% dos julgamentos por estupro acabam em condenação, segundo o Alto Comissariado para os Direitos Humanos (ACDH) das Nações Unidas, dirigido por Louise Arbour. Coisas do tipo “é isso que acontece quando você fica bêbada ou por se mostrar demais”, os juízes que perguntam se você “fechou bem as pernas” ou os policiais que questionam as mulheres que ousam fazer uma denúncia, todos esses são exemplos de como a cultura do estupro se perpetua. (Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/cultura/1499708850_128936.html).

subtítulo: “Gilberto Stuckert é condenado a 17 anos e 6 meses de prisão - Réu foi considerado culpado pela morte de Briggida Lourenço. Defesa pode recorrer e estuda o resultado do júri”.

Na página 2, o depoimento com as motivações do crime, foi narrado pelo assassino da professora, com título abrindo a página: “Fui eu quem matou”: Stuckert confessou ter matado Briggida ao ser interrogado pelo juiz e disse estar **arrependido**”. Seguido da narrativa:

“Fui eu quem matou Briggida”, confessou o fotógrafo Gilberto Lyra Stuckert Neto ao ser interrogado pelo juiz Marcos William de Oliveira na manhã de ontem no 1º Tribunal do Júri de João Pessoa. Segundo o réu, eles teriam discutido após ele ter visto um álbum com fotos da ex-companheira com outro homem. **Chorando**, ele disse que não era o monstro que todos pensavam, pediu **perdão** à família e revelou que estava **arrependido**. O depoimento do réu teve início com a pergunta do juiz se as acusações do Ministério Público contra ele eram verdadeiras e, então, ele confirmou, detalhando o que aconteceu antes e no dia do crime. “Ela pediu espaço e eu respeitei esse espaço dela”, afirmou, dizendo que ela, diferentemente do que foi veiculado pela mídia, não tinha **medo** dele. Foram cerca de 9 meses até ele decidir se entregar. Ainda em depoimento, Stuckert revelou estar **arrependido**. “Estou **arrependido demais**. Acabei com a minha vida e a dela. Não foi uma coisa que eu quis. Nunca planejei isso. Se eu pudesse refazer, faria diferente”, confessou, revelando face a questionamento da defesa que tentou se suicidar no período em que ficou foragido. “Eu sempre procurei seguir a minha vida, trabalhei, estudei, ajudava a família de Briggida, sempre fiz tudo por todo mundo, não sou isso que a mídia diz”, finalizou. (LOPES, 2015, p. 2).

O jornal *Correio da Paraíba*, no caderno Cidades, do dia 29 de setembro, trouxe a cobertura completa do caso Briggida. A narrativa trabalhou com os mesmos elementos emocionais de choro, arrependimento, perdão e amor no discurso do assassino:

Choro dos dois lados, **arrependimento e perdão** marcaram o júri popular do fotógrafo Gilberto Stuckert, ontem, no Fórum Criminal de João Pessoa. Sete jurados foram convocados para o conselho de sentença que decidiria o futuro do homem que estrangulou a professora Briggida Lourenço, há três anos. A única testemunha de Stuckert, o pai do acusado, não compareceu. (VIEIRA, 2015, p. 1).

Na notícia que enquadrou o testemunho da vizinha, o medo é inserido na narrativa aliado à visão de casamento “modelo”, com o título: “Vizinha: ‘Ela tinha **medo**’”.

Quatro testemunhas de acusação foram ouvidas. Devido ao parentesco entre elas e a vítima, o compromisso de testemunha foi retirado. A primeira foi a vizinha e amiga, Ana Andréa Vieira Castro de Amorim. “Nos conhecemos em 2009. Ela estava casada com ele. Era um casal harmonioso. Ele tomou posse em um concurso em Brasília e queria que ela fosse. Ela não tinha pretensões de sair do Nordeste. A distância esfriou o relacionamento. Na semana santa, ela colocou um ponto final. Ela tinha **medo** e não queria estar só com ele. ‘Tu fica atenta!’”. “Foi o que Briggida me disse quando me ligou na manhã do crime”, disse, concluindo o depoimento com o desfecho trágico da morte da amiga. Já a educadora física, Marta Maria Soares de Melo, prima de Briggida, a última a depor, contou que até dezembro de 2011 o casal era ‘modelo’”. (VIEIRA, 2015, p. 1).

E, por fim, a jornalista encerra o testemunho de Stuckert, com o dito relatado enfocando o amor como uma causa:

“Sempre de cabeça baixa Magro, abatido e de cabeça baixa, foi assim que Gilberto Stuckert permaneceu durante todo o julgamento. Ele se disse **arrepentido**, se desculpa, lembrando a cena do crime: ‘Vi um álbum de fotos dela com outro homem. Era professor universitário e já deixei ela no apartamento dele algumas vezes em encontros de professores. Trocamos palavrões. Ela me deu uma pancada, me descontrolei e aconteceu. Acabei com a minha vida. Não sou o que a mídia diz. Eu a **amava** demais. Tentei suicídio. Quem me ajudou foram os pastores da Polícia e dos Bombeiros’”, contou. (VIEIRA, 2015, p. 1).

Os dois jornais registraram o julgamento de Stuckert, narrando o drama da família e do agressor. Confirmamos a prevalência do uso da linguagem afetiva nas testemunhas de familiares, como parentes, amigos, mãe, irmão e o assassino.

A hipótese de legitimação da violência por termos afetivos é averiguada ao longo da pesquisa, como nessas narrativas onde o arrependimento é citado seis vezes, e nos leva a refletir sobre a visibilidade da tradução do amor legitimado em sofrimento, dentro de uma mística cristã e do amor cortês, como propõe o professor Jurandir Freire Costa (1998).

Sugerimos que a moderna concepção do sujeito amoroso teve origem em três fontes históricas: 1) o amor cortês e a mística cristã; 2) as teorias sobre o sujeito nascidas das revoluções políticas econômicas-culturais entre os séculos XVI e XVII; as práticas de subjetivação criadas pelo convívio social nas Sociedades de Corte. O fenômeno dentro da Religião do Amor, com seus Códigos, e os Tribunais do Amor. Como ilustração, observamos regras do Código do Amor, num manuscrito do século XII: Quem não é ciumento não sabe amar; Toda pessoa que ama empalidece diante do amado; Diante da visão imprevista de quem amamos, trememos; Pelo verdadeiro ciúme, a afeição de amor sempre cresce; Da suspeita e do ciúme que deriva dela, o amor sempre cresce; Quem está tomado por pensamentos de amor come e dorme menos; O amante só pode saciar-se com o gozo do amado; Uma pessoa que ama é ocupada pela imagem do amado assiduamente e sem interrupção. (COSTA, 1998, p. 37).

Observamos que existe um fundo moral encarnado nestas notícias jornalísticas camuflando o ódio, que se apresenta nas formas de crimes factuais, naturalizando-os por meio do julgamento moral e não ético, conforme colabora o pensamento de Deleuze¹¹, e pela concepção do amor romântico: sofrimento e amor caminham juntos; amor e ódio estão sempre juntos; até que a morte os separe ou o velho estigma dos crimes passionais – matar por amor, descritos em códigos de tribunais.

¹¹ “Eis, pois, o que é a Ética, isto é uma tipologia de modos de existência imanentes, substitui a Moral, a qual relaciona sempre a existência a valores transcendentos”. (DELEUZE, 2002, p. 31).

É notório explicar que todo o trabalho da Ética de Spinoza é contrário ao discurso proposto até agora sobre o amor. Assim, Spinoza, trata do ódio:

A tristeza causada por um outro chama-se ódio, portanto o ódio nunca pode ser bom. O ódio é aumentado pelo ódio recíproco, podendo inversamente, ser destruído pelo amor. Na demonstração, prop.43, III, Ética, explica-se: Naquele que imagina que um outro, a quem odeia, está por sua vez afetado de ódio para consigo, surge por isso mesmo um novo ódio, enquanto ainda dura o primeiro. Mas se, inversamente, ele imagina que esse outro está afetado de amor para consigo, à medida que imagina isso, considera a si mesmo com alegria e, dessa maneira, se esforçará por não odiá-lo e por não afetá-lo de qualquer tristeza. E esse esforço será diretamente proporcional ao afeto do qual provém. Consequentemente, se for maior do que aquele que provém do ódio pelo qual ele se esforça por afetar de tristeza a coisa que odeia, esse esforço prevalecerá e apagará o ódio do ânimo. (SPINOZA, 2013, p. 143).

Isto nos faz pensar na análise de que o amor e o ódio são construídos pela informação midiática e que, segundo Charaudeau, necessariamente “a informação midiática é efetivamente um universo construído” (CHARAUDEAU, 2006). Vejamos neste enunciado publicado no *Jornal da Paraíba*, no dia 2 de outubro, como seguinte título: “Mãe e filha são mortas a facadas”:

Um crime premeditado, motivado por ciúmes, e que chocou parentes e amigos das vítimas ocorreu na manhã de ontem, no bairro do Grotão, em João Pessoa. Cláudia Bernardino dos Santos, de 44 anos, e a filha mais nova, Vitória Querem Oliveira Sousa, 15, foram mortas a facadas dentro de casa. Segundo informações policiais, o principal suspeito é o companheiro de Cláudia e padrasto de Vitória, o auxiliar de serviços gerais Juvanildo Marcolino dos Santos, de 49 anos. Ele teria ligado para a filha legítima confessando o crime, que teria sido motivado pelo ciúme excessivo que ele sentia pela adolescente. Com base nas primeiras informações, a polícia trabalha com hipótese de crime passionai. Na frente da casa em que antes morava um casal religioso e que tinha uma convivência harmoniosa conforme vizinhos, o cenário era de lágrimas e revolta de parentes e amigos das vítimas. (...) Quando foi de manhã, soube da notícia. Eu fiquei e ainda estou espantada. Os dois eram da igreja, viviam bem, ele era um bom pai de família, mas tinha ciúme da menina, e a mãe não gostava que ele se metesse na vida da filha”, revelou. (LOPES, 2015, p.1).

O amor e o ódio nesta notícia não são reflexos apenas do que acontece no cotidiano, mas resultados de uma construção. São objetos de critérios de seleção dos fatos e das falas dos atores envolvidos, dentro de categorias de entendimento de raciocínio e de acordo com os modos de visibilidade escolhidos.

Assim, a instância midiática impõe uma visão de mundo sobre o amor e o ódio previamente articulada dentro das narrativas de violência contra mulheres, sendo a visão do amor ligado ao amor correspondido e sofrimento apresentado como se fosse a visão natural do mundo. Somos afetados por esse olhar que integra um sistema de pensamento midiático, e assim, sendo afetados, o tornamos inteligível.

Nesta mesma direção, Simmel nos aponta como o amor é “interioridade” e “primordial”, apropriado de forma oposta pelo romantismo como sujeito do amor:

O amor é sempre uma dinâmica que se gera, por assim dizer, a partir de uma autossuficiência interna, sem dúvida trazida, por seu objeto exterior, do estado latente ao estado atual, mas que não pode ser, propriamente falando, provocada por ele; a alma o possui enquanto realidade última, ou não o possui, e nós não podemos remontar, para além dele, a um dos *movens* exterior ou interior que, de certa forma seria mais que sua causa ocasional. É esta razão mais profunda que torna o procedimento de exige-lo, a qualquer título legítimo que seja, totalmente desprovido de sentido. Sequer estou certo de que sua atualização dependa sempre de um objeto, se se aquilo chamamos de desejo ou necessidade de amor – esse impulso surdo e sem objeto, em particular na juventude, em direção a qualquer coisa amada – já não é amor, que por enquanto só se move em si mesmo, digamos um amor em roda livre. [...] A existência desse impulso, sem objeto por assim dizer incessantemente fechado em si, acento premonitório do amor, puro produto do interior e, no entanto, já acento de amor, é a prova mais decisiva em favor da essência central puramente interior do fenômeno amor, muitas vezes dissimulado sob um modo de representação pouco claro, segundo o qual o amor seria uma espécie de surpresa ou de violência vindas do exterior (como também pode parecer, aliás num plano subjetivo ou metafísico), tendo seu símbolo mais pertinente no “filtro de amor”, em vez de uma maneira de ser, de uma modalidade e de uma orientação que a vida como tal toma por si mesma – como se o amor viesse de seu objeto, quando na realidade, vai em direção a ele (SIMMEL, 1993, p. 124-125).

Para Simmel, o amor correspondido, na visão romântica, é uma forma que seria impossível:

Já que para o amor moderno o verdadeiro objetivo é o amor correspondido, sendo tudo o que o segue secundário e acidental ele compreendeu – é a consequência desse conhecimento – que há, no outro, algo impossível de se conquistar, que o absoluto do eu individual ergue uma muralha que mesmo a mais apaixonada vontade dos dois conjugados não seria capaz de demolir, e que faz de todo “ter” real que queira ser mais que uma realidade e a consciência de ser-amado-de-volta uma ilusão (SIMMEL, 1993, p. 155).

Nos jornais, o amor não correspondido aparece como excesso nas narrativas analisadas nesta pesquisa. Os excessos tratados dentro destes mesmos relatos se configuram como espetáculos, com descrições detalhadas das mortes. O tom descritivo dos enunciados aproxima os leitores imagem do horror vivido, levando-o para dentro da cena, numa encenação midiática do real, como no caso da descrição das mortes das mulheres, observada como mobilizadora dos afetos no jornalismo descritos nesta cena dentro da mesma matéria no *Jornal da Paraíba*, no dia 2 de outubro, com o seguinte título: “Mãe e filha são mortas a facadas”:

Percebia--se uma cena que ela definiu como “desoladora” e que há algumas horas tinha presenciado uma luta corporal, uma luta pela vida. No chão de toda a casa,

muito sangue e quatro facas de cozinha ensanguentadas delineavam como o crime teria acontecido. As duas receberam pelo menos dez golpes de faca espalhados pelo rosto, pescoço e tórax, morrendo no quarto da menina. (LOPES, 2015, p.1).

4.2.6 Desejo

Como entendemos, o desejo¹² em Spinoza é da ordem do preenchimento e não da falta. Sai do campo do desejo individual para um desejo de vida, de potência. Como ele bem afirma, o desejo é a própria essência do homem que pode impulsioná-lo para superação das maneiras limitadas de expressar a sua potência por meio de pensamentos ou ações. Spinoza conduz em sua *Ética* um diálogo por um desejo que aponte uma transformação gradual mais coletiva, sem esquecermos do individual.

Na análise das narrativas sobre violência contra mulheres, o desejo é experimentado como uma variável: ora surgindo como afeto de tristeza, ora surgindo como afeto de alegria, como vemos nesta notícia de capa publicada no jornal *Correio da Paraíba*, na edição do dia 2 de outubro de 2015:

Homem mata mãe e filha por **desejar** enteada de 15 anos. Cláudia Bernardino de Oliveira, 44, e a filha Vitória, 15, foram mortas a golpes de faca. O suspeito é Juvanildo Marcone, 40, que teria uma obsessão pela menor, segundo linha de investigação da polícia. O crime ocorreu na madrugada de ontem no quarto do casal, em João Pessoa.

O desejo é expressado nesse enunciado como produção de uma obsessão e enfraquecedor da nossa existência. Nesta narrativa é movido por um ser desejoso, que age por carência e obsessão, seguindo a tradição dos estoicos, onde o desejo é a impossibilidade da virtude, perda de poder sobre si, capacidade de julgar ou a loucura. Essa força dos desejos é entendida por Spinoza, portanto:

Pelo nome de desejo entendo todos os esforços, impulsos, apetites e volições do ser humano, segundo a disposição variável de um mesmo ser humano e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir. (SPINOZA, 2013, p. 141).

No discurso das mídias, o desejo é tratado como extrínseco ao humano, colocado em destaque no título para atrair os leitores, como imitação de afeto, que não revela a

¹² “O desejo que surge da alegria é estimulado ou aumentado pelo próprio afeto de alegria. Em troca, o afeto que surge da tristeza é diminuído ou refreado pelo próprio afeto da tristeza. Assim, a força do desejo que surge da alegria deve ser definida pela potência humana e, ao mesmo tempo, pela potência da causa exterior, enquanto a força do desejo que surge da tristeza deve ser definida exclusivamente pela potência humana. O primeiro desejo é, portanto, mais forte que o último.” (SPINOZA, 2013, p. 168).

complexidade do desejo colocado em Spinoza, que gera um preenchimento e não apenas uma falta. O desejo pela mídia é demonstrado como extrínseco, uma falta, uma carência, que a partir da alegria e tristeza gera muitas variáveis. O desejo nessa imitação serve para persuadir e emocionar, trazendo o leitor para ambiente encenado de restituição do fato relatado.

Desta maneira, entendemos por meio da análise de Charaudeau (2006), que as narrativas tratam de uma moral construída a partir de um ponto de vista do desejo como dor e sofrimento, implicando na descrição dos processos de ação, atores implicados, contexto de tempo-espaço no qual a ação foi desenrolada.

Nesta outra narrativa publicado no jornal *Correio da Paraíba*, no dia 8 de março, com o título “Grito de liberdade” e subtítulo “Mulheres se libertam da opressão de maridos violentos e reescrevem própria história”, o desejo é inserido neste discurso que perpassa por uma decisão autônoma, de um sujeito desejante em ação que busca romper com a opressão. Vale salientar que esta foi a única notícia clipada, que tratou na narrativa de violência contra mulheres, com foco em ditos relatados que expressassem o desejo de rompimento com a violência.

“No começo tudo era flores. Estávamos apaixonados e era tudo muito intenso. Mas com seis meses ele passou a ter **ciúme** de todos, além de depositar em mim a culpa de sua insegurança. Ele dizia que era violento porque eu despertava isso nele. Eu acreditava”, desabafou a jovem. A professora relata que estava grávida e que já morava com o pai de sua filha, três anos mais jovem que ela, quando foi agredida fisicamente pela primeira vez. Após esse momento, as violências ficaram mais intensas e constantes. “Até que um dia ele me surrou enquanto eu segurava minha filha no colo. Ela era só um bebê de três meses de vida. Apenas a protegi enquanto ele me dava socos na cabeça e no braço”, contou. O processo de agressões físicas, verbais e psicológicas durou três anos, até que em 2013, após ser mais uma vez agredida na frente da filha, Haissa tomou **coragem** para denunciar, pois até então ela não havia contado o fato nem para a família. “O processo de agressão, desde o seu início, é complexo e envolve uma série de fatores e fragilidades. Sair de uma rede de violência é um passo difícil. Muito mais do que eu poderia imaginar quando apenas levantava a bandeira e marchava em solidariedade às mulheres vítimas de violência”, ressaltou Haissa. Para ela, o momento de **libertação** foi também o mais complicado, já que na Delegacia Central de Polícia Civil o atendimento recebido não foi o esperado. “A escrivã conhecia o agressor e tentou o tempo inteiro me fazer desistir da ideia de denunciá-lo. Me dizia que eu estava destruindo uma família, desgraçando a vida dele”, contou. Por fim, em setembro de 2014, Haissa registrou um boletim de ocorrência e fez exame de corpo delito comprovando a última agressão sofrida, além de ter exposto todo o seu drama em uma de suas redes sociais. Hoje seu ex-companheiro cumpre medida protetiva de não se aproximar da casa onde ela reside em um raio de 50 metros, ou dela própria, e em locais públicos em um raio de 30 metros. “Publicizei minha história para que outras mulheres pudessem ter a mesma coragem que eu e sair do ciclo de violência. Os agressores é quem precisam se envergonhar, a culpa nunca é da vítima”, concluiu. (FIGUEREDO, 2015, p. 12).

A sequência dos afetos descritas nesta narrativa apresenta uma crescente emocional mostrando a trama difusa na espiral dos desejos. Essa sequência procede-se com o uso do ciúme, coragem e libertação. Neste caso, a liberdade representada no texto segue o itinerário das etapas clássicas da alegoria da Caverna, que trata da escuridão inicial, dor na entrada, iluminação progressiva e depois total e, logo em seguida, o retorno da mente esclarecida à realidade. No caso analisado, a narrativa trata de rompimento com a opressão e coação.

No entanto, para Spinoza os homens não nascem livres, surgindo assim uma oposição entre liberdade verdadeira e a falsa liberdade. A definição sobre liberdade é assim descrita no *Vocabulário de Spinoza*:

Os homens certamente não nascem livres, mas o homem livre, modelo da humanidade, pode ser descrito: ele não pensa nada menos do que na morte, e sua sabedoria é uma meditação não da morte, mas da vida; ele não forma nenhum conceito do bem e mal, ele é socialmente apto para uma vida em sociedade – pois a razão aproxima tanto quanto os afetos separam – isto é, apto para formar, por união com outros homens, entidades (sociedades ou Estados) cada vez mais potentes (RAMOND, 2010, p. 48).

No formato dos discursos dos jornais é impossível observar o aparecimento da Ética, pois Spinoza se dedica a demonstrar que é absurdo pensar numa ética libertadora dentro do mundo das paixões. O dito relatado nestas notícias reconstituem o desejo como aprisionador e a liberdade apenas como uma transição da passagem do ciúme para a coragem. Nesta narrativa única, o enunciado está mais para uma liberação do que para uma libertação. Neste caso, a liberdade poderia ser substituída por liberação e o desejo por obsessão.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa discutiu as noções da teoria do afeto a partir da ética de Spinoza analisando as narrativas de violência contra mulheres nos principais jornais paraibanos durante o ano de 2015. O objetivo foi identificar as variações dos afetos e suas interpretações no contexto discursivo dessas narrativas.

Analizamos que os discursos sobre o afeto que permeiam os jornais paraibanos podem ser identificados com as ideias difundidas no pensamento de Spinoza e que suas reflexões sobre a ética dos afetos podem ser aplicadas no cotidiano.

Podemos observar que este conjunto de afetos nos conduz para realidades camufladas e para a utilização de termos afetivos que funcionam por deformação criando amálgamas perversas nas narrativas. Nelas, os afetos são colocados em pacotes etiquetados, como forma de autenticar os relatos, funcionando por analogias - com a intenção de reconstituir o fato da maneira mais realista possível -, com profusão de detalhes nas citações de personagens envolvidos nas narrativas repetitivas.

Desta forma percebemos a existência de um fio condutor de uma linguagem afetiva nas narrativas de violência contra mulheres, que integram as notícias isoladas em uma conexão, como uma história única sobre o fenômeno da violência contra mulheres: um acontecimento repetitivo que revela a realidade no mundo da vida, transformando-as em narrativas dramáticas permeadas pelo fazer sentir das imitações afetivas.

Os afetos assumem destaques nos títulos e subtítulos das notícias e recheiam o conteúdo das citações com significados descrevendo as reações com estratégias discursivas que não podem ser contestadas.

No jornalismo, a ética da tristeza camufla responsabilidades, valores e princípios éticos que poderiam emergir nas narrativas. Apenas observando as categorias afetivas, identificamos inicialmente, que elas são processos de normatização dos desejos, regulação de comportamentos e estigmatização de afetos ou estado de ânimos.

Por exemplo, o ódio, de Spinoza, aplicado no jornalismo, é camuflado nos crimes nas narrativas. Como? O ódio enquanto metáfora é utilizado como um eufemismo e ganha tons de arrependimento e amor nos testemunhos dos homens (agressores) nas narrativas.

Assim, é possível identificar a existência de uma moral encarnada nos julgamentos e o ódio, que se apresenta nas formas de crimes factuais, não é apresentado, pois ele é naturalizado pelo amor. A ética jornalística fica presa a uma moral camuflada – aos estados

afetivos da paixão (*pathos*) – do fazer sentir, onde os sujeitos são passivos por natureza, onde não são capazes de dominar corpos e desejos e, muito menos, de dominar suas paixões.

As narrativas recontadas pelas notícias diárias apresentam um fundo moral baseado na reprodução do mito do Amor Romântico que habita uma cultura representada no noticiário com base nos seguintes tópicos: sofrimento e amor caminham juntos; amor e ódio estão sempre juntos; até que a morte os separe ou o velho estigma dos crimes passionais, matar por amor.

Assim sendo, no jornalismo, os afetos não passam por uma ética esclarecedora, estão mais para justificar uma passividade da variante da tristeza do que para uma ética da liberdade permeada por um afeto ativo – de “alegria”.

Por fim, entendemos que a compreensão das narrativas jornalísticas de afeto a partir de Spinoza nos ajudou inicialmente a identificar como as conexões das narrativas de violência contra mulher são representadas. Compreendemos que o escopo da Ética de Spinoza no jornalismo é entendida apenas como mecanismo para manter a ordem social, focada nos comportamentos externos humanos, limitando-se a construir uma rotina que banaliza, objetifica e espetaculariza a violência contra mulheres.

Considerar a dimensão afetiva interior é o aspecto mais importante proposto na *Ética*, de Spinoza. Quando os afetos são ação e baseados na alegria, uma abordagem mais ampla da Ética poderia ser construída no jornalismo.

O afeto nas narrativas surge para reforçar e legitimar a violência contra mulheres, através do ódio, como se não houvesse caminhos para se lutar contra. Nos jornais, o amor é o filtro do ódio nas narrativas analisadas nesta pesquisa. Pela visão spinozista, se sou capaz de matar por ciúme, é porque quero me livrar da minha própria tristeza, porque o excesso de tristeza reduz a minha potência de agir.

Assim, imputo ao outro a responsabilidade da redução da minha potência. Quero me livrar do Outro, por sentir ódio e não amor. Concluímos, desta forma, que os jornais invertem o conceito de afeto de Spinoza quando tratam das narrativas de violência contra mulheres. A morte das mulheres provocadas por seus companheiros revela o encontro triste desses mesmos homens com o mundo afetivo movido pela tristeza e ignorância, que originam o ódio e a misoginia.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. rev. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Alves Editora, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, César. **Estudos sobre Spinoza**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- BRUNSCHICG, Léon. Spinoza: Filosofia e teologia. In: BENJAMIN, César (Org.). **Estudos sobre Spinoza**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- CALERI, Donati Canna. **Espinosa e zen-budismo**: uma política contemporânea. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na Ética de Spinoza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v. I.
- _____. O Desejo em Spinoza (Curso on-line). **Espaço Revista Cult**, São Paulo, 2017.
- _____. **Spinoza**: Uma Filosofia da Liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.
- _____. Sobre o medo. In: CARDOSO, Sérgio. **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CITELLI, Adilson. **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.
- CORREIA, José Carlos. **A teoria de Comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Horizonnte, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CICERO. **De oratore**. Disponível em:
<http://www.communicationcache.com/uploads/1/0/8/8/10887248/cicero_de_oratore.pdf>.
Acesso em: 19 jul. 2016.

DAMÁSIO, A. **Em Busca de Espinosa: Prazer e Dor na Ciência dos Sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Spinoza: filosofia prática**. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DESCARTES, René. **Discurso do Método – As Paixões da Alma**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1988.

FERNANDES, J. L. Garcia. **A comunicación de lãs emociones**. Madrid: Complutense, 1991.

FERREIRA, Amauri. **Introdução à Filosofia de Spinoza**. São Paulo: Quebra Nozes, 2009.

FIGARO, Roseli. **Comunicação e Análise do Discurso**, São Paulo: Contexto, 2012.

FIGUEIREDO, Fernanda. Grito de liberdade. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015.

_____, Fernanda. Mulher é morta a tijoladas. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015.

FIGUEIREDO, Fernanda; BRITO, Giovannia. Como prova de Amor. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Página Cidades- B-2.

FIORIN, J. L. Enunciação e Discurso. In: FIGARO, Roseli. **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988. (Coleção Princípios).

FISCHER, Kuno. Vida e caráter de Baruch Spinoza. In: BENJAMIN, César (Org.). **Estudos sobre Spinoza**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

FREMANTLE, Francesca. **Vazio Luminoso: para entender o clássico Livro Tibetano dos Mortos**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GEMINIANO, Ainoã. Detento mata esposa. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Página B-3.

GLEIZER, Marcos André. **Spinoza e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Edição do Kindle.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Spinoza**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

JOSÉ Francisco. Tragédia em Queimadas. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Caderno Cidades, página B3.

JOSGRILBERG, Fábio. Cotidiano e Sujeito Ordinário. In: CITELLI, Adilson. **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da Cultura Liberal**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOPES, Othacya. Fui eu quem matou. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Página Cidades, 2.

_____, Othacya. Mãe e filha são mortas a facadas. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Página Cidades, 1.

MAFESSOLI, Michel. **A Conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.

_____. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995

_____. **Homo Eroticus**: Comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

_____. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MARINA, José; LOPES, Pena. **Diccionario de los sentimientos**. Barcelona: Anagrama, 2001.

MARTINS, Aline. Achava que era mais uma briga. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Caderno Cidades, p. 3.

_____, Aline. Mais um caso: Mulher é ferida a facadas na Capital. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015.

_____, Aline. “Mata, passa mal e é preso”. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Caderno Cidades, p. 3.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **O signo da relação**: – Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 9, p. 75-92, 2002.

_____. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, v. 6, n. 1 e 2, p. 07-35, 2003.

NEGRI, Antonio. **Espinosa subversivo e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NIETZSCHE, F. **Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NUNES, Emanuella. Matou a mulher e enterrou às margens do rio. **Correio da Paraíba**, 2015. p. A-12.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 32, abr. 2007.

_____. A Construção do Afeto no Jornalismo Impresso. **Revista Culturas Midiáticas**, ano VI, n. 11, jul./dez. 2013.

PLATÃO. **Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

RAMOND, Charles, **Vocabulário de Espinosa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOUER, Paul. **Na escola da fenomenologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

RIZK, Haidi. **Compreender Spinoza**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SAFLATE, Vladimir. **O Circuito dos Afetos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SIMMEL, Georg. **A Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SPINOZA. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Tratado Político; Correspondências. Trad. Marilena Chauí, Carlos Lopes de Mattos, Manuel de Castro. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Coleção Os Pensadores, v. I).

TEDESCO, J. C. **Paradigmas do Cotidiano**: introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, UPF, 2003.

THOMPSON, John. **A Mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2013.

TRAQUINA, Nelson. As Notícias. **Revista de Comunicação e Linguagem**, n. 8, Jornalismo, Lisboa, CECL, 1998.

_____. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

_____. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

VIEIRA, Bruna. A Condenação já era certa! **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2015. Página Cidades – B1.

WOLTON, Dominique. **Pensar Comunicação**. Portugal: Difusão Editorial, 1997.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em:

<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2016.

ANEXO A – Tragédia em Queimadas

Quinta-feira, 05 de novembro de 2015 | Paraíba | CIDADES

CORREIO DA PARAÍBA | B3

Tragédia em Queimadas

Em casa. Homem mata esposa a facadas, diante dos filhos; ele tinha histórico de embriaguez e agressões contra a mulher, diz delegado

Francisco José

A série de brigas acabou em morte: Josimar da Silva já respondia a processos de injúria, violência doméstica e ameaças a Sandra de Oliveira.

Um bairro da periferia de Queimadas, no Agreste paraibano, foi palco de mais um caso de violência doméstica, que terminou em assassinato. Sandra Serafim de Oliveira, 39 anos, foi morta a golpes de faca na noite de terça-feira.

“Já foram identificados alguns locais por onde Josimar teria passado depois do crime. As diligências continuam até que seja efetuada a prisão”

Ramirez São Pedro.
Delegado

tre crianças e adolescentes. Ferida no peito, axila, braço e pescoço Sandra morreu no local. O acusado do crime é o desempregado Josimar Pereira da Silva, 36, que está foragido. Ele também feriu gravemente uma das filhas, adolescente de 17 anos, que está internada no Hospital de Emergência e Trauma de Campina Grande. O crime ocorreu na presença dos filhos, que estão recebendo assistência da Secretaria de Ação Social e do Conselho Tutelar de Queimadas.

O delegado Ramirez São Pedro, da 11ª Delegacia Seccional de Queimadas, disse

79 mulheres foram mortas na Paraíba de janeiro a setembro deste ano, segundo a Seds.

ontem, que a prisão de Josimar pode ocorrer a qualquer momento. Ele já requereu à Justiça a prisão preventiva do acusado, que já responde a processo por injúria, violência doméstica e ameaça contra a mulher que ele terminou assassinando. O delegado acredita que a prisão de Josimar pode ocorrer a qualquer momento. “Ele não logística pra fugir, não tem veículos, não tem parentes na região, e também não tem recursos financeiros para fugir”, disse Ramirez.

Foragido. No entendimento do delegado Ramirez São Pedro, o acusado deve estar escondido na região entre os municípios de Queimadas e Pagueiras. Ele é natural do segundo município. Os agentes da 11ª Delegacia Seccional estão em diligências desde a



A facadas. Sandra foi morta com golpes em várias partes do corpo; filha dela ficou gravemente ferida

noite de terça-feira, quando ocorreu o assassinato.

A vítima, de acordo com o delegado “mais de uma vez

foi questionada acerca de eventuais violências de que estaria sofrendo, mas ela negou e disse que ele (Josimar)

teria se regenerado”, disse. O delegado disse, ainda, que o acusado é uma pessoa que vive embriagada costumeiramente.

“Constantemente chegava à casa embriagado, inclusive ele perdeu um dos olhos numa briga de bar; e todas as agressões contra a vítima se davam justamente por ingestão de bebida alcoólica. Certamente, mais uma vez numa dessas brigas constantes, acabou ceifando a vida da esposa, companheira e atendo contra a vida da entenda de 17 anos”, salientou.

MORTES

De mulheres na PB

ANO	QUANT.
2011	146
2012	139
2013	118
2014	104

Fonte: Seds

INFORMAÇÕES

Outros casos são investigados

O delegado Ramirez disse que em 2015 foram registrados três assassinatos de mulheres em Queimadas e uma tentativa, registrada no mês de outubro no município de Aroeiras. Em todos os casos, os suspeitos foram identificados e presos.

A delegada Julian Brasil,

do Núcleo de Mulheres da 11ª Delegacia Seccional de Queimadas, informou que até o final de outubro, instaurou 76 inquéritos para apuração de violência doméstica.

Mais 15 inquéritos estão em andamento na comarca, para investigar crimes de

injúria, ameaça e lesão corporal leve.

Antes da instauração dos inquéritos, 33 medidas protetivas foram solicitadas, ainda afirmou a delegada.

A medida protetiva é uma providência para impedir que o agressor se aproxime da vítima.

Confusão entre professores e alunos cancela assembleia

Fernanda Figueiredo

A assembleia marcada pelos professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) para começar às 9h de ontem, não aconteceu em virtude de uma confusão entre professores e alunos na frente do prédio da reitoria da instituição.

O comando de greve informou que o cancelamento ocorreu porque os professores temiam ser agredidos por alunos que ameaçavam invadir o local. Seguranças foram contratados pela Associação dos Docentes da UEPB (Adupeb) para barrar a entrada de alunos no prédio. O objetivo, segundo o sindicato, era o de preservar o patrimônio público.

Após segundo comando de greve, quando a assembleia ia começar, um dos alu-

nos tentou entrar no prédio da reitoria e foi impedido por professores e seguranças particulares.

No entanto, estudantes e professores contrários ao movimento grevista ressaltam que apenas dois alunos teriam entrado, com per-

“Professor pode ocupar a reitoria, mas quando o aluno entra, dizem que é invasão. Todos poderiam participar da assembleia, mas até os professores que são contra a greve eles barraram”

Henrique Peres. Estudante

missão do segurança, para tomar água, já que os demais bebedouros estavam desativados.

“Tudo isso foi planejado para que o tumulto se instalasse e a assembleia não acontecesse, afinal, o que eles querem é continuar parados e culpar a reitoria. O comando não é de um movimento de categoria, mas de movimentação política. Eles incitaram os alunos, dizendo que assembleia não era lugar de aluno e que eles não iriam participar”, disse a professora do curso de Biologia, Silvana Santos.

O representante do comando de greve, professor Nelson Júnior, informou que os professores se reuniram após a confusão para discutir novos direcionamentos. No entanto, uma nova data para a assembleia não ficou definida. Além disso,



Tumulto. Professores temiam ser agredidos por alunos; data para nova assembleia não foi definida

a ocupação da reitoria pelos professores, que já dura 10 dias, irá continuar.

“A história dos alunos terem entrado no prédio para beber água é apenas uma desculpa. Eles que quiseram criar o tumulto, passaram a semana inteira dizendo que vinham participar da assem-

bleia, xingaram professores, não iríamos por a integridade dos nossos professores em risco nem deixar que depredassem o prédio da reitoria que estamos ocupando”, ressaltou Nelson, completando que na próxima sexta-feira haverá uma plenária com professores.

No UEPB

1.200 professores lecionam na instituição.

20% deles são sindicalizados e podem votar nas assembleias.

Tecnologia para adotar animais

Renata Fabrício

Um estudante de Ciências da Computação resolveu usar a tecnologia para estimular e facilitar a adoção de animais do Centro de Zoonoses de Campina Grande. O estudante Ruan Reis criou um aplicativo que deve simplificar a vida de quem está à procura de um bicho de estimação. O AdoteCG concentra informações importantes sobre os animais como idade, sexo, foto e contatos para a adoção. O processo torna mais rápido e fácil a adoção física, e ajuda também o Centro a distribuir os animais que chegam ao lo-

cal, que está superlotado. Foi a voluntária do Zoonoses, Ana Luiza Martins, quem viu a necessidade de tornar mais fácil a adoção. “A gente começou como voluntário e conversamos muito sobre a situação de lá, a superlotação e tal. Então Ruan desenvolveu no final de agosto e faz duas semanas que entrou no ar gerando mais de 50 downloads”, explicou.

Por enquanto, apenas 14 animais do Centro de Zoonoses estão listados no aplicativo, mas em breve os desenvolvedores devem adicionar também em ONGs de proteção animal.

“O aplicativo, tem a lista de animais disponíveis, com fotos de cada bichinho e o contato com o responsável. O usuário marca uma visita e essa interação torna a adoção mais responsável”, acredita Ana Luiza.



No smartphone. Aplicativo está disponível na Google Play Store

Ajuda nas adoções. Uma das ações do Centro para estimular a adoção de animais são as feiras de adoção. Com o aplicativo, a ação ganhou reforço.

O diretor Antonio Lopes Gaíto destaca que o aplicativo é uma grande ferramenta para levar o usuário a ter acesso aos animais disponíveis.

Um dos animais disponíveis no AdoteCG é a cadela

Mãozinha. O desafio é que ela seja aceita por um lar, já que esse não é o tipo de perfil que as famílias procuram no bicho de estimação. “A mãozinha já está há muito tempo aqui, ela tem uma patinha machucada. Animais com sequelas nem todo mundo quer adotar, mas eles continuarão conosco. São animais bem tratados e vacinados, e só saem daqui por adoção ou morte natural”, explica.

“Esse aplicativo veio para somar com nosso trabalho. Ele facilita a vida das pessoas que estão no Centro e nem sempre têm acesso aos animais no Zoonoses”

Antônio Gaíto. Diretor do Centro de Zoonoses

MISSA DE 07ª DIA

ANTONIO SEIXAS MACIEL

*05/01/1919 †30/10/2015

“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?”

A FAMÍLIA MACIEL SEIXAS, COM OS FILHOS MARIA JOSE, MARIA DO SOCORRO, JOSÉ MARCONE, FRANCISCO SEIXAS E JOÃO BOSCO E SEUS NETOS/FILHOS ANDRÉA LARA, CARLA CECÍLIA E LUIZ EDUARDO, JUNTO COM NORAS, GENROS, NETOS E BISNETOS, AINDA CONTERNADOS COM O FALECIMENTO DO INESQUECÍVEL ANTONIO SEIXAS MACIEL, CONVIDAM PARENTES E AMIGOS PARA A MISSA DE 07ª DIA QUE SERÁ CELEBRADA NO DIA 05/11/2015, ÀS 17:30, NA IGREJA SANTO ANTONIO DE LISBOA, EM TAMBÁU. DESDE JÁ AGRADECEM A TODOS QUE COMPARECEREM A ESSE ATO DE FÉ CRISTÁ.

Fonte: Correio da Paraíba, 5 nov. 2015.

ANEXO B – CG tem 2,2 mil casos de violência doméstica

4 Cidades

Jornal da Paraíba

QUINTA 6, AGOSTO, 2015

Marcos Tavares
Pão & Circo

Linha direta com a coluna: marcostavares@jornaldaparaiba.com.br

QUEM JULGARÁ HIROSHIMA?

Se os aliados tivessem perdido a guerra, com certeza Truman e Eisenhower teriam terminado sua vida na porta de uma corda como criminosos de guerra. O lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima, a seis de agosto de 1945, foi um crime deliberado que matou milhares de pessoas e condenou uma geração a deformações genéticas advindas da radiação. O Japão já agorizava quando a bomba foi lançada e não teria como enfrentar uma invasão de tropas americanas, atacados que já estavam sendo pelos soviéticos na parte Norte. A bomba foi uma advertência a Stalin de que os americanos tinham uma nova e terrível arma e que não hesitariam em usá-la caso os soviéticos continuassem seu rol compressor pela Europa, que já havia chegado a Berlim.

O desenvolvimento da bomba foi uma das operações mais secretas de toda a história. Cientistas, os mais brilhantes, foram isolados no Novo México para desenvolverem a bomba atômica em segredo guardado a sete chaves. Os alemães já haviam se rendido quando a bomba foi lançada e o Japão, sem navios, sem força aérea, preparava espetos de bambu para fazer frente ao esperado desembarque aliado em suas ilhas. Claro que haveria baixas, mas os americanos preferiram a solução mais simples da bomba, que era ao mesmo tempo um aviso aos russos, na época detentores do maior exército do mundo.

O fantasma da guerra fria perseguiu o mundo por anos a fio depois de Hiroshima e Nagasaki. Nem mesmo os americanos previam o poder de destruição da bomba e sequer sabiam como ela se comportaria. A catástrofe de Hiroshima abalou o mundo e uma nova e perigosa era se iniciava com a corrida atômica, depois que os russos também fabricaram sua bomba. Hiroshima foi a primeira e única vez que uma arma atômica foi lançada em combate e seu poder de destruição inibiu os militares de fazer funcionar seu arsenal nuclear. Depois disso as guerras foram limitadas e o mundo tremia diante da apocalíptica ameaça de uma guerra nuclear total. Hiroshima está hoje como um monumento à paz e a mostra de um crime de guerra que nunca foi julgado.

Teatro da Ilusão

Muita festa para a inauguração do Teatro Pedra do Rei-não, bem ao estilo de megalomania paraibano é classificado como um dos maiores do Brasil. Muito bem. Habemos teatro! Mas não temos uma segurança eficiente, uma educação que eduque, uma saúde que cure, e mais ainda, temos bolsões de pobreza e miséria implantados em todas as regiões do Estado, onde não existe nem água para beber.

Pode-se dizer que o teatro é útil e eu não discordo. Ele com certeza atrairá grandes espetáculos, grandes atores e shows milionários. Mas esses espetáculos, esses shows não serão para o povo, e sim para uma pequena elite que pode pagar ingressos e se locomover até o Centro de Convenções. Nada contra a cultura, mas arte se faz de barriga cheia. Com problemas estruturais mais urgentes e necessários, fica a dúvida se valeu tanto gastar num equipamento que não fazia falta a cidade, dotada de várias casas de espetáculo e ambientes de shows.

Valeu a validade, a validade que edifica obras de cal e pedra em detrimento dos problemas essenciais que continuam em aberto.

Nomes

A imprensa paraibana comemora a indicação de Efraim Filho para presidir a CPI dos Fundos de Pensões, o segundo parlamentar paraibano a ser distinguido com esse comando.

É mesmo um comando ou tanto Efraim como Motta são instrumentos de Cunha e de sua vingança contra o governo? Sabe-se que a ordem dada na reunião de Cunha com os presidentes das novas CPIs foi criar dificuldades para o governo.

Nesse cenário, a indicação deixa de ser meritória e passa a ser uma implementação de diversos marionetes de Eduardo Cunha com missões específicas e pouca autonomia no comando das CPIs.

PERDOADOS

Para Francisco diz que divorciados que casam de novo não devem ser excomungados, mas aceitos de volta no seio da Igreja. Com isso tirou alguns milhões – inclusive eu – do fogo do inferno.

Caixa dois

E ainda no assunto CPI, em Campina a proposta de uma comissão vingou o que significa mais aborrecimentos para os irmãos Vital.

Aliás, a CPI ganhou um nome pejorativo: a "CPI do Lava-Régo".

Calçada

Outra vez verbas milionárias são destinadas à calçada da praia de Tambau. É bom lembrar que essa obra tem uma maldição de terminar em lama em vez de calçadas.

Ela já fez naufragar outros gestores municipais.

Alheio

Como todo o PT, Cartaxo não defende Dirceu nem diz

uma palavra a seu favor.

Apenas diz que ele tem direito a defesa, o que é absolutamente óbvio e até ululante.

Governo

O governo continua a caça de deputados que ainda não aderiram.

Não se trata mais de fazer uma maioria, mas de dominar por completo o ócili poder legislativo.

Empreendendo

A Justiça Eleitoral já ouviu mais de duzentas pessoas beneficiadas com o crédito a fundo perdido do Empreendedor-PB.

A Alije entra em julgamento ainda este mês.

Frases...

» **SEXUALIZANDO** - Educação sexual não é forrar a cama do motel na saída.

» **FRIA** - O gelo é nocivo à saúde. O Titanic é uma prova disso.

» **TORCIDA** - Dilema tem menos seguidores do que o Canto do Rio.



AUDIÊNCIAS. Mutirão para julgar 150 processos de violência contra a mulher está ocorrendo até o dia 12 de agosto; mais antigos têm prioridade

CG tem 2,2 mil casos de violência doméstica

Lesão corporal e ameaça contra as mulheres lideram ocorrências registradas no juizado

Deborah Souza

Criado no final de 2011 para atender e dar celeridade aos processos da região de Campina Grande, o Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher da cidade tem atualmente 2.233 mil processos ativos, a maior parte deles envolvendo casos de lesão corporal e ameaça. São nos sete primeiros meses

deste ano, 808 novos processos foram encaminhados para o juizado que, também como forma de agilizar a tramitação desses casos, está participando da campanha "Justiça pela paz em casa - Nossa Justa Causa", que até o dia 12 de agosto realiza um mutirão para julgar 150 processos desse tipo.

Conforme a juíza Renata Barros, que em conjunto com

outros quatro magistrados está realizando as audiências de instrução e julgamento, um dos critérios para inclusão dos processos no mutirão é a antiguidade. Ela também destaca que boa parte dos casos são oriundos de denúncias feitas por terceiros, o que contribuiu para o aumento do número de processos ao longo dos anos, já que antes apenas as vítimas poderiam formalizar a denúncia.

cia de violência, o que muitas vezes não ocorria por receio ou desconhecimento da lei.

"Os processos mais frequentes são os de lesão corporal, a ameaça, que é a violência psicológica, e os casos que unem as duas coisas. Nessas situações, as penas variam de três meses a três anos", ressaltou a juíza, ao lembrar que a campanha é promovida pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e tem abrangência nacional, em comemoração aos nove anos da Lei Maria da Penha, considerada um marco na luta pela violência contra a mulher.

No Juizado de Campina Grande, que também é responsável pelos casos dos municípios de Queimadas e Massaranduba, estão sendo realizadas diariamente cerca de 30 audiências, que em sua maioria já são encerradas com o anúncio da sentença. Foi o que aconteceu com o caso do companheiro de Maria (nome fictício), que em 2012 o denunciou após ser agredida a pedradas. Ela conta que na época procurou a Justiça por receio de sofrer uma nova agressão, mas que meses depois houve um arrependimento de ambos, que antes trocavam agressões cotidianamente. "Nós passamos a frequentar uma igreja evangélica, nos arrependemos e hoje levamos uma nova vida. A audiência de hoje, que é inoventou, foi o fim desse ciclo", relatou.

Processos ativos no Juizado

2011 (a partir da criação do Juizado, em outubro) - 729
2012 - 1.335
2013 - 1.810
2014 - 2.072
2015 (até 31 de julho) - 2.233

CENTRO DE EMERGÊNCIAS UROLÓGICAS

Prof. Hélio Carlos Ferreira
CRM- 891-PB

Tratamento Clínico e Cirúrgico do Aparelho Urinário.

Rua: Desembargador Trindade, 611 - Centro

Fone: 3321-4027 Campina Grande/PB

FIEP
SESI

RECRUTAMOS OS SEGUINTE PROFISSIONAIS PARA CONTRATOS DE TRABALHO
AVISO DE RECRUTAMENTO SESI 15/2015

MÉDICO DO TRABALHO (01 VAGA): Nível Superior em Medicina com registro/CRM (Conselho Regional de Medicina), especialização em Medicina do Trabalho ou portador de certificado de residência médica em área de concentração de saúde do trabalhador. Conhecimentos em Biosegurança; Níveis básicos de informática, Word, Excel e Power Point. (Carga Horária: 20 horas semanais)*. Oportunidade para SOUSA.

PROFESSOR NÍVEL SUPERIOR - FÍSICA - EBEP (01 VAGA): Ensino Superior Completo (Licenciatura Plena em Física) Conhecimentos didático-pedagógicos e Conhecimento em Informática (Carga Horária: 30 horas semanais)*. Oportunidade para BAUEUX.

*As horas e turnos poderão sofrer alterações, de acordo com as necessidades administrativas do Sesi-PB.

As inscrições no período 05 a 12 de agosto de 2015.

Local de Inscrição: Internet - Através do endereço eletrônico www.fiepb.com.br/oportunidades, incluindo finais de semana.

Todas as informações pertinentes a esse processo seletivo estão disponíveis no site: www.fiepb.com.br/oportunidades

ANEXO C – “Achava que era mais uma briga”

CORREIO DA PARAÍBA

Cidades

Paraíba • Quinta-feira, 16 de abril de 2015 | B3

“Achava que era mais uma briga”

Filha conta como o pai matou a mãe; assassinato estava anunciado pelo histórico de violência sofrida

ALINE MARTINS

“Eu achava que era mais uma briga dos dois. Desde que me entendo como gente, que presenciava desentendimentos e cheguei a apertar algumas vezes. Quando ouvi o grito dela, me acordei assustada. Eu e meu irmão fomos até o quarto e encontramos ela na cama de brigos. Meu irmão (de 15 anos) se atirou com ele (o pai) no quarto. Fui me trocar. Quando voltei ele (o pai) já estava na sala com a arma apontada para a cabeça. Ele atirou uma, duas, três (não disparou) e, na quarta, caiu no chão. Corri para o quarto e segurei minha mãe. Sentí o pulso dela. Chamamos o Samu, mas quando chegou ela já estava morta”, relatou a vendedora Mayra Carla Alves dos Santos, 22, filha da camareira Maria da Penha Alves dos Santos Viegas, 41, assassinada pelo marido, na madrugada de ontem, no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa. Uma tragédia familiar que estava anunciada pelo histórico de violência a qual a vítima era submetida.

O mecânico Marinaldo Viegas, 42, matou a esposa, com quem viveu por mais de 20 anos, e em seguida se matou. Familiares relatam anos de violência vividos por Maria da Penha, que tem

o mesmo nome da lei de proteção à mulher. Ela chegou a denunciar, mas não queria que o agressor fosse preso. Uma madrugada tumultuada. Às 4h30 de quarta-feira, filhos acordaram com o grito da mãe.

O pai de Maria da Penha, o aposentado José Severino dos Santos, 72, alertava a filha para que tivesse cuidado com o marido. “Eu dizia a ela que ele era um homem mau. Era frio. Ele fazia as coisas com ela e depois vinha pra frente de nossa casa chorando e dizendo que não ia fazer mais. E depois voltava a fazer tudo de novo. Minha filha

era uma guerreira. Disse várias vezes a ele que batesse em mim, mas não na minha filha porque eu já estava velho e poderia aguentar”, relatou, emocionado, José Severino.

“Ela não podia sair de casa, não podia plantar a unha e nem o cabelo. Tinha ciúmes do vento e até dos filhos”, revelou Maria Luciene Alves, irmã da vítima. Maria da Penha havia denunciado o caso duas vezes na Delegacia da Mulher, mas na terceira, quando a delegada informou que ele seria preso, ela desistiu da denúncia. “Acho que ela pensava nos filhos e não queria o pai preso”.

Morte seguida por suicídio

O delegado de Crimes Contra a Pessoa, Paulo Josué, confirmou que os familiares relataram a violência vivida por Maria da Penha. “Quando chegamos, ela estava no quarto já morta e ele no sala morto. Uma verdadeira tragédia. A família contou que ela já tinha denunciado três vezes o marido. Ela foi atingida com uma facada no pescoço e um tiro nas costas. Ele deu um tiro na cabeça”, informou, acrescentando que os filhos desconheciam que o pai tinha o revólver.

Medida protetiva

A delegada adjunta do Deam de João Pessoa, Renata Matos, confirmou que a vítima havia denunciado o caso no delegacia. “Nós verificamos que tem uma entrada dessa denúncia no ano de 2013. Foi instaurado um inquérito policial no final de janeiro de 2013. Ela foi ouvida. Ela não que media protetiva porque informou que não queria a prisão. Ela foi qualificada e interrogada. Depois de um mês, ela voltou a delegacia informando que continuava convivendo com ele, que a relação estava tranquila e que não tinha nenhum problema. De qualquer forma, como o inquérito policial tinha sido instaurado, nós finalizamos e encaminhamos para a justiça”, afirmou. A delegada ressaltou que os denúncias podem ser feitas anonimamente pelo Disque Denúncia 197.



Crime aconteceu na Rua Horácio Trajano, no Cristo; vítima já havia denunciado o marido

EXECUÇÃO

Casal é alvejado com 20 tiros enquanto assistia televisão

ALINE MARTINS

Um duplo homicídio foi registrado na noite de terça-feira no bairro do Colinas do Sul, em João Pessoa. A adolescente Givani-
de Ferreira, 16 anos e o seu companheiro Edcelton da Silva, 19 anos, foram assassinados a tiros dentro de casa quando assistiam televisão.

Segundo a Polícia Civil, quatro pessoas se passaram por interessadas em comprar a residência do avô de uma das vítimas. Chegaram

a conhecer todos os cômodos da casa, mas o alvo estava na casa dos fundos, que era o casal. Três esquelaram o casal com mais de mais de 20 tiros.

“O avô contou que eles chegaram perguntando se a casa estava para vender. Foi aí que o proprietário disse que sim. Ele abriu a porta. Os quatro olharam todos os cômodos da casa como se estivessem procurando alguma coisa ou pessoa. Como não encontraram, perguntaram se havia mais algum espaço. O

avô disse que tinha um quarto nos fundos. Foi aí que um dos homens segurou o avô e disse que não fosse. Os outros três foram. Depois, ouviram mais de 20 tiros”, disse o delegado de Crimes Contra a Pessoa da Capital, Paulo Josué.

Ainda segundo o delegado, o avô já temia pela vida do neto, que era envolvido com drogas. A perícia constatou que 13 tiros atingiram o jovem, confirmando que o alvo seria ele. Até o fechamento desta edição, ninguém tinha sido preso.

MISSA DE 1 ANO DE FALECIMENTO
DORIVALDO PEREIRA DA SILVA

*14/06/1942 †16/04/2014



ADRIANA (esposa), MARIA CLARICE (mãe), filhos, noras, netos, sobrinhos e irmãos, convidam demais parentes e amigos para assistirem a missa de 1 ano de falecimento do querido

DORIVALDO PEREIRA DA SILVA, que será realizada no dia **16/04/2015, às 17:00 horas** no Santuário Nossa Senhora da Imaculada Conceição, ao lado do Espaço Cultural - João Pessoa e no dia **17/04/2015, às 19:00 horas** na Igreja Matriz - Santa Rita/PB.

A família agradece a todos que comparecerem a este ato de fé cristã.

FIEP
EDITAL
INDÚSTRIA PIONEIRA E SEM SIMILAR

A FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA PARAÍBA, pelo presente, comunica aos industriais e a quem interessar possa que NATEX, NATUREZA E TECNOLOGIA INDUSTRIA E COMERCIO DE PRODUTOS BIOTECNOLÓGICOS LTDA., estabelecida à Av. Waldemar Pereira do Egito, s/nº, LT. 463 - Cid. 432 - Distrito Industrial de Mangabeira - na Cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ sob o nº. 05.254.897/0001-31, Inscrição Estadual nº. 15.156.940-8, registrada na Junta Comercial sob o nº. 25200364615, por despacho de 19 de agosto de 2002, requereu a esta Federação, certificar ser a referida indústria PIONEIRA E SEM SIMILAR no Estado da Paraíba, sendo empresa detentora da produção e comercialização de: “PELÍCULA BIOLÓGICA PARA COBERTURA E REPARAÇÃO DE LESÕES CUTÂNEAS DE NOME COMERCIAL VELODERM DE NCM 3005.90.50”; A PELÍCULA BIOLÓGICA PARA REPARAÇÃO DO TECIDO VELODERM E UM FILME BIOLÓGICO DE ESTRUTURA POLIMÉRA COM ESPESURA DE 0,05mm, CONSTITUÍDO DE CARBOIDRATOS, PRODUTOS BIOTECNOLÓGICOS ATRAVÉS DE PROCESSO ORIGINAL E PATENTEADO QUE INCORPORA TÉCNICA NACIONAL DE PONTA, CARACTERIZA-SE PELA ALTA PERFORMANCE NO TRATAMENTO EM DERMATOABRASÕES, QUEIMADURAS, ESCARAS E ÁREAS DODADORAS E RECEPTORES DE EXERTOS, A COMPOSIÇÃO QUÍMICA POLI-SACARÍDICA, CONFERE AO PRODUTO TRANSLUCIDEZ, ESPESURA, FLEXIBILIDADE E DENSIDADE, OU SEJA UMA DE CARACTERÍSTICAS SIMILARES AO DA PELE HUMANA, A PERMEABILIDADE DA PELÍCULA ESTÁ ASSOCIADA AO DIMENSIONAMENTO DA SUA POROSIDADE, ISTO PERMITE A SAÍDA DE VAPOR DE ÁGUA E A MUDANÇA SISTEMÁTICA DE GÁS, APRESENTANDO GERALMENTE, BAIXA SOLUBILIDADE EM MEIO AQUOSO, VELODERM É ORGANICAMENTE COMPATÍVEL, COM AS PROPRIEDADES EPIDERMICAS DO SER HUMANO E REPRODUZ APROXIMADAMENTE EM 70% A FUNÇÃO FISIOLÓGICA, PERMITINDO A FORMAÇÃO DE UM MICROAMBIENTE IDEAL PARA A GRANULAÇÃO E REGENERAÇÃO DA PELE. ESTAS CARACTERÍSTICAS FAZEM COM QUE A PELÍCULA VELODERM POSSA SER CONSIDERADA UM SUBSTITUTO TEMPORÁRIO DA PELE, NO TRATAMENTO DE LESÕES DE PELE. VELODERM POSSUI UMA EXCELENTE ADESAO À PARTE LESADA, SENDO INERTE À APROPRIAÇÃO, A OBSTRUÇÃO QUE GERA PROTEGE A FERIDA DO EXTERIOR, IMPEDINDO A CONTAMINAÇÃO, DIMINUINDO A DOR E NÍVEIS SUFICIENTES, GRACIAS AO ISOLAMENTO DOS TERMINAIS NERVOUS DA FERIDA. A PELÍCULA VELODERM PREVENTO DE DIFERENÇA DOS OUTROS PRODUTOS EXISTENTES NO MERCADO, APARENTEMENTE SIMILARES, EVIDENCIANDO O CONCEITO DE “MEDICAMENTO OCULSIVO FECHADO SIMPLES” DE ÚNICA APLICAÇÃO, NO MERCADO MUNDIAL, DA MEDICAÇÃO VELODERM É HOJE UM PRODUTO ABSOLUTAMENTE ÚNICO. Selecionamos aos possíveis prejudicados apresentarem suas contestações por escrito ao DEPARTAMENTO ECONÔMICO desta entidade, no prazo de 08 (oito) dias contados da publicação deste EDITAL, findo o qual será expedida a CERTIDÃO de forma solicitada pelo requerente. Campina Grande-PB, 10 de abril de 2015. MAURÍCIO CLOVIS DE ALMEIDA, Presidente da FIEP em Exercício.

COMISSÃO ORGANIZADORA PRO-FUNDAÇÃO DO SINDICATO DOS AGRICULTORES FAMILIARES E EMPREENDEDORES FAMILIARES RURAIS DE CUITÉ - PB.
EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL DE FUNDAÇÃO

Comissão Pro-Fundação do Sindicato dos Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais do Município de Cuité - PB - SAFER, convoca toda a categoria dos Agricultores(as) Familiares e Empreendedores Familiares Rurais, todos amparados pela Lei nº 11.325/06, da Base Territorial do Município de CUITÉ - PB, para Assembleia geral extraordinária, a ser realizada no dia 15 de maio de 2015 às 09h00horas, em 1ª convocação e as 09:30hs em 2ª convocação com qualquer número de presentes no Sítio São João, zona rural, município de CUITÉ - PB para deliberar sobre a seguinte pauta: 1- Fundação do Sindicato da Categoria; 2- Discussão e Aprovação do Estatuto Social; 3- Eleição e Posse da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal; 4- Filiação a FAJER-PARAÍBA e a CONAFER-Confederação Nacional dos Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais; 5- Outros assuntos correlatos.

CUITÉ - PB, 15 de abril de 2015.

ANTONIO SANTANA DE OLIVEIRA
PRESIDENTE DA COMISSÃO

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA
COMISSÃO DE LICITAÇÃO

AVISO DE LICITAÇÃO

PREGÃO PRESENCIAL Nº 028/2015

A Prefeitura Municipal de Boa Vista, Estado da Paraíba, através de seu Preposto Oficial, torna público para conhecimento de quem possa interessar, que fará realizar no dia 24 de abril de 2015 às 12h (doze horas), no endereço informado: PREGÃO PRESENCIAL, Nº 028/2015, o seguinte: CONTRATAÇÃO EMPRESA ESPECIALIZADA EM LOCAÇÃO DE EQUIPAMENTOS, conforme detalhamento constante do Edital.

Os interessados poderão adquirir o Edital, no valor de R\$ 10,00 (dez reais), na Rua Espinosa Bonfatti, nº. 100, Município de Boa Vista - PB, na Sala de Recursos do Conselho Permanente de Licitação, no horário de 08 às 12 horas. O Edital também será disponibilizado gratuitamente, por e-mail, bastando solicitar através do endereço 011.3113.110, no horário mencionado.

Boa Vista - PB, 15 de abril de 2015.

FERNANDO VIEIRA DE OLIVEIRA NETO
PRESIDENTE OFICIAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA
COMISSÃO DE LICITAÇÃO

AVISO DE LICITAÇÃO

TOMADA DE PREÇOS Nº 016/2015

A Prefeitura Municipal de Boa Vista, Estado da Paraíba, através do Conselho Permanente de Licitação, torna público para conhecimento de quem possa interessar, que fará realizar no dia 04 de maio de 2015 às 10h (dez horas), no endereço informado: AQUISIÇÃO DE KITs BEBES PARA A SECRETARIA DE AÇÃO SOCIAL, PARA DISTRIBUIÇÃO COM AS GESTANTES CARIÓTIPO DO MUNICÍPIO, durante o presente exercício.

Os interessados poderão adquirir o Edital, no valor de R\$ 10,00 (dez reais), na Rua Espinosa Bonfatti, nº. 100, Município de Boa Vista - PB, na Sala de Recursos do Conselho Permanente de Licitação, no horário de 08 às 12 horas. O Edital também será disponibilizado gratuitamente, por e-mail, bastando solicitar através do endereço 011.3113.110, no horário mencionado.

Boa Vista - PB, 15 de abril de 2015.

LUS CARLOS GONZAGA DE OLIVEIRA
Presidente da Comissão Permanente de Licitação

Insegurança

Alunos vítimas de arrastão na Vila

ALINE MARTINS

Quatro alunos de natção foram vítimas de furtos na noite de anteontem, na Vila Olímpica Parahyba, no Bairro dos Estados, em João Pessoa, recém entregue pelo Governo do Estado. Eles contaram que estavam na piscina quando perceberam que quatro pessoas levaram seus pertences pessoais (roupas, bolsas, celulares).

Segundo um dos pais de aluno, o local tem apenas um segurança. No local, funcionários confirmam que tem apenas um vigilante. Não há câmeras de monitoramento.

O cozinheiro Edvaldo Bezerra de Albuquerque contou que os filhos de 17 anos e outros três adolescentes, estavam treinando na piscina com o professor, quando tiveram bolsas, celulares, roupas e demais pertences furtados.

“Ele me contou que o professor só viu quatro pessoas levando tudo. Cartão de passagem, roupas. Ele só chegou de sunga em casa. Eles tiveram que pular o portão por debaixo da roleta do ônibus para poder chegar em casa. Perguntei o que tinha acontecido, ele disse que tinham roubado as coisas dele”, contou, acrescentando que das vezes que foi na Vila Olímpica só tinha um vigilante.

A reportagem do Correio da Paraíba tentou o contato com o secretário de Estado da Juventude e do Esporte, mas não conseguiu falar com o setor sobre o caso.

ANEXO D – Acusado é preso e confessa

A12 | Paraíba ■ Terça-feira, 24 de fevereiro de 2015

CORREIO DA PARAÍBA

ÚLTIMAS



Olimpiada de Matemática inscreve escolas

Brasília - Começaram ontem as inscrições para a 11ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, que tem como objetivo descobrir talentos. A escola interessada tem até o dia 31 de março para inscrever os alunos pelo site www.obmep.org.br.

Chuvas atingem 99 municípios

Maior índice foi registrado no Sertão entre o domingo e madrugada de ontem, segundo a Aesa

FRED OLIVEIRA

A região do Sertão registrou a maior quantidade de chuvas caídas na Paraíba entre o domingo e a madrugada de ontem. A Agência de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa) informou que as chuvas atingiram 99 municípios. Em Serra Grande foram registrados 65 milímetros de água. Alguns municípios do Cariri também foram atingidos, mas isso não repercutiu no Apêndice Pessoa, em Boqueirão, que ontem estava com apenas 21,76% de sua capacidade.

Segundo a meteorologista da Aesa, Marle Bandeira, as chuvas deverão continuar hoje no Sertão, Alto Sertão e atingindo também o Litoral. Na região do Cariri, as chuvas poderão acontecer de forma isolada. Ela explica que as precipitações estão dentro da previsão para o período e que em fevereiro as chuvas estão acima da média.

As maiores chuvas foram registradas no do-

mingo ocorreram em Serra Grande (65 mm), São José de Caiana (47,8 mm), Catoíto do Rocha (42,5 mm), Tavares (37,8 mm), Mato Grosso (39,3 mm), Catiguêira (30 mm), Emas (30 mm) e Caráúbas (29,5 mm). Em Patos também forte no sábado e no domingo, registrando (84 mm) de chuvas.

Segundo levantamento da Aesa, os municípios paraibanos que mais registraram chuvas em fevereiro foram São

José dos Cordeiros, com (243,03 mm), Patos com (197 mm) e Taperá com (197,5 mm). No final de semana

Apesar de serem registradas chuvas em municípios que integram os rios que abastecem o Apêndice Pessoa, reservatório de abastecimento de Campina Grande, a exemplo de Taperá, a quantidade de água acumulada não aumentou. Ontem de manhã o apêndice tinha apenas 21,76% de sua capacidade. Um exemplo dessa situação ocorreu em Caráúbas, onde chegou (29,5 mm).

Previsão

As chuvas deverão continuar hoje no Sertão e Alto Sertão, atingindo também o Litoral

MATOU A MULHER E ENTERROU ÀS MARGENS DO RIO

Acusado é preso e confessa

EMMANUELA NUNES

O suspeito de estuprar, matar e enterrar a própria esposa foi preso ontem na cidade de Itabaiana, no Agreste paraibano, distante 72 km de João Pessoa. O crime aconteceu no final do ano passado. O acusado viajou para o Rio de Janeiro um dia depois de cometer o ato. Durante o interrogatório, o suspeito alme de confessar o crime, revelou a polícia que enterrou o corpo da vítima às margens do Rio Paraíba.

Segundo o delegado, Hugo Helder Porto Barreto, da 9ª Seccional de Polícia Civil de Itabaiana,

ele é réu primário e ao ser interrogado acabou se entregando pelo nervosismo. "Ele confessou ter matado ela por causa de ciúme, a diferença de idade era grande, ela com 24 e ele com 35.

Ele premeditou o crime, confessou ter estuprado, matado e enterrado a vítima", explicou.

Segundo o delegado, a suspeita surgiu logo depois do acusado ter fugido para o Rio de Janeiro, um dia depois de assassinar a companheira. Em 11 anos de

relacionamento, o casal teve três filhos de 10, 6 e 3 anos, que agora estão sob os cuidados da família da vítima. Como forma de capturar o acusado, a polícia juntamente com o Conselho Tutelar da cidade conseguiu fazer a intimação dele por abandono de incapaz.

Localização

O Conselho Tutelar da cidade conseguiu fazer a intimação dele por abandono de incapaz

intimado pela polícia a retornar para Itabaiana por Abandono de Incapaz. Ele retornou com o argumento usado pela polícia, alegamos isso para que ele voltasse. Ao

chegar, mostramos as provas que já tínhamos e ele não conseguiu rebater as provas", relatou. Ainda de acordo com Hugo Helder, o crime premeditado chamou atenção pelo requinte de crueldade, "a ação criminosa foi premeditada em cada detalhe. A passagem dele para o Rio de Janeiro já estava comprada e o local do crime era de difícil acesso", frisou.

Para o delegado, "crimes motivados por ciúmes são muito frequentes, agora com a gravidade e a forma premeditada realmente chocou a população de Itabaiana", frisou.

ACUSADO DE MANDAR MATAR SÓCIO NO DIA DO CASAMENTO

Julgamento será em março

GIOVANNIA BRITO

Campina Grande - O julgamento do empresário Nelson Marques de Carvalho foi adiado para o dia 16 de março. Ele é acusado de mandar matar o empresário Washington Luis, 51, e a sua mulher, Lúcia Santana, 42, no dia

do casamento deles. Os três eram sócios. O crime ocorreu em março do ano passado. O julgamento iria acontecer ontem.

O adiamento ocorreu em virtude de uma solicitação dos seus advogados. Eles alegaram não ter recebido toda a documentação da fase de

investigação, o que teria dificultado a elaboração da defesa do empresário.

O duplo assassinato teria sido motivado por uma dívida de R\$ 81 mil referente a compra de um carro. Outro ponto apontado pela Polícia Civil, de acordo com as investigações, é o fato de um

dos suspeitos ser sócio das vítimas e, no caso da morte delas, ser o único beneficiário. A polícia acredita que este sócio e o homem que cobrava a dívida foram os mandantes do crime. Além dele, mais cinco pessoas foram indicadas por participações nos homicídios.

Testes com o VLT são retomados

EMMANUELA NUNES

O acúmulo de lixo residencial nas laterais da malha ferroviária da CBTU provocou a paralisação dos testes com o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), que foram retomados ontem. Uma campanha de prevenção com divulgação de panfletos será realizada.

De acordo com o assessor de Comunicação da CBTU, Everaldo Ricardo, a campanha é uma forma de abrir um diálogo com os usuários e a comunidade, além da rádio interna que veicula informações de como preservar o trem, precisamos do apoio da população para evitar depredação e o depósito de lixo na malha ferroviária.

Médicos cubanos

Convênio pode acabar

Brasília - Com mais brasileiros no Mais Médicos, o ministro da Saúde, Arthur Chioro, voltou a afirmar ontem que o programa poderá não precisar de um novo convênio para a vinda de médicos cubanos ao Brasil.

Ao todo, 84% dos médicos inscritos na nova etapa de seleção se apresentaram aos municípios para os quais foram selecionados. O prazo para confirmar a participação no programa terminou na última sexta-feira.

Cerca de 15 mil médicos com registro nacional, a maioria brasileira, se inscreveram na nova etapa do Mais Médicos para ocupar 95% das vagas

CG terá Associação de Cuidadores de Idosos

FRED OLIVEIRA

Campina Grande ganhará na primeira semana de março, a primeira Associação de Cuidadores de Idosos. A iniciativa integra um projeto desenvolvido pela Fundação Pedro Amorim e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que incluiu a capacitação de 30 profissionais na área. A nova entidade será a primeira do Nordeste e a segunda do país e será integrada por profissionais de saúde que já atuam no mercado local.

A Associação de Cuidadores de Idosos funcionará num espaço da Fundação Pedro Amorim

terá o acompanhamento de estudantes da Faculdade de Ciências Aplicadas (Facia), nas áreas de administração, contabilidade e gestão durante os próximos dois anos. "Depois desse período a entidade passará a funcionar com suas pernas", explica José Austerlino Rodrigues, professor da UEPB e um dos colaboradores do projeto.

A entidade também buscará organizar a categoria na região e pretende convidar auxiliares e técnicos de enfermagem que já trabalham na assistência a idosos a participarem. A associação articulará a inserção das pessoas que foram capacitadas no mercado, especialmente em residências,

UFG

Corte de recursos restringe expansão

FRANCISCO JOSÉ

Campina Grande - O corte de 30% nos recursos destinados pelo Ministério da Educação às universidades federais inviabiliza o projeto de expansão da Universidade Federal de Campina Grande, que já acumula dívidas com água, luz, telefone e está sem dinheiro para pagamento aos alunos bolsistas. O reitor Edilson Amorim informou na tarde de ontem, que todos os reitores das Instituições Federais de Ensino Superior estarão reunidos dia 05 de março em Alenas, Minas Gerais, para aprovar um documento a ser entregue ao ministro Cid Gomes, pedindo que a Educação ligue fora dos cortes a serem feitos no Orçamento do Governo Federal para 2015.

Segundo o reitor Edilson Amorim, a UFGC já sofreu em 2014 o repasse de R\$ 20 milhões em recursos de capital

e custeio. "Se forem feitos mais cortes, teremos que renegociar com fornecedores, reduzir consumo de energia elétrica, água, telefone e suspender todas as contratações de terceirizados", afirmou o reitor da UFGC, acrescentando que, se houver corte no orçamento da UFGC, serão comprometidos os projetos de novos cursos já em andamento e a instalação de laboratórios de pesquisa na instituição.

O professor Edilson disse que vem se reunindo mensalmente com outros reitores, para agendar uma audiência com o Ministro da Educação para tratar do assunto. Ele lembra que a Lei Orçamentária Anual (LOA) do Governo Federal para 2015 ainda não foi aprovada pelo Congresso e é importante a mobilização dos reitores, para que os setores da Educação e Saúde fiquem fora dos cortes orçamentários.

Ponto eletrônico

O reitor Edilson Amorim esteve reunido ontem com dirigentes dos Sindicatos de Professores e de servidores técnico-administrativos. Na pauta do encontro a carga horária de seis horas e não adição do ponto eletrônico na Universidade Federal de Campina Grande, que foi uma determinação do Ministério Público Federal.

O ponto eletrônico

é uma ferramenta que comprova o comparecimento do servidor ao seu local de trabalho e se contra uma medida como essa, pode comprometer a imagem da categoria junto à sociedade. No que se refere às reivindicações salariais, a data base dos servidores federais é o mês de março e os entendimentos serão conduzidos em âmbito nacional.

1.966 convocados

Campina Grande - A Universidade Federal de Campina Grande (UFGC) divulgou ontem, a primeira chamada da lista de espera do Vestibular 2015.1. Foram convocados 1.966 candidatos. A lista é fruto das vagas não ocupadas na chamada regular realizada pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU 2015.1).

O cadastramento dos candidatos acontece na próxima quinta e sexta-feira, nas coordenadas dos cursos e dos campi para o qual o candidato foi aprovado. O horário de atendimento será das 08h às 11h30 e das 14h às 17h.

Relação

A lista é fruto das vagas não ocupadas na chamada regular realizada pelo SisU

tramento e obrigatório e o não comparecimento ao ato de cadastramento ou a não apresentação da documentação exigida implica na perda do direito de vaga.

A matrícula em disciplinas acontece no dia 30 de março, e as aulas serão iniciadas no dia 06 de abril.

Chamadas

Caso haja vagas remanescentes, ocasionados pelo não comparecimento do candidato ao cadastramento ou não entrega da documentação necessária, estão previstas mais quatro chamadas, a serem divulgadas nos dias 02, 09 e 16 de março, e 06 de abril.

ANEXO E – Enciumado homem ateia fogo na casa e mata a esposa

CORREIO DA PARAÍBA

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENHA PROTEJA

Jornalismo com ética e paixão Fundador: Teotônio Neto * Ano: LXI * Nº 356 * www.correiodaparaiba.com.br

R\$ 1,50

JOÃO PESSOA

Domingo de homenagens

Governador em exercício, Marcos Cavalcanti comandou as homenagens oficiais ao 85º aniversário da morte do ex-presidente João Pessoa. Pág. A-2



SEM MAOMÉ

Charlie Hebdo não fará mais caricatura

O editor do semanário francês anunciou a decisão seis meses após atentado à redação. Pág. A-7



LOTÉRIAS

Mega poderá pagar R\$ 46 milhões

Pág. A-5

PARA PENSAR!
NO TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO URBANO DE CAMPINA GRANDE

200
ÔNIBUS CIRCULAM DIARIAMENTE

ALÉM DE 20
VEÍCULOS RESERVAS

Vitrine de IMÓVEIS

Encontre o imóvel que você sempre quis.

Assine www.terra.com.br/parabiba

Nova Tarifa JP

Inteira R\$ 2,70
Estudante R\$ 1,35
Passe Livre R\$ 8,00

Outras Tarifas

Aracaju R\$ 2,70
Maceió R\$ 2,75
Salvador R\$ 3,00

Despacho Legal

Brasil fica em 3º e iguala 2011, mas conquista menos ouro. Pág. C-4



Na sua última final, a do vôlei masculino, ontem, o Brasil foi derrotado no tie break pela Argentina, que ficou com o ouro

SÉRIE A

Verdão golcia e entra no G-4

Págs. C-2 e 3

SÉRIE B

Belo se afasta da zona de perigo

Pag. C-1

SÉRIE C

Raposa é líder e Galo empata

Pag. C-1

Dilma pede ajuda aos governadores

'Pacto pela governabilidade' deverá ser tema principal de reunião na quinta-feira. Aos 27 governadores, presidente pedirá que mobilizem bancadas em apoio ao ajuste fiscal. Pág. A-3



Agenda. Trevo de Mangabeira está em lista de entrega. Pág. A-3

Caruaru sofre abalo sísmico de 3,3 graus

Laboratório de sismologia da UFRN confirmou o tremor, que aconteceu na noite do sábado. Pág. A-5

Meninas-bomba fazem atentado e matam 33

Dois ataques terroristas atribuídos ao grupo Boko Haram ocorreram em Camarões e na Nigéria. Pág. A-7

Enciumado, homem ateia fogo na casa e mata a esposa

Maria Lucicleide Félix da Silva, 25, chegou à sua suculenta por vizinhos, ainda na calçada, e depois pelo Samu, mas não resistiu. José Ivanildo Cordeiro da Silva, 32, teve 75% do corpo queimado e estava sobre o telhado quando a polícia chegou. Pág. A-8

Contra a crise, tendas de comida viram alternativa

Em áreas da periferia de João Pessoa,

muita gente viu na atividade um caminho para fazer dinheiro. E investiu. A presença dos vendedores de comida é mais efetiva em bairros como Mangabeira, Geisel e José Américo. Pág. B-3



ANEXO F – Detento mata esposa

Terça-feira, 11 de agosto de 2015 | Paraíba | Cidades

CORREIO DA PARAÍBA | B3

Conselho: 50% reprovados

Va berlinda. Mais da metade dos aspirantes a cargo de conselheiro tutelar de JP não atinge nota mínima em prova escrita; candidatos vão recorrer.

Lucilene Meireles

Candidatos não atingiram nota seis no exame e não poderiam concorrer à função; resultado final será divulgado na próxima semana

Mais de metade (50,5%) dos 95 pré-candidatos ao cargo de conselheiro tutelar de João Pessoa que fizeram a prova escrita no dia 30 de julho foram "reprovados", por não terem atingido a nota mínima exigida. Nesta situação, não poderiam concorrer à função. Porém,

eles já entraram com recurso e os processos estão sendo analisados por uma comissão formada por professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O resultado final deve ser anunciado na próxima semana. A Capital, que hoje tem cinco conselheiros, passará a ter sete a partir do próximo ano.

O teste, de caráter eliminatório, avalia o conhecimento dos candidatos sobre a estrutura da rede de proteção à criança e ao adolescente. A prova teve 21 questões, sendo 20 objetivas, que não poderão ser reavaliadas, e uma aberta.

"Tem uma questão aberta, interpretativa, que vale metade da prova, cinco pontos. É um estudo de caso. Agora, os candidatos vão contra-argumentar, vão defender para ter uma nota melhor em face da resposta que foi dada. Há

Sandro Gomes
Presidente da Comissão Eleitoral de JP

três dias de prazo para o processo de recurso. O processo é junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), mas quem julga o recurso é a universidade, com a reavaliação da prova", explicou Sandro Gomes, presidente da Comissão Eleitoral e membro do CMDCA.

Além disso, segundo ele, há o caso de um candidato que não identificou a prova com o nome e terá que provar que foi feita por ele. Se conseguir confirmar, receberá a nota. Do total, os outros 47 estão aptos a participarem do processo. De uma forma geral, conforme o presidente, os candidatos demonstraram ter conhecimento em relação ao Estatuto da

Criança e do Adolescente e aos temas relacionados a crianças e adolescentes. Segundo ele, esta é uma exigência e todo tem alguma experiência relacionada.

PLEITO 95 pessoas concorrem aos cargos

4/10

Dia das eleições

170

NP da resolução da

Conanda que determina

o processo

247

número de conselheiros na

PB a partir de 2016

4 anos

tempo de mandato

100 mil

número de habitantes por

conselho tutelar

CIDADES	CONSELHO	CONSELHEIRO
João Pessoa	7	35
C. Grande	5	25
Santa Rita	5	25
Patos	4	20
Bayeux	3	15
Sousa	1	5
Cabedelo	2	10
Cajazeiras	1	5
Guarabira	1	5
Sapé	1	5
Total	30	145

Fonte: Carmen Mendes, presidente do CDECA

AUGUSTO CORRÊA

Detento mata esposa

Ainoá Geminiano

Um dos presidiários beneficiados com a suspensão temporária do Dia dos Pais acabou sendo preso durante o gozo do benefício, depois de tentar matar a mulher, no conjunto Ernani Sátiro, em João Pessoa. Juraci Feira do Carmo, 34 anos, foi contemplado com o direito de sair da prisão após 12 meses de prisão. Após a agressão, ele foi lido pelos vizinhos que o surpreenderam até a chegada de uma viatura, que evitou o linchamento. Ao ser preso, Juraci disse que encomendaria a morte da mulher e dos dois filhos adolescentes.

Segundo a delegada Vanderleia Gadi, a vítima contou que, após conseguir o regime semi-aberto e voltar ao convívio da família, Juraci passou a ter um ciúme doentio, suscitando que estivesse sendo maltratado. "Ele sempre foi agressivo", disse a delegada.

10 anos foi o tempo de prisão cumprido pelo acusado até ganhar a progressão da pena para o regime semi-aberto

sivo com a mulher, que nunca o denunciou a situação. "Ele só não conseguiu porque é magrinho e a mulher tem um porte físico avantajado. Por conta disso ela conseguiu se defender, até que os vizinhos perceberam o barulho e interferiram na situação".

A viatura da PM que passava por acaso, evitou que Juraci fosse espancado até a morte. Ele e a mulher, ferida no braço, foram levados para o Ortopedia, em Mangabeira e depois para a Delegacia da Mulher. "Diante disso, além de autuá-lo em flagrante, também solicitamos da Justiça uma medida protetiva para a vítima", disse Gadi.

O diretor da Penitenciária de Segurança Média Hitler Cantaleira, João Paulo, explicou que "os do regime semi-aberto irão cumprir medida disciplinar por qualquer atraso na apresentação. Os do regime aberto terão que se apresentar e devolver a portaria de liberação, mesmo que se precisem se recolher no próximo sábado pela manhã".

"Dentro da viatura e depois na cela da delegacia, o preso repetia que seria apenas uma questão de tempo, até conseguir um telefone celular dentro do presídio, para encomendar a morte da mulher e dos dois filhos, de 12 e 15 anos."

Vanderleia Gadi, Delegada



Segundo a Seap

653

presos dos regimes aberto e semi-aberto de JP e CG foram beneficiados pela saída temporária, no Dia dos Pais

CG: merenda fortificada

Da Codecom

As crianças da Creche Municipal Alcides Cartaxo, no bairro do Cinza, em Campina Grande, começam a receber hoje a suplementação nutricional NutriSUS, estratégia de fortificação da alimentação com micronutrientes em pó. Serão atendidas 72 crianças, com idades entre seis meses e quatro anos. Uma mistura em pó com 15 nutrientes será adicionada à merenda destas crianças, para prevenir casos de anemia.

A Prefeitura de Campina aderiu ao NutriSUS, uma estratégia federal, e está promovendo o fortalecimento alimentar, por meio de uma ação integrada entre as secretarias municipais de Educação e de Saúde. A creche Alcides Cartaxo está sendo a primeira a receber a suplementação, mas, a meta é ampliar a ação, gradativamente, para todas as 36 creches da Rede Municipal de Educação.

O NutriSUS consiste na adição de uma mistura em pó, com vitaminas e minerais, em uma das refeições servidas para as crianças. O objetivo é combater a anemia e fortale-

cer a alimentação, garantindo uma melhor suplementação de vitaminas. Cada sachê de um grama da mistura em pó contém 15 nutrientes, entre eles nove tipos de vitaminas, além de ácido fólico, ferro, zinco, entre outros minerais.

O início do uso será às 11h, na creche Alcides Cartaxo,

durante o almoço. A suplementação será adicionada à merenda por um período de três meses. Depois será realizado um intervalo de quatro meses e, em seguida, o pó volta a ser administrado no mesmo grupo de crianças, por um período de mais três meses encerrando o ciclo.



NutriSUS O lanche de mais de 72 crianças com idade entre 6 meses e 4 anos terá o adicional da mistura em pó

Curso sobre Magia na UFPB

Acontece amanhã e quinta-feira, o minicurso Antropologia: Ciência da Religião e da Magia pelo professor da Universidade de Strasbourg (França), José Maria Tavares de Andrade, das 9h às 12h30, na sala 402 do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O professor apresentará, através da Antropologia, as diferenças e igualdades entre religião e magia. O conceito e a metodologia do minicurso é do sociólogo alemão, Max Weber.

Ao longo da história do pensamento constatamos que os vários modos de saber tornaram-se concorrentes: as religiões e em seguida as ciências emanciparam-se de saber e saber fazer mágico fundando novas legitimidades do saber e poder."

José Maria Tavares
Professor

O CURSO

- Apresentação (ênfase e metodologia)
- O campo da religião (articulação do campo da religião e da ciência)
- Apresentação da Magia Brasileira

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOA VISTA
COMISSÃO DE LICITAÇÃO
CHAMAMENTO PARA COTAÇÃO DE PREÇOS

A Prefeitura Municipal de Boa Vista, Estado da Paraíba, através de seu Pregoeiro e Equipe de Apoio, tendo em vista a dificuldade de realizar PRONISA DE PREÇOS para atender ao SERVIÇO DE ACONDICIONAMENTO DO LIXO PRODUZIDO NESTE MUNICÍPIO, POR UM PERÍODO DE 12 MESES, DURANTE O EXERCÍCIO DE 2015/2016, convida as Empresas Especializadas neste serviço de acondicionamento a COTAR PREÇOS, conforme praticados no mercado, para posterior realização de Pregão Presencial. A empresa deverá ter como referência a serem depositadas no ato, a quantidade de até 50 toneladas por mês. As empresas interessadas deverão encaminhar para o e-mail da Prefeitura de Boa Vista (pm.boavista@gmail.com), a solicitação do formulário de cotação, onde estão detalhadas todas as condições previstas na contratação, que terá um prazo efetivo de até 12 (doze) meses. Dividas adicionais deverão ser elucidadas através do e-mail acima apresentado, bem assim através do fone (83) 3313-1100 – setor de licitações, até o dia 21 de agosto de 2015, data em que será encerrado o período de coleta de preços.

Boa Vista - PB, 10 de agosto de 2015.

FERNANDO VIEIRA DE OLIVEIRA NETO
Pregoeiro Oficial

EDITAL DO RESULTADO DE ELEIÇÃO
- Atendendo ao disposto do art. 53 do estatuto do SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE CAMPINA GRANDE/PB, comunica a toda categoria profissional representada por esta entidade classista, o resultado do pleito eleitoral realizado em 07 DE Agosto de 2015, como segue: Única chapa concorrentes: obteve 56 votos válidos, votos em branco 03, votos nulos 01, portanto sendo a mesma eleita com maioria absoluta dos votos associados, perfazendo um percentual de 73,17% (setenta e três virgula dezessete por cento), desta forma, alcançando o quorum legal e satisfazendo os preceitos estatutários. Campina Grande/PB, 07 de Agosto de 2015. Ana Paula Alves Rodrigues - presidente.

EMPRESA AMIGA DO SOCIAL

Sua saúde é prioridade?
Experimente, planeje e faça já o seu.

USO IMEDIATO EM MAIS DE 800 PROFISSIONAIS CREDENCIADOS, COM PREÇOS QUE CABEM NO SEU BOLSO.

0800 283 8300
João Pessoa

0800 083 7009
Campina Grande

www.apcefsaudepb.org.br

COM A GARANTIA DA
APCEF / PB ASSOCIAÇÃO DO PESSOAL DA CAIXA ECONOMICA FEDERAL

SEJA PARCEIRO DO PROCIC:
Para doações e informações,
83 - 8801.7676 / 9915.9019
f: jardierodriguesprocic@com.br

APOIO INSTITUCIONAL
SISTEMA
CORREIO

ANEXO G – Caso Briggida: 17 anos para o réu

Jornal da Paraíba R\$ 1,50

TERÇA PARAÍBA, 29, SETEMBRO, 2015 ANO 44 • Nº 12.771 jornaldaparaiba.com.br

Escolas mandam pais inadimplentes ao SPC

Débitos batem recorde e alcançam marca histórica de 50%. Empresários não acreditam na "desculpa" da crise **Economia 6**

PSB/PMDB
Troccoli assume com missão de costurar aliança
Página 3

NO BANCO DOS RÉUS. O fotógrafo Gilberto Stuckert, ex-marido da professora Briggida Lourenço, chorou durante o julgamento. A mãe da vítima foi uma das testemunhas de acusação

Caso Briggida: 17 anos para o réu

Gilberto Stuckert, ex-marido da vítima, já havia confessado o crime, ocorrido em 2012 **Cidades 1 e 2**

Servidores dos Correios vão retornar ao trabalho
Após chegarem a um acordo salarial, os funcionários dos Correios, em greve há 13 dias, decidiram retornar hoje ao trabalho. Enquanto isso, bancários se reúnem no dia 1º para decidir sobre paralisação *Página 8*

INSTABILIDADE
Dólar avança de novo e fecha o dia acima dos R\$ 4,00
Economia 6

MUTIRÃO
Prefeitura tentará dobrar arrecadação nos 2 últimos dias
Durante o mês de mutirão, foram arrecadados R\$ 5 milhões, metade do que estava previsto para o período *Economia 6*

DILMA: BRASIL PODE SUPERAR PROBLEMAS
A presidente Dilma Rousseff admitiu ontem, durante discurso na ONU, que o Brasil enfrenta dificuldades, mas afirmou que eles podem ser superados graças à economia mais sólida que o país tem hoje *Página 5*

LÍQUIDA E CORRENTE
Nasa apresenta provas concretas de água em Marte
Página 8

VOCÊ USA O TRANSPORTE PÚBLICO POR ÔNIBUS DE CAMPINA GRANDE E TEM UMA SUGESTÃO? INFORME A STTP
83.3241.1517

GRANDE FINAL DO FESTIVAL Sesi MÚSICA 2015
Dia: 31 de Outubro, às 19h, Eixo Campina Grande-PB

REFORMULAÇÃO
Bota dispensa elenco e começará do zero para a próxima temporada
Esportes 5

Pedalandando Sesi Senat

Inscrições até 27/09
pedalando.sesisenat.org.br

Sintur Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Atacado da Paraíba

Serviços COMERCIAL | JP: 2106 1862 CG: 2102 4554 CLASSIFICADOS | JP: 2106 1818 CG: 2102 4556 ASSINATURAS | JP: 2106 1881 CG: Tel (83) 2102-4526 faleconosco@jornaldaparaiba.com.br

ANEXO H – Gilberto Stuckert é condenado a 17 anos e 6 meses de prisão



Cidades

Jornal do Paraíba

TERÇA 29, SEMEBIRO, 2015

EDITORIA: ANDRÉA ALVES



Escola Redentorista festeja 40 anos esta semana e já formou sete mil técnicos

Página 3

APÓS 10H DE JULGAMENTO. Réu foi condenado por homicídio qualificado, considerando que o fotógrafo cometeu o crime de modo cruel

Gilberto Stuckert é condenado a 17 anos e 6 meses de prisão

Réu foi considerado culpado pela morte de Briggida Lourenço. Defesa pode recorrer e estuda o resultado do júri

Kátia Ramos

Após cerca de dez horas de julgamento e visivelmente abastido, o fotógrafo Gilberto Lyra Stuckert Neto recebeu a condenação de 17 anos e 6 meses de prisão pelo assassinato da ex-mulher, a professora universitária Briggida Rosely de Azevedo Lourenço, morta em 19 de junho de 2012, em João Pessoa. Na sala do 1º Tribunal do Júri da capital, o juiz titular Marcos William de Oliveira, na sentença que condenou o réu por homicídio qualificado, considerando que o fotógrafo cometeu o

crime de modo cruel, matando a vítima por asfixia.

De acordo com o magistrado, a defesa do réu ainda pode recorrer e, enquanto isso, permanecerá preso no Corpo de Bombeiros, onde está desde o início desse ano. Da condenação de 17 anos e 6 meses de reclusão, que deve ser cumprida inicialmente em regime fechado, serão subtraídos os 2 anos e 6 meses que o acusado já cumpriu, desde que se apresente à justiça, em 5 de março de 2013.

“Se o Tribunal (em segunda instância) mantiver essa decisão, do júri da hoje é possível ver

para a execução penal. Enquanto isso, o acusado permanece preso no Corpo de Bombeiros. Se houver o recurso e o tribunal, em segunda instância, negar, ele passa a cumprir a pena em um presídio estadual”, explicou Marcos William de Oliveira.

A mãe, irmão, amigos e tios da professora acompanharam todo o julgamento e esperavam uma pena mais rígida ao acusado. “Quería uma pena maior, porque minha irmã não volta mais. Mas os jurados decidiram dessa forma, não podemos fazer mais nada. A justiça foi feita e deu início ao julgamento do Duac”

disse Ikaro de Azevedo, irmão de Briggida Lourenço.

Ao término do julgamento, Gilberto Stuckert foi levado por agentes penitenciários e não falou com a imprensa, assim como alguns familiares dele que também estiveram no local. Contudo, o defensor público Celestino Tavares, que representou o fotógrafo, disse que diante da sentença vai analisar as possibilidades para reduzir a pena. “A defesa vai examinar com calma esse resultado e ver as providências que são convenientes e cabíveis a serem adotadas”, complementou o defensor público.

Durante o debate entre acusação e defesa, o defensor público Celestino Tavares sustentou o argumento de que o acusado não teria cometido o crime por vingança. “As provas que estão no processo autorizam a defesa a mostrar que Gilberto não agiu por vingança, como quer fazer a acusação”, disse. Em contrapartida, o Ministério Público defendia que o réu deveria responder por homicídio triplamente qualificado.

Continuar na Página 2

TEMPO HOJE

LITORAL

Máx. 30°

Min. 23°

CARIRI

Máx. 33°

Min. 17°

SERTÃO

Máx. 36°

Min. 20°

FASES DA LUA

 **CHEIA**

27 DE SETEMBRO

 **MINUANTE**

04 DE OUTUBRO

 **NOVA**

12 DE OUTUBRO

 **CRESCENTE**

21 DE SETEMBRO

MARÉS

ALTA:

04h54 - 2,7m

BAIXA:

11h00 - 0,0m

ALTA:

17h17 - 2,7m

BAIXA:

23h19 - 0,0m

[illegible]

ANEXO I – “Fui eu quem matou”

2 Cidades

Jornal da Paraíba

TERÇA 29, SETEMBRO, 2015



MARCOS SOUTO MAIOR (*)

De cortar o coração

Desde os tempos do uso da raça, da lã e da rella o livro didático, História Sagrada, me preocupando muito, as guerras santas dos árabes com seus cavalos de raça especial, espadas desenhadas e escudos metálicos. Entretanto, nunca consegui entender, com tanto espaço no mundo, o porquê da conquista dos derrames sangrentos ao povo cristão, quando Maomé, depois de ameaça de morte por opoentes, migrou para Medina em 622 desenvolvendo o expansionismo conquistando a Palestina, Armênia, Mesopotâmia e Egito, formando um gigantesco e rico império. Desde então, os árabes se tornaram soldados de Alá. Verdadeiro recurso extremista para manter historicamente, protegendo o que forem consideráveis ameaças aos seus dogmas e lugares sagrados.

Passada a segunda e mortal guerra mundial, os norte-americanos e europeus se especializaram na venda aberta de armas mortíferas, num fecho comércio mundial em permanente crescimento de lucros fáceis! Tornou-se aberta, sem qualquer obstáculos e impedimentos, situar conflitos determinados e, fora de seus espaços geográficos, a exemplo da América Latina, África, Ásia e Oriente Médio, os quais sendo alvos centrais onde os grandes desejarem atingir, sem medo nenhum. Agora mesmo, o mundo moderno tenta remediar esse povo sofrido que ousou ultrapassar, através do mar Mediterrâneo e das áreas dos desertos, em busca do mínimo para suportarem viver em terra, com a comida modesta e um teto para se agasalhar. Foram usando ou invadindo barcos de pequenos cabalotes, que seguiram para enfrentar de braços abertos, em contraste com a surpresa do enfrentamento, das montanhas de armas fardas dos combatentes, dos tiros de boraça, do spray de pimenta e outros que machucam, ferem e outros até morrerem. Segundo a Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados, recentemente foram mais de trze mil migrantes à Europa chegando pelas várias rotas águas mediterrâneas e atualmente o fluxo chegou aos três mil pessoas por dia.

As televisões de todo mundo, nos faz denunciar lágrimas de tristeza, em todo instante, anunciaram crianças e velhos, abandonadas nas areias do deserto ou na beira mar da imprudência de todos os povos. Nosso Brasil, apenas fora solicitado pelo Centro de Busca e Salvamento Marítimo, através da sua coerta Barroco navegava próximo à Sicília, na Itália e salvou duzentos e vinte imigrantes e, nada mais foi feito em colaboração, tudo porque, esbarrares bilhões de dólares, para orgulho pessoal de Lula e Dilma, nos desvios de verbas públicas para América Latina, quando brasileiros precisam muito mais.

Também temos, sim, o verdadeiro e conhecido calvário dos nordestinos brasileiros, se parecendo também com uma espécie grave de crucificação, desenvolvida numa encruzilhada sem retorno, chegando novamente, sem a menor esperança de alcançar a água indispensável, a fim de simplesmente beber, para matar a sede diária. E numa improvisada boca de fogo formada de pedaços de madeiras e foforo açougueiro, e o precioso líquido se envolve dentro de um pedaço de jibá, uma cuia de ferreiro e um pacotinho de feijão, tudo entrando dentro da caçaria velha amassada aumentando o de comida. Em volta à fogueira mendicância hoderia, nós também choramos copiosamente, quando as lágrimas da terra estendida tacha deixando o resto. Temos um governo federal rico, sem noção do que é preciso para o povo, todavia não distribui sequer a comida simples para os milhares do Brasil, já sendo previsto para este ano de 2015, que será de muito pouco ou quase nada de chuvas. Finalmente, para entender, tenho que recorrer ao teólogo e humanista Erasmo: A pior das loucuras é, sem dúvidas, pretender ser sensato num mundo de delírios.

Advogado e desembargador aposentado

FERNANDO LEAL (*)

A direção da escola

Pela atividade docente itinerante que realizo, tenho a oportunidade de conhecer várias escolas. Isso em vários estados, por regiões diversas do Brasil. E, vendo o que vejo, confesso, não me agrado com a falta de cuidado com as instalações em que vou ministrar aulas, o que comprova que o descaso com a educação é um problema nacional.

Aqui acól, assistindo na TV a um quadro intitulado calendário JPB, que dá voz às diversas comunidades para as quais relata os seus problemas e busquem uma solução, normalmente pela via governamental, vejo que, recentemente, problemas que envolviam escolas fazem parte da pauta dos repórteres. As mazelas variam desde uma quadra que não foi construída, até o esgoto que passa em frente ao prédio dificultando o acesso, além de gerar problemas de higiene e saúde. Mas, de vez em quando, aparece também um caso bem-sucedido que é mostrado para, quem sabe, servir de exemplo. Num desses programas, em matéria ao vivo, estavam lá os alunos, cada um mostrando, muito feliz, o cultivo de hortaliças e frutas que eram usadas na merenda escolar. O administrador da horta aparecia muito orgulhoso falando dos resultados em termos quantitativos da produção de manjericão e outras espécies.

Ocorre que, quando a reportagem é numa escola, não tem como as lentes deixarem de registrar as suas dependências, e não apenas o problema que mata a fome. Exemplificando mesmo a questão estando na quadra de esportes que ficou inacabada, dificultando as aulas de educação física, as paredes da escola são mostradas, bem como as áreas externas. E o que é mostrado? As paredes sujas, riscadas, o mato tomando conta das dependências da instituição, o lixo acumulado por toda a extensão do prédio. Observe que o problema maior é a quadra que envolve uma soma considerável de recursos, além de pessoas qualificadas para trabalhar em sua edificação. Mas tirar o lixo da escola, arrancar o mato que enfleia as áreas externas e dar uma pintada nas paredes, parece que não carece de mão de obra tão especializada assim.

Lembro de uma experiência vivida por um diretor em uma comunidade paulista, que se transformou em manchete nacional. Ao ser nomeado para a direção da escola, ele constatou que todo o material de informática havia sido roubado por bandidos da comunidade. Determinou-se a sair de casa em casa, conversando com os moradores sobre essa situação, dizendo que os filhos deles estavam prejudicados pois não tinham esses recursos para aprenderem. Resultado dessa peregrinação: em pouco tempo todo o material foi devolvido. Por que não promover então, de vez em quando, alguns mutirões reunindo a comunidade escolar e os seus moradores para darem “uma geral na escola”? Arrancar os matos, pintar as paredes das salas, tudo isso é possível contando com pessoas que podem ser encontradas entre os pais dos alunos. E que lá solicitar também aos comerciantes das redondezas da escola que fiquem alguns doações de tinta ou de materiais de limpeza? Será que é absurdo pensar nisso?

Sel que alguns podem até dizer que isso é tarefa do governo, que já pagamos impostos para isso e tome cantilena. Também acho que a obrigação primeira é do Estado. Mas bem que a comunidade, tratada pela direção da escola, também poderia dar uma boa ajuda. (E-mail: f.leal1@gmail.com)

Pedagogogo

"Fui eu quem matou"

Stuckert confessou ter matado Briggida ao ser interrogado pelo juiz e disse estar arrependido

Othacya Lopes

"Fui eu quem matou Briggida", confessou o fotógrafo Gilberto Lyra Stuckert. Neto ao ser interrogado pelo juiz Marcos William de Oliveira na manhã de ontem no 1º Tribunal do Juri de João Pessoa.

O fotógrafo foi indiciado pelo Ministério Público da Paraíba por homicídio triplamente qualificado que teve como vítima a sua ex-companheira, a professora Briggida Roseley de Azevedo Lourenço, em junho de 2012. Segundo o réu, eles teriam discutido após ele ter visto um álbum com fotos da ex-companheira com outro homem. Chorando, ele disse que não era o monstro que todos pensavam, pediu perdão à família e revelou que estava arrependido.

O depoimento do réu teve início com a pergunta do juiz se as acusações do Ministério Público contra ele eram verdadeiras e, então, ele confirmou, detalhando o que aconteceu antes e no dia do crime. Segundo Stuckert, ele passou em um concurso e foi morar em Brasília, deixando Briggida aqui.

Meses depois, ela teria ido a Brasília, passar um tempo com ele. Conforme o réu, o relacionamento estava bem e as possíveis brigas que aconteciam eram comuns a qualquer casal, em sua opinião.

Alguns meses depois, Stuckert disse que não se sentia bem distante da sua família e de Briggida, por isso decidiu pedir exoneração de um concurso e voltar à capital. Ele e Briggida já não estavam tão próximos devido à distância e ela pediu para que ele não fosse morar em seu apartamento. "Ela pediu espaço e

“Nesse momento, discutindo, fui eu caminho para o escritório, ela deu uma pancada em mim e eu perdi o sentido. Não me controlei. Eu fiquei de uma forma que eu não sei explicar o que eu senti naquele momento.”

Gilberto Lyra Stuckert Neto

Familiares: casal de boa convivência

O julgamento de Stuckert começou por volta das 9h com a escolha do corpo de jurados, que foi composto por cinco homens e duas mulheres. Como testemunhas de acusação foram ouvidas quatro mulheres: uma vizinha, a mãe e a tia e uma prima da vítima. Da parte da defesa, apenas uma testemunha estava listada, o pai de Gilberto, contudo ele se ausentou por motivos de saúde, apresentando à Justiça um atestado médico. Nos depoimentos foi revelado o passado do relacionamento do casal que, segundo familiares, não tinha brigas e era sempre de boa convivência.

A primeira a ser ouvida foi Ana Andréa Amorim, vizinha e amiga pessoal da vítima. Segundo ela, Gilberto e Briggida viviam harmoniosamente até o momento em que Gilberto foi morar em Brasília. "Ela me confidenciou que o motivo que fez com que houvesse o esfriamento na relação foi a distância", disse. Segundo ela, por volta das 9h do dia 19 de junho de 2012, Briggida teria

ligado para ela informando da ida de Gilberto e pediu para ela ficar atenta. A vizinha teria ido à rua e, ao voltar, não conseguiu o contato com Briggida.

"Telefonei, interfonei, apertei a campainha e nada. Foi quando decidi abrir a porta, então eu senti a chave dentro e liguei para a polícia. Não tive coragem de entrar", disse, revelando que, ao sentir a chave dentro de casa, percebeu que algo estranho teria acontecido devido às insistentes tentativas de falar com Briggida. A vizinha chegou ao local por volta das 15h. "Um policial me convidou

eu respeitei esse espaço dela", afirmou, dizendo que ela, diferentemente do que foi veiculado pela mídia, não tinha medo dele. "Pelo contrário, tive momentos que nos encontramos, várias vezes. A gente estava se entendendo. Lembro de certa vez quando ela me ligou me chamando para eu levar um biquíni para ela. Eu ligava para ela, não nego, mas ela me ligava também. Tínhamos contato, inclusive fisco", lembrou.

Segundo Stuckert, ele teria decidido montar um escritório e para isso precisava pagar as coisas que estavam na casa de Briggida. Ao chegar ao local, ela teria discutido com as coisas dele, afirmando que não queria que ele entrasse em seu apartamento. Após guardar suas coisas, ele subiu para o apartamento, mesmo contra a vontade da vítima. "Eu entrei, sentei na cadeira e tinha um álbum de fotografia, quando abri era uma foto dela com uma pessoa. Eu conhecia essa pessoa. Era um professor que ensinava com ela. Então brigamos, discutimos, falamos palavras, coisa que eu

não tinha costume de fazer. Nesse momento, discutindo, fui eu caminho para o escritório, ela deu uma pancada em mim e eu perdi o sentido. Não me controlei. Eu fiquei de uma forma que eu não sei explicar o que eu senti naquele momento", relatou.

Após o fato, Stuckert ligou para algumas pessoas, entre elas a mãe de Briggida, afirmando que teria "feito uma besteira". "Aí eu me mandei", disse, referindo-se ao período que fugiu e ficou foragido da Justiça. Foram cerca de 9 meses até ele decidir se entregar. Ainda em depoimento, Stuckert revelou estar arrependido. "Estou arrependido das coisas dele, afirmando que não queria que ele entrasse em meu apartamento. Após guardar suas coisas, ele subiu para o apartamento, mesmo contra a vontade da vítima. "Eu entrei, sentei na cadeira e tinha um álbum de fotografia, quando abri era uma foto dela com uma pessoa. Eu conhecia essa pessoa. Era um professor que ensinava com ela. Então brigamos, discutimos, falamos palavras, coisa que eu

Relembre o caso

Briggida Lourenço era professora e foi encontrada morta no dia 19 de junho de 2012, dentro do apartamento em que morava, no Residencial Petrópolis, localizado na rua Professora Maria Lúcia, nº 2.110, no Jardim Cidade Universitária, em João Pessoa. Segundo os autos do processo, Stuckert teria ido ao local e assassinado sua ex-companheira, Briggida, no época com 38 anos de idade. O acusado a afofou, provocando-lhe a morte naquele mesmo local, sem lhe dar qualquer chance de defesa. O corpo da professora universitária foi encontrado pelos vizinhos da vítima no mesmo dia do crime. Ainda de acordo com o que narra os autos, a motivação torpe do crime teria sido o fato de que o réu estava incomodado com o término do relacionamento de 8 anos com a vítima, ocorrido em meados de abril de 2012, após longo período em que viveram afastados, por ele estar trabalhando em Brasília e ela ter permanecido em João Pessoa.

NA BR-230

Idosa de 70 anos morre após ser atropelada por ônibus em CG

Uma idosa de 70 anos foi atropelada por um ônibus em um trecho da BR-230 que liga Campina Grande ao distrito de São José da Mata enquanto tentava atravessar a rodovia, segundo informações da Polícia Militar. Identificada como Maria Delfino Nascimento Silva, a vítima não mais resistiu aos ferimentos e faleceu ainda no local onde foi atingida pelo veículo, antes mesmo de receber atendimento médico. O acidente

aconteceu na manhã de ontem por volta das 10h30, na rua Portugal, no bairro do Serroto, próximo à Pracinha do Amot.

A vítima residia no sítio São Januário e estava em um ponto de ônibus quando foi tentar cruzar a via e acabou sendo atingida por um transporte coletivo que faz a linha 903 para o distrito de São José da Mata, segundo a polícia.

De acordo com o Serviço

de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), uma equipe médica foi acionada para ir ao local, mas encontrou a vítima já sem vida.

Ainda conforme a Polícia Militar, o motorista do ônibus prestou os primeiros socorros à idosa e só deixou o local após a chegada da ambulância do Samu. Ele se apresentou na Central de Polícia, no bairro do Catolé, em Campina Grande, onde prestou esclarecimentos sobre o

ocorrido.

A equipe do JORNAL DA PARAÍBA procurou a empresa responsável pelo ônibus que atropelou a idosa Maria Delfino, no entanto, foi repassada a informação de que não havia sido recebida nenhuma notificação sobre esse caso.

A rua Portugal liga o bairro do Serroto à rodovia federal BR-230, no acesso à saída do Agreste para o Serroto paraibano.

ANEXO J – A condenação já era certa!

CIDADES

CORREIO DA PARAÍBA | Terça-feira, 29 de setembro de 2015 | B1

Editor:
Andréa Batista
Subeditor:
Aline Guedes
cidades@correiodaparaiba.com.br



Depoimento da mãe, Rosema Azevedo, contou como ficou sabendo da morte da filha e como vive atormentada pela ausência de Briggida.

A condenação já era certa!

Choro, arrependimento e perdão. Gilberto Stuckert é julgado três anos depois de ter estrangulado ex-mulher

Brena Vieira

Mesmo antes do julgamento começar, a expectativa da família e de amigos era que se fizesse justiça.

Choro dos dois lados, arrependimento e perdão marcaram o júri popular do fotógrafo Gilberto Stuckert, então, no Fórum Criminal de João Pessoa. Sete jurados foram convocados para o conselho de sentença que decidirá o futuro do homem

que estrangulou a professora Briggida Lorengo, há três anos. A única testemunha de Stuckert, o pai do acusado, não compareceu. A condenação era certa até para o réu, que confessou o crime, e para a defesa, que torcia apenas para uma pena mais leve.

O júri foi conduzido pelo presidente do 1º Tribunal do Júri da Capital, o juiz Marcos William de Oliveira. O pai de Briggida demonstrava fé: "Vivo em sofrimento, espero que o julgamento seja justo e ele pague pelo ato que praticou. Se não houver

justiça aqui, eu sei que com o pai superior haverá", disse Joseilton Lorengo da Silva. Anteriormente, o pai do irmão da vítima, Ilaro Azevedo, "A gente não sabe o que vai acontecer, mas acredito na justiça. O que ele merece é estar num presídio comum,

com outros criminosos. Pelas qualificações do crime e a crueldade, ele pega entre 12 e 30 anos de prisão.

Sem advogado

Em julho deste ano, Gilberto Stuckert abriu mão do advogado de defesa. O motivo não foi informado. Por isso, o defensor público José Celestino Soares de Sousa, foi indicado para o caso. Ele disse que tentaria reduzir a pena. "A defesa vai trabalhar com o que tem. Haverá uma instrução plenária antes do júri. Esperamos uma pena menor", afirmou.

Pedalando
SEST SENAT
Entrega dos kits
03 de Outubro
Horário: das 8h às 18h
Na unidade do SEST/SENAT de João Pessoa
OU
Busto de Tamararé, Praia do Cabo Branco

A retirada do kit depende do entrega de 10 kg de alimento não perecível (veja lista)

04 DE OUTUBRO
ETAPA JOÃO PESSOA
Local: 1ª praça, Busto de Tamararé - Praia do Cabo Branco
Horário: 8h30

SEST SENAT Sistema Social do Transporte
Sistema Nacional de Aprendizagem do Transporte

Apoio: **Sintur** Sindicato de Transportes Coletivos de João Pessoa

Os jurados

25 pessoas compareceram para o sorteio do júri
7 foram escolhidas
5 eram homens
2 eram mulheres

Doente

O pai do acusado, Gilberto Lorengo da Silva, era a única testemunha da defesa, mas em 2012, o médico alegou que estava doente e não compareceu ao julgamento. O réu ameaçou processar quem divulgasse sua imagem.

Vizinha: "Ela tinha medo"

"Ela já tinha colocado as coisas dele no hall para que ele não entrasse. Vi a porta aberta. A situação estava muito estranha. Não tive coragem de entrar. Chamei a polícia"

Andréa Vieira, vizinha da vítima

Mãe à base de calmantes

Embora tenha tomado calmantes antes de ir ao tribunal, a mãe de Briggida, Rosema Azevedo, chorou em vários momentos. Não se sentiu bem enquanto Gilberto Stuckert depunha e se retirou. "Emocionalmente estou muito fragilizada. A saudade é infinita. Só estou aguentando pela minha neta. Ela precisa de cuidados, porque está com síndrome de Doença de Alzheimer e o acidente", disse.

Rosema foi a segunda a depor: "Ela nunca revelou ameaças, não queria me preocupar. Eu é que tinha medo, sempre disse que não podia confiar em homem"



Quatro testemunhas de acusação foram ouvidas. Devido ao parentesco entre elas e a vítima, o compromisso de testemunha foi retirado. A primeira foi a vizinha e amiga, Ana Andréia Vieira Castro de Amorim. "Nos conhecemos em 2000. Ela estava casada com ele. Era um casal harmonioso. Ele tomou posse em um concurso em Brasília e queria que ela fosse. Ela não tinha pretensões de sair do Nordeste. A distância esfriou o relacionamento. Na semana santa, ela colocou um poncônio. Ela tinha medo e não queria estar só com ele. 'Tu fica atenta!'. Foi o que Briggida me disse quando me ligou na manhã do crime", disse, concluindo o depoimento com o desfecho trágico da morte da amiga. Já a educadora física, Marta Maria Soares de Melo, prima de Briggida, a última a depor, contou que até dezembro de 2011 o casal era "modelito".

"Não tenho vontade de viver. O que me deu forças para continuar foi o perdão. Perdi ele, mas quero justiça. Queria que minha filha voltasse. Sei que um dia nós reencontraremos"

Rosema Azevedo, mãe de Briggida, morta aos 28 anos

Sempre de cabeça baixa

Magro, abatido e de cabeça baixa, foi assim que Gilberto Stuckert permaneceu durante todo o julgamento. Ele se disse arrependido, se desculpa, lembrando a cerca do crime: "Vi um filme de fotos de um outro homem. Era professor universitário e já deixei ela no apartamento dele algumas vezes em en-

contros de professores. Trocamos palavras. Ela me deu uma pancada, me descontrolou e aconteceu. Acabei com a minha vida. Não sou o que a mídia diz. Eu sou um homem mais. Testemunhas: Quem me ajudou foram os pastores da Polízia dos Bombeiros", contou.

Leia em Uol.com - A2

ANEXO K – Mulher estaria tramando estupro das filhas por PM

CORREIO DA PARAÍBA

Jornalismo com ética e paixão

QUINTA-FEIRA, 01 DE OUTUBRO DE 2015

Fundador: Teotônio Neto | Ano LXII Nº 058 | www.correiodaparaiba.com.br | R\$ 1,50

CIDADES

ESPERA DE UM ANO POR EXAME

O mês começa com o alerta sobre a situação de mulheres que têm de fazer o exame da mama. No "Outubro Rosa", o grupo Amigos do Peito lançou campanha para financiar biópsias. » PÁG. B1

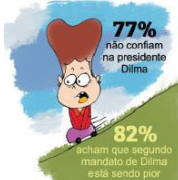


Diagnóstico precoce é fundamental

POLÍTICA

POPULARIDADE DESPENCA

A rejeição ao governo Dilma (69%) é a maior já registrada por pesquisas Ibope desde a redemocratização. » PÁG. A5



2 PREFEITOS E NADA DE GESTÃO

Santa Rita vive dilema e o povo paga caro. Por decisão da Justiça, Reginaldo Pereira deixa a Prefeitura pela 3ª vez. Netinho reassumiu. Tudo isso em menos de dois anos. E já se fala em intervenção. » PÁG. A3

ÚLTIMAS

VOLKS PERDE 'SELO VERDE'

A Volkswagen perdeu os títulos de "Carro Verde do Ano" dado a dois modelos que usavam a tecnologia que agora está no centro do escândalo dos motores a diesel poluentes. » PÁG. A12

PELADOS, PELADOS...

A vítima de violação de imagem nas redes sociais agora foi o casal Stênio Garcia e Marilene. » PÁG. A12



OPINIÃO

ROBERTO C. AVALCANTI

CARANGUEJADA

As patas entram em ação para derrubar a corda e trazer todos para o fundo do fosso em que agentes políticos não cansam de mergulhar. » PÁG. A6



SOCIEDADE

Troféu Heitor Falcão chega à 18ª edição

A cerimônia de entrega das estatuetas ocorre hoje, com grande festa no Paço dos Leões, a partir das 20h, sob o comando do colonista Abelardo Jurema. » CADERNO 2 / PÁG. C1



CINEMA

Estreia 'Perdido em Marte'

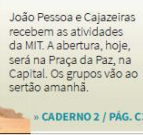
Além do filme sobre a viagem ao planeta vermelho, há 'Vai que cola' e 'Nosferatu'. » CADERNO 2 / PÁG. C3



TEATRO

Começa em JP a mostra internacional

João Pessoa e Cajazeiras recebem as atividades da MIT. A abertura, hoje, será na Praça da Paz, na Capital. Os grupos vão ao sertão amanhã. » CADERNO 2 / PÁG. C3



Gasolina e gás voltam a subir

O aumento de 6% aplicado ontem pela Petrobras nas refinarias vai elevar a gasolina na bomba em cerca de R\$ 0,17. No

caso do diesel, a alta na refinaria foi de 4%. Já o preço do gás de cozinha sobe de R\$ 50 para R\$ 55. » ECONOMIA / PÁG. A10



Novo ministro. Marcelo Navarro é empossado no STJ. Para ele, o Judiciário evoluiu e busca mais eficiência. » POLÍTICA / PÁG. A4

Por dinheiro de empresas, Cunha trava veto de Dilma

A sessão que analisaria os vetos da presidente Dilma, necessários ao ajuste fiscal, ocorreria às 13h de ontem, mas teve que ser adiada por causa de manobra do presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Ele pressiona o Governo porque deseja a volta do financiamento de campanhas eleitorais por empresas, tema vedado na reforma sancionada pela presidente na terça-feira. » POLÍTICA / PÁG. A5



Cunha inventou reunião da Câmara

Desapontadoria passa na Câmara

A Câmara dos Deputados aprovou ontem a chamada 'desapontadoria', que dá ao aposentado que continuou trabalhando o direito de fazer um novo cálculo do benefício. A matéria precisa passar pelo Senado e pela presidente Dilma Rousseff. » ECONOMIA / PÁG. A8

MUTIRÃO FISCAL DA PMJP

Prorrogação. Prefeitura dá novo prazo de 30 dias para contribuinte pagar impostos em atraso com desconto. » ECONOMIA / PÁG. A9

REFIS DO ESTADO

Para quitar dívidas. Mutirão começa amanhã no Espaço Cultural e inclui até casos na Justiça. » ECONOMIA / PÁG. A9

COMO 'PROVA DE AMOR'

Mulher estaria tramando estupro das filhas por PM

O Comando do 14º BPM informou que o policial confessou na Corregedoria Militar ter feito a proposta à mulher. As filhas da namorada têm 14 e quatro anos. » CIDADES / PÁG. B2



MISTÉRIO

Bebê era saudável e foi morto por asfixia, diz IML

O laudo da perícia só não conseguiu determinar se o bebê foi asfixiado antes ou sufocado-se depois de ser jogado numa lata de lixo. » CIDADES / PÁG. B2



ANEXO L – Homem mata mãe e filha por desejar enteada de 15 anos

EXEMPLAR DE ASSINANTE VERBA PROIBIDA

CORREIO DA PARAÍBA

Jornalismo com ética e paixão

SEXTA-FEIRA, 02 DE OUTUBRO DE 2015

Fundador: Teotônio Neto | Ano LXII Nº 059 | www.correiodaparaiba.com.br | R\$ 1,50

GERAL

TESTE PARA SALVAR A TERRA

Seria o 'Armagedon'? A Nasa anunciou que sonda americana vai colidir a 22.500 km/h com asteroide, para testar técnica que salvaria Terra de eventual impacto. » PÁG. A7



Colisão será observada por outra sonda

CONTRACEPTIVO MASCULINO

Pesquisadores japoneses descobriram a proteína presente no sêmen responsável pela penetração do espermatozoide no óvulo. Isso vai possibilitar a criação do anticoncepcional masculino. » PÁG. A7



Festas com espermatozoides de rato

ECONOMIA

INTERURBANO GRATUITO

Chamadas de Longa Distância Nacional feitas em orelhões da Oi para fixo não podem ser cobradas na Paraíba e em outros 13 Estados. » PÁG. A9

JUROS SOBEM E IMÓVEL DISPARA

O custo total de um imóvel de R\$ 800 mil financiado na Caixa aumentou R\$ 160 mil, com as taxas que vigoram desde ontem. » PÁG. A8

POLÍTICA

EDUARDO CUNHA TEM US\$ 5 MI

O MP da Suíça encontrou quatro contas e informou ao MPF brasileiro. Após o anúncio, o presidente da Câmara desistiu de viajar à Itália. » PÁG. A5



Sistema de Transporte Coletivo de João Pessoa

O CAMINHO DA TOCHA

Ministro anuncia 8 cidades e critica postura de clubes

Em João Pessoa, o ministro George Hilton (Esportes) disse que clubes terão que se adequar às novas regras da MP do Futebol. Ele veio definir as cidades por onde a tocha olímpica passará na Paraíba. » ESPORTES / PÁG. B6



O ministro foi recebido pela vice-governadora Lígia Feliciano

NÚMEROS DA FIFA

Nosso futebol vai de mal a pior

A seleção brasileira de futebol perdeu duas posições no ranking mensal da Fifa e aparece agora em 7º lugar. » ESPORTES / PÁG. B5

RANKING

1. Argentina	1.419
2. Alemanha	1.401
3. Bélgica	1.387
4. Portugal	1.235
5. Colômbia	1.228
6. Espanha	1.223
7. Brasil	1.204

Bancário decide parar na terça

Depois de carteiros e INSS, agora são os bancários que anunciam greve. A categoria quer um reajuste de 16% e a Febraban ofereceu 5,5%. A decisão foi tomada ontem e até a segunda-feira ainda se espera um acordo. » ÚLTIMAS / PÁG. A12

TUDO DO MESMO JEITO

Greve na UFPA. Governo não assina acordo e servidores não retornam ao trabalho. » ÚLTIMAS / PÁG. A12



Parque Areia Vermelha. Projeto prevê construção de uma praça no local do antigo Bar do Marcão, no Poço. » CIDADES / PÁG. B2



Cidadão paraibano, Jutay, presidente estadual do PRB, recebe título da AL. » POLÍTICA / PÁG. A4



Outubro Rosa. Lançada no Hospital Laureano, campanha pede apoio para biópsia. » CIDADES / PÁG. B2

Precatório não pode ser pago com depósito judicial

Duas decisões judiciais - uma do ministro Luís Roberto Barroso (STF) e outra do juiz Onildo Queiroga (TJPB) - proibem o Governo de utilizar parte dos recursos de depósitos judiciais para o pagamento de precatórios. Lei havia autorizado o Estado a usar o dinheiro e depois repor. » POLÍTICA / PÁG. A3

POR ORDEM DO TCE

Demissão. Mais de mil prestadores de serviço foram desligados da área de saúde pela Prefeitura da Capital. » POLÍTICA / PÁG. A3

Homem mata mãe e filha por desejar enteada de 15 anos

Cláudia Bernardino de Oliveira, 44, e a filha Vitória, 15, foram mortas a golpes de faca. O suspeito é Juvandilso Marcone, 40, que teria uma obsessão pela menor, segundo linha de investigação da polícia. O crime ocorreu na madrugada de ontem no quarto do casal, em João Pessoa. » CIDADES / PÁG. B1

PM acusado de tramar estupro pode ser expulso

As irmãs de 14 e 6 anos, que seriam as vítimas, estão sob custódia de uma tia. A mãe das garotas continua foragida e o policial está afastado, enquanto seguem as investigações. A trama foi descoberta pela menina mais velha, que teria visto os diálogos no celular da mãe entre esta e o policial militar. » CIDADES / PÁG. B3

EM CAJAZEIRAS E JP

Mostra de teatro tem cinco peças em cartaz hoje

As apresentações ocorrem na Capital e em Cajazeiras. Grupo paulista mostra "Sabão do Sertão", no Teatro Paulo Pontes. Há apresentações no Sesi. » CADERNO 2 / PÁG. C1



DUBLADOR E POLICIAL

Morre brasileiro que fazia a voz de Harry Potter

Caio César foi atingido por três tiros durante operação policial no Complexo do Alemão, região de morros do Rio de Janeiro. Ele era ator de elite. » CADERNO 2 / PÁG. C3



ANEXO M – Grito de liberdade

F12 Paraíba • Domingo, 08 de março de 2015

Especial

CORREIO DA PARAÍBA



Grito de liberdade

Mulheres se libertam da opressão de maridos violentos e reescrevem própria história

FERNANDA FIGUEIREDO

Estar inserida em uma estatística de violência não é realidade fácil de ser enfrentada. Segundo dados do Centro da Mulher 8 de Março, localizado em João Pessoa, apenas em janeiro de 2015 foram registrados 22 casos de violência contra a mulher em todo o Estado. Em 2014, foram registrados 196 casos, entre homicídios, estupro, agressões e tentativas desses delitos contra mulheres, adolescentes ou até meninas. Apesar de o número ser relativamente alto, este é um índice muito inferior à realidade, uma vez que a maioria das vítimas se calam. "O que falta é coragem de denunciar. Sou feminista e sempre me posicionei contra esse tipo de situação, mas quando a agressão aconteceu comigo, eu não soube o que fazer", afirmou Haissa Vitorino, professora, mãe e vítima de violência doméstica por três anos.

De acordo com o último Mapa de Violência contra a Mulher, divulgado pelo Ministério da Justiça em 2012, a Paraíba tem uma taxa de seis mulheres assassinadas para cada 100 mil mulheres – que a nível nacional é de 4,4. Em 70% dos casos, quem espanca ou mata a mulher é o namorado, marido ou ex-marido. Ainda segundo este registro, a cada cinco minutos, uma mulher é agredida no país.

Haissa faz parte deste grupo de mulheres e conta que tudo começou em 2010, quando conheceu o pai de sua filha, que está agora com três anos de idade. "No começo tudo era flores. Estávamos apaixonados e era tudo muito intenso. Mas com seis meses ele passou a ter ciúme de todos, além de depositar em mim a culpa de sua insegurança. Ele dizia que era violento porque eu despertava isso nele. Eu acreditava", desabafou a jovem.

A professora relata que estava grávida e que já morava com o pai de sua filha, três anos mais jovem que ela, quando foi agredida fi-

sicamente pela primeira vez. Após esse momento, as violências ficaram mais intensas e constantes. "Até que um dia ele me surrou enquanto eu segurava minha filha no colo. Ela era só um bebê de três meses de vida. Apenas a protegi enquanto ele me dava socos na cabeça e no braço", contou.

O processo de agressões físicas, verbais e psicológicas durou três anos, até que em 2013, após ser mais uma vez agredida na frente da filha, Haissa tomou coragem para denunciar, pois até então ela não havia contado o fato nem para a família.

"O processo de agressão, desde o seu início, é complexo e envolve uma série de fatores e fragilidades. Sair de uma rede de violência é um passo difícil. Muito mais do que eu poderia imaginar, quando apenas levantava a bandeira e marchava em solidariedade às mulheres vítimas de violência", ressaltou Haissa.

Para ela, o momento de libertação foi também o mais complicado, já que na Delegacia Central de Polícia Civil o atendimento recebido não foi o esperado. "A escrivã conhecia o agressor e tentou o tempo inteiro me fazer desistir da ideia de denunciá-lo. Me dizia que eu estava destruindo uma família, desgrando a vida dele", contou.

Por fim, em setembro de 2014, Haissa registrou um boletim de ocorrência e fez exame de corpo delito comprovando a última agressão sofrida, além de ter exposto todo o seu drama em uma de suas redes sociais. Hoje seu ex-companheiro cumpre medida protetiva de não se aproximar da casa onde ela reside em um raio de 50 metros, ou dela própria, e em locais públicos em um raio de 30 metros. "Publicizei minha história para que outras mulheres pudessem ter a mesma coragem que eu e sair do ciclo de violência. Os agressores é quem precisam se envolver, a culpa nunca é da vítima", concluiu.

Toda mulher tem seu estilo.

Encontre o seu estilo Nissan.

AVENTUREIRA

PARA ELA QUE TEM UM PROJETO DE VIDA E QUER SEGUIR EM FRENTE. É UMA MULHER QUE NÃO TEM MEDO DE DESAFIOS E QUER VIVER A VIDA COMPLETA.



CONECTADA

PARA ELA QUE QUER SE MANter CONECTADA E ATUALIZADA COM O MUNDO. É UMA MULHER QUE QUER VIVER A VIDA COMPLETA.



MODERNA

PARA ELA QUE QUER VIVER A VIDA COMPLETA E TER UM ESTILO MODERNO. É UMA MULHER QUE QUER VIVER A VIDA COMPLETA.



FAMÍLIA

PARA ELA QUE QUER VIVER A VIDA COMPLETA E TER UM ESTILO MODERNO. É UMA MULHER QUE QUER VIVER A VIDA COMPLETA.



8 de março, Dia da Mulher.



CARNEIRO AUTOMOTORES
Av. Epitácio Pessoa, 1758 - Tel: 3515 9119
www.nissanpb.com.br

Carneiro Nissan
@CarneiroNissan



Saiba onde procurar ajuda

Em Campina Grande, o Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes presta auxílio às vítimas de violência doméstica e encaminhando para os serviços psicossociais e jurídicos cabíveis. O Centro está localizado na Avenida Pedro I, no bairro São José, em Campina Grande. Os telefones para contato são 3342-9129 ou 3326-9334. Já em João Pessoa,

um dos tantos pontos de assistência e encaminhamento a esse tipo de caso é o Centro da Mulher 8 de Março, localizado na Rua Duque de Caxias, Centro.

A ONG recebe denúncias de qualquer município da Paraíba e, caso seja necessário, instala estas mulheres em casas abrigos disponibilizadas pelo Estado. Para entrar em contato, basta ligar no telefone (83) 3241-8001.